



**Universidade de Aveiro** Departamento de Línguas e Culturas  
2010

**Eva Maria Cardoso**  
**Gaspar Gomes**

**O Comércio Alfarrabista no Século XX:**  
**a Livraria Académica**



**Eva Maria Cardoso  
Gaspar Gomes**

**O Comércio Alfarrabista no Século XX:  
a Livraria Académica**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica do Dr. António Nuno Rosmaninho Rolo, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

## **o júri**

presidente

Professora Doutora Maria Teresa Marques Baeta Cortez Mesquita  
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Telmo dos Santos Verdelho  
Professor Catedrático Aposentado da Universidade de Aveiro

Professor Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

**palavras-chave**

livro raro, livro antigo, livraria, livraria Académica, Nuno Canavez, Joaquim Guedes da Silva, alfarrabismo, alfarrabista

**resumo**

A presente dissertação propõe-se estudar a relevância cultural e a dinâmica transaccional dos livros raros e antigos, bem como o percurso evolutivo da Livraria Académica. O trabalho organiza-se em seis capítulos distintos, apoiados por anexos, nos quais se incluem as entrevistas realizadas ao proprietário da Livraria Académica, Nuno Canavez, que serviram de ponto de partida ao nosso estudo. A partir do estudo de caso de uma conceituada livraria alfarrabista portuense visamos aprofundar o conhecimento do mercado alfarrabista português.



**keywords**

rare book, old book, bookstore, Livraria Académica, Nuno Canavez, Joaquim Guedes da Silva, [second-hand book-seller](#)

**abstract**

This thesis's proposes are to study the cultural relevance and the transaction dynamics of rare and old books, as well the evolutionary path of the Livraria Académica. The work is organized into six distinct chapters, supported by attachments, which include interviews with de owner of Livraria Académica, Nuno Canavez, which served as a starting point to our study. From the case study of a prominent old-bookstore at Porto, we aim to deepen the knowledge of the Portuguese market of old books.

# ÍNDICE

- INTRODUÇÃO | 7
- A LIVRARIA ACADÉMICA E O SEU FUNDADOR JOAQUIM GUEDES DA SILVA | 14
- NOVA ERA: NUNO CANAVEZ | 24
- O ALFARRABISTA: VARIAÇÕES DE UMA PROFISSÃO | 56
- OS QUE FRANQUEIAM A PORTA DE UMA LIVRARIA ALFARRABISTA: OS CLIENTES | 71
- OBRAS, AUTORES E MERCADO | 80
- A MATÉRIA-PRIMA DA ACADÉMICA: AS OBRAS E SUAS PROVENIÊNCIAS | 101
- CONCLUSÃO | 112
- ANEXOS | 121
- BIBLIOGRAFIA | 179

**O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA**

# **INTRODUÇÃO**

Templos de cultura e de memória – a memória da Humanidade –, as livrarias alfarrabistas, bem como os seus livreiros, resgatam do tempo livros raros, antigos e usados, sacralizando-os e colocando-os sob a admiração de quem transpõe estes espaços de cultura. No seu tempo, uns seriam consultados quase diariamente, outros esquecidos em prateleiras sombrias e encavalitadas; uns chegaram até nós protegidos e considerados, outros abandonados e condenados. Mas hoje, todos estes livros são objectos de mistérios – alguns, de cobiça – e poucos são os que se mostram capazes de os desvendar, só os seus amantes e estudiosos... Como os alfarrabistas. São eles quem melhor compreendem as palavras de Javier Solana Madariga<sup>1</sup>: «reafirmamos a los libros como instrumentos de intervención y como reducto de la memoria de tanta belleza, de tanta dolor, de esa larga búsqueda de certidumbre que es la aventura humana»<sup>2</sup>.

Aferir da relevância cultural e da dinâmica transaccional dos livros raros e antigos, bem como do percurso evolutivo de uma livraria alfarrabista, não é tarefa de simples alcance, nem de somenos importância. Todavia, poderemos concretizar esse desiderato acercando-nos desses livros, vertidos no seu meio... Numa livraria, portanto. Eis o que nos move para estudar a Livraria Académica. Abalançamo-nos num estudo de caso que, confiamos, contribuirá para um enriquecimento da história do livro e dos hábitos de leitura, bem como do mercado alfarrabista.

Conhecer um objecto requer familiaridade com o respectivo domínio conceptual. Acercando-nos das remotas origens do termo *Alfarrábio*, radicamos a sua génese no filósofo árabe, de nome Al-Farabi. Nascido no Turquistão, no ano de 872, Al-Farabi foi um importante tradutor e comentador de Aristóteles. Ligado ao mundo dos livros, devido à sua imensa biblioteca de textos antigos e à sua reputação de grande leitor, Al-Farabi, em algum momento da língua portuguesa,

---

<sup>1</sup> Antigo Ministro da Cultura espanhol.

<sup>2</sup> MADRIAGA, Javier Solana – *Introduction*, in V. A., «Tesoros de España», s.l., The New York Public Library, 1985, p.7.

teve o seu nome transposto para o substantivo comum “alfarrábio”, que passou a designar livro antigo ou velho e, por extensão, o local onde eram guardados ou vendidos<sup>3</sup>.

De acordo com Artur Anselmo<sup>4</sup>, os dicionários etimológicos confirmam a origem da palavra, mas esta só viria a ser definida semanticamente no "Suplemento" do Vocabulário de Rafael Bluteau (1728), onde aparece com o sentido de "livro velho de pouca estimação". A 1ª edição do Dicionário de Moraes (1789) retoma a definição de "livro velho", ao mesmo tempo que o alfarrabista é definido como "o que contrata em livros em segunda mão". Hoje, embrenhando-nos numa incursão por dicionários e enciclopédias, glosando até as entradas e definições de “livrarias alfarrabistas”, esclarecemos que os termos *alfarrabista* e *alfarrabismo* encontram-se merecidamente melhor definidos e conotados. Porém, consideramos que nas definições contemporâneas não se encontra ainda devidamente plasmado, por um lado, a valia e a influência que alfarrabista e alfarrabismo representam na esfera cultural de um país e, por outro, é patente o desconhecimento da actividade e do mérito dos que a ela se devotam. Hoje em dia, não abundam alfarrabistas no país, menos ainda na cidade do Porto. A pretensão de aquilatar e, através desse conhecimento, valorizar e preservar o mundo alfarrabista, é, pois, mais uma motivação que impulsiona o presente estudo.

No que trata às origens do ofício de livreiro, imperam duas teorias divergentes. Uma defende que esta actividade emergiu no século XVI, quando os impressores começaram a interromper o seu labor para atender os clientes que queriam adquirir os seus livros. Nesse seguimento, foi-se desenhando um espaço para aqueles que viriam a ocupar-se da venda das obras do impressor. Outra,

---

<sup>3</sup> <http://www.alfarrabi.com.br/sebo.html> (consultado a 24.06.10).

<sup>4</sup> <http://bibliomanias.no.sapo.pt/alfatext.htm> (consultado a 13.06.10).

porém, advoga uma origem mais remota do ofício de livreiro: terá nascido na Grécia Clássica, com a venda dos rolos dos copistas<sup>5</sup>.

Já no que diz respeito à problemática das origens do comércio do livro antigo ou usado, é generalizadamente aceite que este sempre existiu, mas que se desenvolveu com particular fulgor depois da invenção da imprensa e das primeiras feiras do livro, datadas do século XVI: os *Mess Kataloe* de Frankfurt e de Leipzig são os antepassados remotos dos catálogos da Livraria Académica, inaugurados no Porto por Nuno Canavez.

Em Portugal, na falta de estabelecimentos comerciais especializados na venda do livro antigo e usado, as vulgarmente conhecidas “Feiras da Ladra” responsabilizavam-se por essa transacção. Progressivamente, foram-se firmando livrarias da especialidade, como a livraria portuense mais antiga, a “Moreira da Costa” (fundada em 1902), logo secundada pela Livraria Académica (a segunda livraria mais antiga da cidade, fundada em 1912). Estes dois espaços acabaram por superar a sua mera função transaccional, tornando-se lugares de cultura e de encontro.

A Livraria Académica apresenta-se como um dos mais duradouros espaços culturais e comerciais da Cidade Invicta. No ano de 2012, cumprir-se-á um centenário de comercialização e ganhos, é certo, mas igualmente de serviço à cultura e à cidade, tendo presenteado os portuenses, no decurso dos anos, com exposições, tertúlias e montras de preciosidades. Simultaneamente, empresa e agente cultural.

Os livros são uma necessidade estrutural de qualquer comunidade civilizada. A literatura, ou, por outras palavras, a arte de escrever livros, é merecedora de apreço e impulso. Todavia, haverá a mesma estima pelo acto de recuperar e proporcionar uma nova vida a um livro antigo que, além da riqueza do seu conteúdo, encerra o testemunho de um percurso, revelador da sua própria

---

<sup>5</sup> PONS, Ruan F. (2004) – *Valor y Precio del Libro en la Librería*, in «Precio y Valor del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, p. 171.

história? Afigura-se-nos que nem sempre a arte de vender o livro antigo e raro é devidamente conhecida, divulgada e estimada.

A Livraria Académica constitui um dos testemunhos mais credíveis do alfarrabismo português. Pareceu-nos, portanto, relevante dedicar-lhe o presente estudo, onde tentaremos:

- conhecer a história da Livraria Académica;
- auscultar as vivências dos livreiros (do fundador Joaquim Guedes da Silva e do actual proprietário Nuno Canavez) que corporizam a Académica;
- perceber o *modus operandi* da Livraria;
- traçar o perfil dos frequentadores da Académica e identificar os clientes mais famosos;
- apreender o papel cultural do estabelecimento.

Serão as respostas a estas questões, numa esfera mais circunscrita, que, cremos, ajudar-nos-ão a encontrar resposta a demais questões de investigação de âmbito global, enquadradas no contexto do mercado alfarrabista. Por outras palavras, o desenvolvimento destes tópicos permitir-nos-á conhecer as condicionantes valorativas do livro raro, antigo e usado; saber como opera o mercado alfarrabista e situar a Livraria no panorama alfarrabista nacional.

Temos presente que o objecto de investigação nas ciências humanas não é facilmente tangível<sup>6</sup>, ainda menos quando a investigação nacional na temática que nos propormos estudar é muito pouco significativa. Todavia, estamos convictos de que o estudo particular da Livraria Académica, pautado pelos parâmetros acima apresentados, fornecer-nos-á as ferramentas necessárias para a partir dela projectarmos um retrato mais global do mercado alfarrabista do século XX.

---

<sup>6</sup> “A visão das ciências humanas é polifocal”: DESHAIES, Bruno (1997) – *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*, Lisboa, Instituto Piaget, p. 165.

Por conseguinte, o período sobre o qual incidiremos a nossa análise será o referido século XX, século do nascimento da Livraria Académica (1912) e durante o qual, enfrentou os principais desafios.

Apoiamo-nos em várias entrevistas realizadas ao proprietário da Livraria Académica, Nuno Canavez. Deste modo, a riqueza de uma vida dedicada aos livros sai ainda mais reforçada. O seu testemunho é uma fonte preciosa para o conhecimento da história do livro, da edição e do alfarrabismo.

O intento deste trabalho é, pois, o de partir de uma perspectiva particular e expandi-la para uma esfera global. Tal propósito implicou assumir, desde o início, uma opção pelo cruzamento com bibliografia nacional e estrangeira.

No sentido de tornar este estudo o mais claro e coerente possível, conceberemos a criação de seis partes distintas. A história da Livraria Académica reparte-se em dois períodos: a era pré e pós Nuno Canavez. Com efeito, consagramos capítulos distintos a cada uma deles. Primeiro, tratamos da fase fundacional, marcada pela figura do fundador Joaquim Guedes da Silva. O segundo capítulo inicia-se, por assim dizer, na manhã de 3 de Outubro de 1948 (data da admissão de Nuno Canavez como *marçano* da Livraria), detém-se no relevante momento da transferência da direcção da Livraria para a égide de Canavez e termina nos dias de hoje. Decorrentes dos capítulos iniciais, daremos conta dos articulados basilares e definidores do profissional, o alfarrabista: abordaremos a questão do estatuto social do alfarrabista, as suas funções comerciais e culturais e o seu papel de verdadeiro estudioso do livro. No capítulo seguinte, o palco da nossa investigação dá lugar a outros protagonistas, fundamentais quando o objecto de estudo incide sobre um estabelecimento, cuja função, embora alargada, é sobretudo comercial: os clientes. Questionamos a tipologia dos clientes “que franqueiam a porta” da Académica, as suas motivações e particularidades e damos especial atenção ao bibliófilo. Sempre que pertinente e clarificador, fazemos mester em reproduzir episódios particulares decorridos ao balcão da Académica, informações preciosas partilhadas por Nuno Canavez. O quinto capítulo incide sobre as obras e os autores mais transaccionados e, de modo geral, sobre os meandros do mercado alfarrabista, numa tentativa de



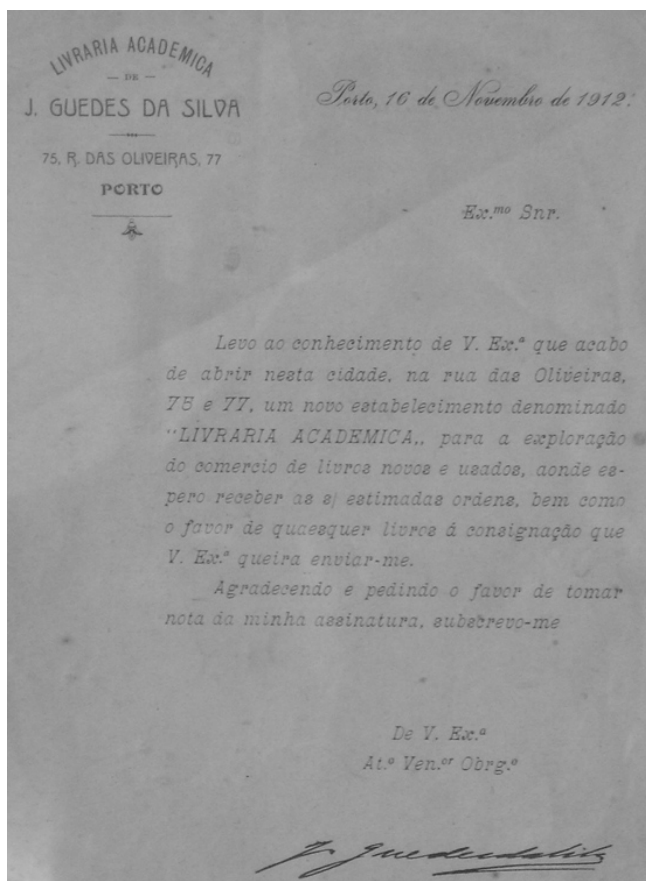
percepcionar as condicionantes que conferem a um determinado livro o título de “preciosidade”. Por fim, abordamos os canais de aquisição de livros antigos e usados, ou seja, os meios ao dispor do alfarrabista para enriquecer o seu stock. Integram ainda esta dissertação uma introdução, um espaço onde se desfiarão as conclusões e, em anexo, reproduzimos as três entrevistas realizadas a Nuno Canavez, ao qual agradecemos toda a simpatia e disponibilidade prestadas. Com efeito, fomos privilegiados no contacto, na simpatia, na total disponibilidade, no completo acolhimento da investigação por Nuno Canavez, sinónimo de Livraria Académica e um dos maiores cultos do panorama livreiro nacional. A ele, os nossos sentidos agradecimentos por ter partilhado connosco a sua paixão pelo livro.

Plasmados, assim, sinteticamente, os pontos de partida para esta dissertação, inauguremos as próximas páginas, onde, além do estudo dos meandros de uma notável livraria alfarrabista, procuraremos também olhar a dimensão temporal dos livros, definidores do evoluir e da acção dos homens. São livros velhos... velhos e preciosos.

**O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA**

**A LIVRARIA ACADÉMICA  
E O SEU FUNDADOR  
JOAQUIM GUEDES DA SILVA**

Aquela que viria a tornar-se numa das livrarias mais conceituadas e peculiares do Porto e do país, a Livraria Académica, abriu as suas portas a 16 de Novembro de 1912, sob a égide de Guedes da Silva. Guedes da Silva, natural do Porto e detentor da antiga 4.<sup>a</sup> classe da Instrução Primária, não era, propriamente, um novato no negócio. Aos 10 anos trabalhava já na Livraria Tavares Martins, sita à Rua dos Clérigos.



Anos mais tarde, franqueou as portas da Livraria Lopes & C.<sup>a</sup>, como funcionário, na Rua do Almada para, de seguida, montar o seu primeiro negócio no ramo do comércio alfarrabista, na Rua da Fábrica, em sociedade com Ferreira dos Santos, seu cunhado. Em 1912, Guedes da Silva, concretizou a fundação de uma nova Livraria, a Académica, tendo-se instalado esta na Rua das Oliveiras, 75-77.

Comprovativo da abertura da Livraria na Rua das Oliveiras.

Todavia, a localização deste estabelecimento alterar-se-ia pouco tempo depois: a falta de espaço motivou Guedes da Silva a diligenciar instalações mais amplas, tendo-as encontrado na Rua dos Mártires da Liberdade, pelo que, um ano mais mais tarde, para aí era transferida a sua Livraria. Até hoje. Além da actividade comercial, o primeiro andar da casa serviu de moradia à família de Guedes da Silva<sup>7</sup>. O lugar apresentava novas e maiores potencialidades:

---

<sup>7</sup> Antes de servir de espaço à Livraria, a Casa fora um espaço de actividades consideradas de “mau porte”. E como tal, nos primeiros tempos, Guedes da Silva era frequentemente incomodado, sobretudo à noite, por visitas de desconhecidos: “Quando lhe batiam à porta, ele descia, abria as luzes, abria a porta de par em par

encontrava-se muito próximo da sede da Renascença Portuguesa, onde funcionava a sua administração, a redacção e a tipografia (“Nos primeiros dois anos, a revista [Águia] foi impressa na acreditada Tipografia Costa Carregal. Somente quando a Renascença Portuguesa, depois de algumas sedes em condições precárias, se muda para um prédio amplo, é que pôde instalar a sua tipografia. No ano seguinte, ocupará a sede própria na Rua dos Mártires da Liberdade (...)”<sup>8</sup>).



Joaquim Guedes da Silva e a Livraria Académica, na Rua dos Mártires da Liberdade.

---

e os visitantes viam livros. Pediam desculpa e iam-se embora”. (...) – in Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 127.

<sup>8</sup> SANTOS, Alfredo Ribeiro (1990) – *A Renascença Portuguesa: Um Movimento Cultural Portuense*, Porto, Fund. Engenheiro António de Almeida, p. 97.

Guedes da Silva, que iniciou o seu percurso comercial no período instável e agitado da I República (1910-1926), fixou, como se constata, o seu espaço no preciso local, na exacta rua onde mais se sentia, na cidade e no país, a efervescência daqueles “mestres desesperançados da República”, como lhes chama Pinharanda Gomes<sup>9</sup>. Tendo a Renascença Portuguesa como propósito “promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola...”<sup>10</sup>, a Livraria parece ter conhecido o melhor enquadramento físico. Além dos intelectuais, preenchiam aquelas ruas os estudantes: contemporaneamente, fundava-se, a poucos minutos de distância, o conceituado Colégio Almeida Garrett, instituição de ensino bastante procurada pelas elites portuenses. Por conseguinte, a Livraria, transferida, como se referiu, em 1913 para a Rua dos Mártires da Liberdade, 10 (onde ainda hoje perdura), instalava-se e dinamizava aquele movimentado pólo intelectual e estudantil da cidade em inícios do século XX, servindo-o e servindo-se dele, num binómio crescentemente funcional e benéfico para ambas as partes. Das três instituições culturais, distanciadas por escassos metros – a sede da Renascença, o Colégio Almeida Garrett e a Livraria Académica – apenas a última prevalece na cidade no século XXI.

Nos princípios da sua existência, a Livraria Académica dedicava-se sobretudo à venda do livro usado, quer o livro literário quer o escolar. Este era, aliás, uma fonte de atracção de clientes, numa época em que o livro escolar durava, no mínimo, cinco anos. Quando esse contexto se desvaneceu, a Livraria abandonou esta vertente do negócio livreiro, mantendo em catálogo apenas o que permanecia vendável do âmbito académico, como os dicionários. Pela década de 1940, especializa-se unicamente no livro usado.

---

<sup>9</sup> GOMES, Pinharanda (1984) – *A “Renascença Portuguesa”: Teixeira Rêgo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, p. 19.

<sup>10</sup> SEABRA, José Augusto (1980) – *O Porto e a “Renascença Portuguesa”*, in «O Porto e a Renascença Portuguesa», catálogo da exposição biblio-iconográfica sobre a Renascença Portuguesa, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, p. 5.

A Livraria Académica atraía não somente o comum portuense, mas igualmente poetas, professores, escritores, artistas, figuras públicas, bem como os vultos da Renascença Portuguesa que com ela se deparavam, a escassos metros da sua sede. Com efeito, cedo afluíram a este espaço de promoção cultural clientes de nomeada. O sobredito facto de a sede da Renascença Portuguesa se situar nas proximidades, tornou presença assídua na Livraria figuras como Leonardo Coimbra, Teixeira Rêgo, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Aarão de Lacerda ou o Visconde de Vila-Moura.

### Uma livraria do Porto coetânea da «Renascença Portuguesa»: a Livraria Académica

Comemora este ano o seu 75.º aniversário uma livraria da nossa cidade que foi fundada sincronicamente com a «Renascença Portuguesa» e que na mesma rua onde esta teve a sua sede – a Rua dos Mártires da Liberdade – tem hoje porta aberta ao público bibliófilo não apenas nacional mas internacional, sendo como é uma das mais conhecidas casas especializadas em manuscritos e livros antigos, que os coleccionadores obrigatoriamente frequentam.

Criada em 1912 pelo livreiro Guedes da Silva, na Rua das Oliveiras, a Livraria Académica, actualmente propriedade do livreiro antiquário Nuno Canavez, vem prestando à nossa cultura, ao longo de sucessivas gerações, um serviço inestimável, devendo-se-lhe a preservação de inúmeras espécies bibliográficas e de textos raros, imprescindíveis aos investigadores e aos amadores da literatura, da arte e da História.

Importa que o papel de livrarias como esta seja posto em evidência, pois a leitura é a chave decisiva de acesso ao mundo da criação pelo público cultivado e também pelo chamado grande público, sem os quais não existe uma vida intelectual digna desse nome. Assim, no mesmo momento em que um grupo de escritores, artistas e filósofos se lançava na aventura de uma revista e de um movimento que animariam durante duas décadas o nosso meio cultural, um livreiro do burgo iniciava uma missão paralela no seu âmbito de competência.

Um dia se fará a história e de outras casas congêneres do Porto – como os de Chaminé da Mota e de Manuel Ferreira que tanto têm dignificado as nossas tradições e contribuído para a modernização da nossa cultura, como espaço de encontro e de convívio dos escritores e dos leitores. «Cultura e Arte» apresenta à Livraria Académica e ao livreiro Nuno Canavez as suas felicitações, associando o 75.º aniversário da «Renascença Portuguesa» à sua idêntica efeméride.

Fonte: *Uma Livraria do Porto Coetânea da «Renascença Portuguesa»: a Livraria Académica*, in «Cultura e Arte», n.º 21, IV série, 13.12.1987, p. 84.

A larga existência desta Livraria permite prolongar a listagem: Miguel Torga, José Régio, Saul Dias, Rebordão Navarro, Alberto de Serpa, José Augusto Seabra, Albano Martins, Fernando Guimarães, o escultor José Rodrigues, são outros bons exemplos. Na actualidade, a Livraria mantém o seu pulsar com todo

um novo escol de clientes, entre os quais e a título de exemplo, Mário Soares<sup>11</sup>, José Hermano Saraiva, Pires Cabral, Valente de Oliveira, António Barreto, Marcelo Rebelo de Sousa, entre outros.

# O alfarrabista que vende livros a Mário Soares

Ex-Presidente da República é um dos ilustres clientes da **Livraria Académica**, um antiquário privilegiado com mais de **150 mil volumes** de obras raras da literatura

**POR: RAQUEL MADUREIRA**  
rmadureira@meiahora.pt

O número 10 da Rua dos Mártires da Liberdade é ponto de paragem obrigatório para escritores e amantes da literatura de outros tempos. A Académica é a segunda livraria alfarrabista mais antiga do Porto e conta com um cliente muito especial: Mário Soares.

A livraria comemora 95 anos no próximo dia 16 de Novembro, 59 dos quais com Nuno Canavez atrás do balcão.

O transmontano que se mudou para o Porto à procura de "uma vida melhor" começou

como ajudante e hoje é o actual proprietário do espaço.

"Lavava o chão e as montras, levava os livros aos clientes, percorria o Porto todo, conhecia tudo de cor", disse Nuno Canavez ao *Meia Hora*, recordando os tempos de marçano na livraria.

**Ex-Chefe de Estado.** Especializada em livros raros e em primeiras edições, várias do século XVI, a Académica é considerada um dos maiores antiquários alfarrabistas do País. "Juntam-se aqui escritores, clientes com diferentes graus de ensino e trocam-se

"[ALFARRABISTA] É DAS PROFISSÕES MAIS BONITAS E ONDE SE PODE APRENDER CONTINUAMENTE"

impressões sobre livros e sobre autores." A fama da livraria não é de hoje e entre os clientes de Nuno Canavez encontra-se o ex-Presidente da República, Mário Soares, que "já era cliente antes do 25 de Abril" e que aproveita as idas ao Porto para visitar a Académica. O alfarrabista diz que Mário Soares é "um indivíduo

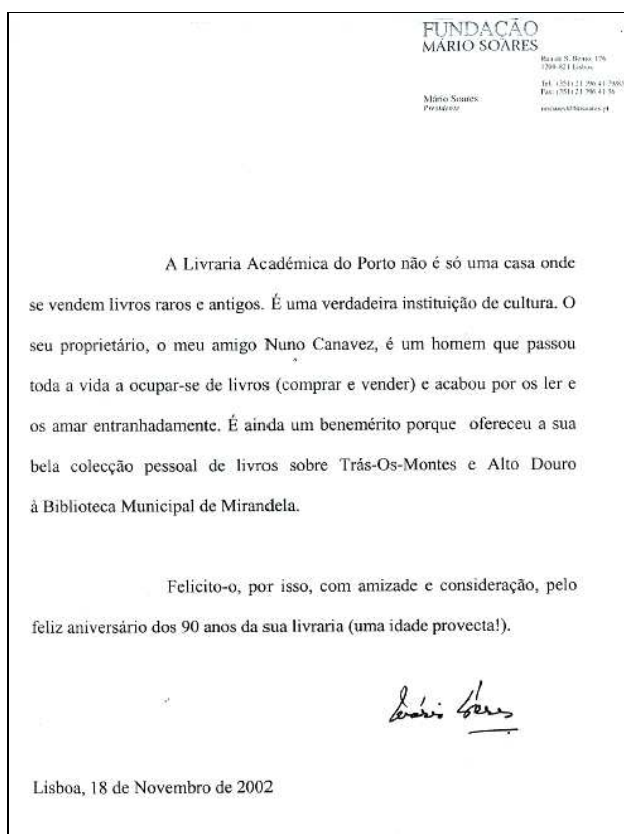
com uma memória excepcional" que tem "edições muito raras" da literatura portuguesa e francesa.

**Ponto de encontro.** Em matéria de clientes ilustres, a Académica tem uma lista considerável de nomes da literatura portuguesa. "José Régio e Miguel Torga passavam por aqui. Também me lembro do Leonardo Coimbra, o Jaime Cortesão e desses mais modernos lembro-me do Pires Cabral, do Fernando Guimarães e de tantos outros" que procuravam "o que não encontravam noutros sítios".

Fonte: MADUREIRA, Raquel – *O Alfarrabista que Vende Livros a Mário Soares*, in «Meia Hora», 29.10.2007, p. 7.

<sup>11</sup> Ao longo destes anos, a área que mais lhe interessa [Mário Soares] tem sido o Constitucionalismo, quer na Monarquia quer depois. Do volume ao folheto, julgo que deve ter tudo quanto foi publicado sobre a implantação da República e a República propriamente dita. Essa é a paixão das paixões dele. Para além disso, interessa-se por primeiras edições, sobretudo, de autores portugueses do século passado, com destaque para Camilo e Eça. Do nosso século, prefere Miguel Torga, Fernando Pessoa, Mário Sá-Carneiro, Jaime Cortesão, António Sérgio e José Régio. Procura comprar todos os livros destes autores, em primeiras edições, ou então noutras quando há alteração de texto. Há bibliófilos e compradores de livros. Ele é um bibliófilo, porque não só conhece os textos como as variações no texto de edição para edição: Nuno Canavez: "O Bibliófilo", in «Jornal de Letras, Artes e Ideias», n.º 662, ano XV, 28.02.1996, p. 9.





Fax de felicitação pelos 90 anos da Livraria enviado por Mário Soares.

Demorando-nos um pouco mais num dos mais ricos patrimónios da Livraria Académica – os seus clientes – muitos são os episódios onde transparece o carácter destes, bem como o modo como se relacionavam com os livros e com a Livraria. Nuno Canavez lembra Miguel Torga, impenetrável e esquivo, mas amável para o jovem funcionário da casa, aquando das suas visitas ao espaço: *Eu estava aqui, nisto que ainda era tudo amplo, a arrumar, e lá disse - Boa tarde - e diz-me ele assim - Tu gostas de ler? - Gosto, gosto, Sr. Doutor. E já li um livro do Sr. Doutor. - Já leste um livro? Que livro é que tu leste? - Li o Portugal. - E diz-me ele assim: - E porque leste o Portugal?, - Olhe, porque tem o retrato de um reino maravilhoso, o meu reino.* Na Livraria Académica, Miguel Torga cumpriu um desejo antigo de aquisição de uma das obras por si muito ambicionada: as “Memórias de Bulhão Pato”<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 135.



Encarando o cliente como muito para além desse *status*, o perfil de Guedes da Silva e o apreço pelos livros fomentou a ligação entre estes vultos da cultura portuguesa e a Livraria Académica, a qual convergia na sua figura. À semelhança do que sucedia com as livrarias mais conceituadas da cidade de Coimbra de inícios do século XX, os livreiros tinham um tal papel no dinamismo do seu estabelecimento, que “nem por isso as livrarias deixaram de ser conhecidas pelos nomes dos livreiros”<sup>13</sup>, isto é, era vulgar designar *Livraria Académica* como a *Livraria de Guedes da Silva*. As prateleiras de livros preciosos e a cativante presença do fundador, cujos pareceres eram frequentemente solicitados por colecionadores e bibliófilos, constituíam-se como factores de atracção de clientes e, cumulativamente, como credores da consideração e amizade dos seus colegas de profissão<sup>14</sup>. No seu espaço, o respeito pelo livro era requisito obrigatório. Por outras palavras, nas livrarias, especialmente nas livrarias alfarrabistas, os livros partilham com o proprietário a alma daquele espaço. As palavras de Héctor Yánover são bastante elucidativas: “Hay librerías donde entraría Balzac y otras que parecen disimular garitos. Hay éstas en las que dan ganas de entrar y aquéllas de las que sólo dan ganas de salir si es posible, sin haber entrado nunca. Sabés donde está la diferencia? En los dueños. Detrás de cada librería hay un hombre responsable de su cara”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> LOUREIRO, José Pinto (1954) – *Livreiros e Livrarias de Coimbra do Século XVI ao Século XX*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, p. 8.

<sup>14</sup> “Os primeiros tempos da sua vida profissional [J. M. Almarjão, livreiro-antiquário lisboeta, proprietário da Livraria Histórica e Ultramarina] trazem-lhe à memória figuras carismáticas da profissão, livreiros de que foi amigo, como João Coelho, os Morais e Arnaldo de Oliveira (em Lisboa), Guedes da Silva e Marinho de Oliveira (no Porto)”: J. M. Almarjão, *um Livreiro-Antiquário Lisboeta ao Serviço dos Investigadores Há Cerca de Meio Século*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 1, Ano I (1997), Lisboa, Edições Távola Redonda, p. 175.

<sup>15</sup> YÁNOVER, Héctor (1994) – *Memorias de un Librero: Escritos por Él Mismo*, Madrid, Anaya & Mario Muchnik, p. 41.



Fonte: *Ler ou Não Ler, Eis a Questão*, in «Maria Rita», n.º 7, ano I, 04.06.1932, p. 9.

Uma primeira prova da qualidade da Académica e do carácter de Guedes da Silva chegou por volta de 1918, aquando da abertura de portas de uma livraria no rés-do-chão da sede da Renascença, com o intuito de rentabilizar a sua intensa actividade editorial, pois a Renascença fez-se, ela própria, casa editora, tendo lançado no mercado 250 livros entre 1912 e 1924, a uma média de 25 por ano<sup>16</sup>. O que poderia configurar-se como um abalo para a Académica acabou por se revelar inofensivo, sem capacidade de macular a projecção da Casa de Guedes da Silva.

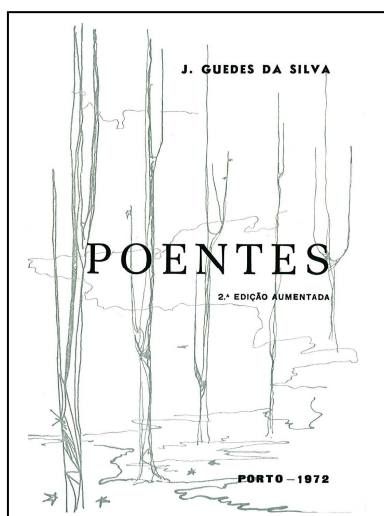
*Uma vez, e esta é mais contundente, entraram dois indivíduos, ou melhor, um entra e outro fica à porta, e a gente viu logo que era alguém com sensibilidade para os livros, pela maneira como tirava o livro. Nunca mais me esquece, que os livros estavam muito apertados, e ele fez assim [exemplifica] para tirar o livro... são pormenores daqueles que sabem e começou a ver. O que estava lá fora, estava impaciente: “Tu não vens?”. “Espera um bocadinho”. E chamou a atenção duas ou três vezes e à terceira vez, diz assim: “Oh pá, vens ou não vens, nunca mais largas essa merda?” O Sr. Guedes da Silva, atrás do balcão dirige-se ao cliente: “Venho convidá-lo a sair e simultaneamente lamento muito que se acompanhe por um indivíduo que, lamentavelmente, confunde livros com merda”. A pessoa pediu muita desculpa, foi-se embora. Veja o Sr. Guedes da Silva que para dizer estas coisas tinha de ser muito picado. Isto assisti eu. Quando diziam mal dos livros, ou tratavam um livro como ele julgava que não devia ser, então...*

Nuno Canavez, Entrevista n.º 1, 16.01.2009, p. 137

<sup>16</sup> RAMOS, Rui (2001) – *A Traição dos Intelectuais*, in «História de Portugal», dir. José Mattoso, vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa, p. 467.

Franquear hoje as portas da Livraria, que curiosa e orgulhosamente se conserva muito semelhante às suas origens, facilmente nos permite adivinhar o fervor das inúmeras e acaloradas discussões ali tecidas: “Ao longo dos dois únicos balcões da loja travaram-se algumas batalhas literárias, leram-se poemas pela primeira vez, novas teorias se expuseram. Havia até quem afirmasse (meio a sério, meio a brincar) que a Académica rivalizava com a própria Academia”.<sup>17</sup>

Com efeito, é indubitável que a Livraria, muito por força de um proprietário de qualidades reconhecidas<sup>18</sup>, também ele dedicado à escrita (Guedes da Silva publicou um único título, «Poentes» (1970), com mais de 200 quadras), se afirmou como marco e referência do panorama cultural da cidade do Porto, e do país, um local privilegiado para a divulgação das novidades literárias, para a defesa de novas perspectivas, consolidação de movimentos culturais e para o dealbar de muitos projectos: “a fundação da revista *Águia*, o órgão da Renascença Portuguesa, foi cozinhada ali”<sup>19</sup>.



“Poentes”,  
da autoria de Joaquim Guedes da Silva.

---

<sup>17</sup> SILVA, Germano – *Tertúlia Cultural*, in «Visão», n.º 614, 9-15 de Dezembro de 2004, p. 7.

<sup>18</sup> Laureano Barros descreve Joaquim Guedes da Silva da seguinte forma: “Da Livraria Académica do Porto (...) recordo, em primeiro lugar, com respeito e saudade a figura do senhor Joaquim Guedes da Silva, que foi o seu fundador. Ao fazê-lo tenho em consideração alguns dos muitos predicados que possuía: delizadeza de trato, seriedade de porte, competência reconhecida e desvelado amor pelo livro”. – SILVA, Germano – *O Último Alfarrabista*, in «Expresso», n.º 1568, 16.11.2002, p. 68.

<sup>19</sup> FÉRIA, Lourdes – *Nuno Canavez, Livreiro de Mérito*, in «Revista Tempo Livre», n.º 155, Dezembro 2004, p. 43.

**O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA**

**NOVA ERA: NUNO CANAVEZ**

*Bibliófilo es una persona capaz de descubrir que el libro no es un objecto,  
sino una intimidad, un propósito.*

Juan F. Pons<sup>20</sup>

*Nuno Canavez é uma instituição. Digo bem. Não é apenas a sua Livraria  
Académica. É o próprio Homem. O que constitui uma raridade.  
Significa ideia de obra ou de empreendimento que se impõe  
ao respeito e à admiração de todos e que perdura no tempo para além da  
vontade daquele ou daqueles que a geram. Isso mesmo.  
O seu amor ao livro, indissociável do seu amor às pessoas,  
criou uma instituição.*

Marcelo Rebelo de Sousa<sup>21</sup>

Com o passo do tempo, a Académica enraizava-se, notabilizava-se, o volume de vendas crescia proporcionalmente, e a carência de alguém que o auxiliasse era cada vez mais sentida por Joaquim Guedes da Silva.

Neste cenário, abriu vaga de *marçano* na Livraria Académica, em 1948. Em Outubro desse mesmo ano, arribava ao Porto um jovem transmontano oriundo de Mirandela, de 13 anos, em busca do seu primeiro emprego, juntando-se assim a seu irmão, que tinha vindo para a cidade no ano anterior, ambos em busca de um futuro melhor do que aquele antevisto na



Casa do Vale de Juncal (Mirandela), onde nasceu Nuno Canavez.

---

<sup>20</sup> PONS, Juan F. (2005) – *La Librería Anticuaria: esse Mundillo Desconocido*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, p. 172.

<sup>21</sup> SOUSA, Marcelo Rebelo de Sousa, in SANTOS, José da Cruz, coord. (2008) – *Nuno Canavez, As Palavras da Amizade*, s.l., Edição Calendário de Letras, p. 67.

Embora perspectivasse que a sua nova profissão passasse por idêntico ramo ao qual seu pai, Eduardo do Nascimento Canavez, se dedicava no Interior, isto é, um estabelecimento comercial que de tudo vendia um pouco, Nuno Canavez, o jovem em questão, apresentou-se na Livraria para ser entrevistado, juntamente com outros 12 candidatos, na manhã de 3 de Outubro de 1948. Na tarde desse mesmo dia, Nuno Canavez conhecia os cantos à casa que viria a ser sua. As palavras do eleito: *Julgo que fui escolhido por esta coisa curiosa: é que o Sr. Guedes da Silva tinha um genro que era natural de Lamego e mostrava certa predilecção pelo rapaz da província, talvez menos experiente, ainda sem aqueles vícios do indivíduo da cidade, mais fácil de domar, mais moldável, portanto.*<sup>22</sup> A entrevista decorreu pela manhã; à tarde já se encontrava ao trabalho. O salário era de 150 escudos.<sup>23</sup>

Foi neste contexto que Nuno Canavez se tornou colaborador, à data o segundo funcionário do estabelecimento, e pupilo de Guedes da Silva (*E agora digo: em boa hora! Porque, de facto, isto é um comércio muito bonito. Tudo o que possa lidar com a cultura, está acima de tudo. E, depois, além da mercadoria, havia a selecção da clientela, que era análoga à mercadoria*<sup>24</sup>).

Provindo ambos de origens humildes, Guedes da Silva, além de incentivar a continuidade dos estudos de Nuno Canavez, começou a formá-lo culturalmente, com base no “livro” que melhor conhecia: a experiência. Um dos primeiros ensinamentos, e mais preciosos, foi precisamente: *Rapaz, nunca pegues num livro indiferentemente*<sup>25</sup>.

Inicialmente, o novo marçano desempenhava tarefas de limpeza do estabelecimento comercial e a entrega de encomendas a clientes, bem como,

---

<sup>22</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 123.

<sup>23</sup> Um salário pouco animador para a época, que obrigava o pai de Nuno Canavez a fazer envios frequentes de mantimentos: todas as semanas, enviava uma canastra de centeio, arroz e açúcar. Mensalmente, remetia uma saca de batatas e 5l de azeite.

<sup>24</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 123.

<sup>25</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 124.

recados avulsos; o atendimento ao balcão era esporádico<sup>26</sup>. Concomitantemente ao trabalho diurno, Nuno Canavez frequentava, em regime nocturno, o Curso Geral de Comércio na Escola Comercial Oliveira Martins, estudos esses, sempre apoiados por Guedes da Silva: *Olha rapaz, quando chegar a tua hora de ir para a escola, tu vais, porque eu posso estar distraído, não me lembrar. (...) E também sempre que podia [Guedes da Silva] ensinar alguma coisa, ensinava, e fazia-o com muito gosto*<sup>27</sup>. Permaneceu na Livraria até perfazer 21 anos, altura em que se viu forçado a abandoná-la, para assim cumprir o serviço militar. Para o efeito, viajou até Bragança e, depois, Tavira.

Guedes da Silva deu prossecução à sua actividade, agora omisso do seu funcionário, até à data, anos mais tarde, em que lhe endereçou um convite, no sentido de readmitir o antigo colaborador. Contudo, o estágio de envolvimento já não poderia ser o dos anos 40, como marçano, mas sim numa posição superior, como seu braço direito. Nuno Canavez já não era o jovem inexperiente de outrora. Tal proporcionou-se porque, com efeito, depois de cumprido o serviço militar, e de regresso à Invicta, Canavez constituiu negócio próprio, em 1958, no mesmo ramo do antigo patrão: estabeleceu sociedade com um coleccionador, detentor de uma biblioteca considerável, abrindo uma livraria na Rua de Cedofeita – a Livraria Lusa. Foi neste negócio que Nuno Canavez ensaiou a sua estratégia de vendas: a elaboração de catálogos. *Estive 4 anos lá. Eu digo que foi o meu estágio porque era sozinho a trabalhar e nunca ninguém tinha feito catálogos no Porto. Portanto, fui o primeiro, de alfarrabistas de livros usados, a fazer catálogos. E eu verifiquei que os catálogos eram muito importantes para a divulgação do livro, do stock*<sup>28</sup>. Esta iniciativa, quatro anos depois, conhecerá a sua interrupção

---

<sup>26</sup> Um antigo cliente recorda da seguinte forma esta primeira incursão de Nuno Canavez: “Menino e moço, deambulando com meu pai por alfarrabistas, entrava na Livraria Académica, quando a Rua dos Mártires da Liberdade se torna mais folgada à custa do Largo de Alberto Pimentel. Entrávamos ali e então o dono era um senhor de pequeno porte, cabelo branco, óculos, afável. Demorávamo-nos por ali algum tempo, eles conversavam. Havia um rapazote apessoado, que trabalhava com denodo. Uma vez, o meu pai disse-me que o sr. Guedes da Silva, o alfarrabista, o considerava seu braço direito e que um dia... deixando no ar uma promessa agradável para o seu aprendiz”. – MOUTINHO, Viale, brochura *Comércio e Tradição*, 2007.

<sup>27</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 123.

<sup>28</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 125.

quando Guedes da Silva, entretanto doente e sem o auxílio do seu genro, propõe o retorno de Nuno Canavez à Académica, aceitando as condições de regresso impostas pelo ex-marçano: um salário de 1500 escudos, ao qual se juntaria mais 10% sobre as vendas dos livros.

De regresso à casa, Nuno Canavez mimetiza o seu proprietário no respeito pelos livros e pelos clientes, imprimindo à Livraria, no entanto, um novo dinamismo e projecção: implementa na Académica o seu conceito de elaboração de catálogos, mas de ora avante já não assente sobre o manancial exíguo e discreto da Livraria Lusa, mas antes sobre o fundo considerável da Académica. Além do pioneirismo desta iniciativa, o invejável manancial de que dispunha a Livraria da Rua dos Mártires conferia uma riqueza acrescida aos catálogos, através dos quais este espaço de cultura e negócio publicitava o seu produto a potenciais clientes.

A este respeito, atentemos nas palavras do protagonista: *Como já tinha a experiência dos catálogos artesanais, convenci o patrão a comprar um copiador manual e, mais tarde, um eléctrico. O nosso stock de livros usados, que era um dos melhores do país, vendia-se bem. Ao fim do mês recebia 4500 escudos, um salário bastante bom para a época. Cinco anos depois, auferia cerca de 40 contos, o que era óptimo se pensarmos que um médico precisava de muito traquejo para atingir esta quantia*<sup>29</sup>.

É neste contexto que Nuno Canavez se torna pioneiro, inaugurando a era dos catálogos no Porto, preciosas descrições bibliográficas, os quais se provaram altamente proveitosos para a actividade, constituindo-se numa montra capaz de publicitar eficazmente um arrazoadado de obras e de géneros literários, edições e autores que os clientes poderiam, e podem, encontrar<sup>30</sup>. Esta evolução conferiu

---

<sup>29</sup> FÉRIA, Lourdes – *Nuno Canavez, Livreiro de Mérito*, in «Revista Tempo Livre», n.º 155, Dezembro 2004, p. 43.

<sup>30</sup> “... os quais [catálogos] vieram alterar, portanto, o panorama que rodeava o livro raro e usado, trazendo aos estabelecimentos escritores e artistas, professores e jornalistas, as pessoas cultas e possuidoras de bibliotecas, os apaixonados por determinadas obras há muito esgotadas, os curiosos de raridades e de



grande visibilidade ao estabelecimento mas, mormente, ao livro raro e usado. Este carácter precursor da Académica concorria para que ambos, Livraria e Livreiro, se afirmassem notavelmente “não só no Porto, mas em todo o país”<sup>31</sup>.

Nos nossos dias, a Livraria não renegou a sua estratégia pioneira: continua a divulgar o seu espólio através da elaboração de catálogos com uma periodicidade bimensal, os quais são endereçados para a vários clientes, nacionais, mas igualmente além fronteiras (sobretudo, secções portuguesas de universidades estrangeiras)<sup>32</sup>. De novidade a objecto incontornável: os catálogos volveram-se, no decurso do tempo, instrumentos indispensáveis para os apaixonados dos livros que, muitas vezes, os aguardam em ansiedade e sofregamente os devoram em busca da obra desejada. Todavia, os catálogos podem contar, hoje, com um mecanismo de divulgação poderoso: a internet.

Na página oficial da Livraria Académica é possível glosar online os catálogos publicados, recorrendo-se, igualmente, à sua expedição via correio electrónico. Não obstante este esforço de actualização e adaptação ao universo da web, na Académica, a divulgação do produto continua a trilhar pela via tradicional – o envio do catálogo físico para a morada dos principais clientes – que, para já, comparativamente com o designado comércio virtual, se continua a afirmar como o veículo de vendas mais eficaz. É estimável, no entanto, que esta realidade tenderá a modificar-se e, provavelmente, a desaparecer. Em Inglaterra, estudos comprovam a adesão ao comércio electrónico de livros em segunda mão, com crescimentos na ordem dos 25% nos sítios da especialidade<sup>33</sup>. Esta evolução das novas tecnologias é credora de mais-valias, enunciando-se as seguintes

---

livros exóticos. SAMUEL, Paulo – *Alfarrabistas do Porto*, in «Tripeiro», n.º 1, 7.ª série, ano XII, Janeiro 1993, p. 21.

<sup>31</sup> *A Tradição Ainda é o que Era*, in «Visão», 9 Dezembro 1996, p. 49.

<sup>32</sup> Cerca de 500 clientes nacionais e 300 estrangeiros. – Dados fornecidos oralmente na entrevista n.º 3 a Nuno Canavez.

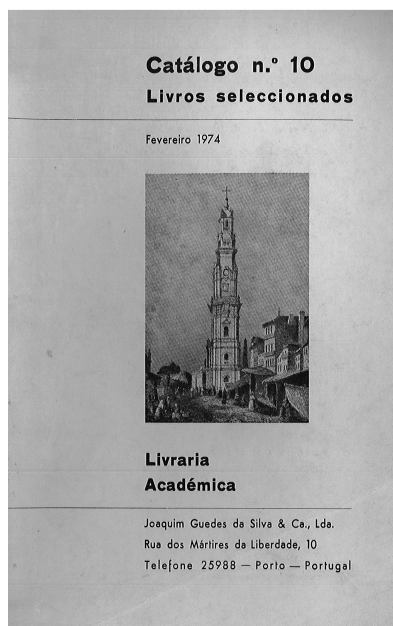
<sup>33</sup> LLOYD-JONES, Annabel; DAVIES, Anthony – *An Investigation of eMarketing within the Second Hand Book Trade* - [http://ecom.fov.uni-mb.si/proceedings.nsf/0/79c9b259518e1e74c1257180002feceb/\\$FILE/04\\_Lloyd.pdf](http://ecom.fov.uni-mb.si/proceedings.nsf/0/79c9b259518e1e74c1257180002feceb/$FILE/04_Lloyd.pdf) (consultado a 01.04.10).

vantagens do mercado web para o livro antigo: é mais económico (o que se pode repercutir nos PVP dos livros); é de imediata actualização; além do assinalável facto de alcançar um mercado à escala global durante 24 horas por dia. Além do exposto, o comércio online patenteia um carácter mais equitativo para os clientes: todos eles, possam ser vizinhos das livrarias ou habitantes da província mais longínqua, recebem a informação *ex-aequo* (se partirmos do pressuposto de que todos têm acesso a um equipamento informático devidamente conectado com a web).

Nuno Canavez, o actual responsável pelo crivo das entradas que constam dos catálogos da Académica, segue as estratégias que a experiência lhe foi evidenciando como as mais assertivas. Primeiramente, predomina a preocupação em elucidar, da forma mais cabal possível, o cliente, facultando-lhe um descritivo pormenorizado do exemplar, bem como uma avaliação fidedigna do estado de conservação do mesmo. Num momento posterior, impera o cuidado com a diversificação, quer com a tipologia do livro e com o autor, quer com o próprio custo do exemplar, no sentido de (tentar) contentar todos os interesses e carteiras – em média, o somatório total dos valores dos títulos divulgados nos catálogos da Académica perfazem uma quantia entre os 100 e 150 mil euros<sup>34</sup>. Os catálogos denotam ainda uma preocupação em evitar a repetição, isto é, um livro não vendido, geralmente, não figura no catálogo seguinte, sendo suprimido para reingressar num novo catálogo publicado alguns meses mais tarde.

---

<sup>34</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 146.



Livraria ACADÉMICA	Catálogo n.º 230 — Abril/2007	Pág. 1
6485	BRASÍLIA. REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA. DIRECTOR: PROF. DR. REBELO GONÇALVES. Coimbra, 1942-1945-47, vols. I-II e III e VII-XXII-963 págs. Broch. 75,00 € Valiosa colaboração de A.A. Mendes Correia, A. de Fozza Brito, A. de Almeida Gouveia, Afonso Formosa, Afonso Lopes Silva, Agostinho de Campos, Alfredo Pinheiro, António Balda, César Figueira, Álvaro de Castro Pimenta, Luís Chaves, Orlando Ribeiro, Saraiva Leite, Torquato de Sousa Soares, Vítorino Nemésio etc.	
6304	25 ANOS DE UMA PARÓQUIA. MONOGRAFIA DO CARVALHEO. 1941-1996. Porto, 1992-447-págs. Broch. 20,00 € Ilustrado.	
6239	ADRAÇÃO (JOSÉ VICTOR) - ALGARVE. Lisboa, 1983-447-págs. Broch. 15,00 € Ilustrado. Da colecção "Novos Guias de Portugal".	
6238	ADRAÇÃO (JOSÉ VICTOR) e NATÁLIA PRYTO - RUI RASQUILHO - LISBOA. Lisboa, 1983-447-págs. Broch. 15,00 € "Novos Guias de Portugal". Ilustrado.	
6449	AGUIAR (ADELBALDO ANTÓNIO D') - O "REI FOROSDO" - A "FLOR DE ALFURA". Lisboa, 1924-447-págs. 1ª edição e 4ª edição. 10,00 € Estado genealógico interessante. Obra muito apreciada. Exemplar apurado antes e depois e conservando a capa de brochura.	
6320	ALBUQUERQUE (MARIA PAULA VILHENA BEIRÃO) - O MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE AGUIAR EM RIBACOA. Figueira da Foz, 1998-447-págs. Broch. 15,00 € Ilustrado.	
6361	ALMEIDA (ALBINO FRANCISCO DE FIGUEIREDO E) - MEMÓRIA SOBRE O EQUILÍBRIO DOS SISTEMAS OU FÓRMULA DAS VELOCIDADES VIRTUAIS. Lisboa, 1895-447-págs. Broch. 15,00 €	
6321	ALMEIDA (ANTÓNIO JOSÉ DE) - QUARENTA ANOS DE VIDA LITERÁRIA E POLÍTICA. Lisboa, 1933 - vol. I - 447-págs. Broch. 15,00 € Trata da "Jornalista" no 21 de Janeiro. A participação voluntária e o regresso de Aires. A reconstituição do Partido Republicano. A Campanha eleitoral de 1936. A entrada republicana no Parlamento. Com várias fotografias. Apenas o 1º e 2º volumes completos, compõem o quarto.	
6256	ALMEIDA (FALHAO D') - ACTORES E AUTORES. Imprensa da Imprensa. Lisboa, 1925-447-págs. Broch. 30,00 € Primeira edição.	
6341	ALMOGDIVAR (ANTÓNIO) - RODRIGUES DE FREITAS. A obra e o Conde de. Actas do Colóquio, 28-29 de Outubro de 1986. Palácio da Bolsa. Porto, 1987-447-págs. Broch. 20,00 € Colaboração na organização: Jorge Fernandes Alves e Maria do Pilar Garcia. Magnífica colaboração.	
Livraria ACADÉMICA	Catálogo n.º 230 — Abril/2007	Pág. 2
6364	ALVARÁ, COM FORÇA DE LEI, por que Vossa Magestade ha por bem extinguir as Forças de Santa Catharina em qualquer lugar d'ellas terras, onde se achem estabelecidas, com todas as officas, empregos e pertencencias, damgundo todas as regimentos e ordens applicaveis, com todos. Porto, 1771-447-págs. Broch. 25,00 €	
6366	ALVARÁ, COM FORÇA DE LEI, por que V. Magestade he servido ampliar o alvará do capitulo de Foz de 1780, que trata do Regimento, e mais providencias nelle declaradas para o Regimento da Cidade de Tavira, e mais terra, de que he Donatário o Paul Constante do Sacramento Conde. Lisboa, 1787-447-págs. Broch. 30,00 € Da multa impressa para Tavira.	
6362	ALVARÁ, PELO QUAL VOSSA ALTEZA REAL ha por bem crear, e estabelecer huma Escola de Frades da Ordem do Mosteiro de São Paulo, nomeando hum director, hum ajudante e dous discipulos, tudo na forma assina declarada. Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Gonsalves, 1853-447-págs. Broch. 25,00 €	
6368	ALVARÁ, POR QUE V. Magestade, ha por bem da cancelar a Fabrica de Lencinhos do Capitulo Simão Pereira da Silva, e suas officinas, engidos nas vilas da Coimbra, e Cistercio da Bacia, e bem assim a todos as mais Fabricas de semelhantes naturezas, que neste Reino. Lisboa, 1788-447-págs. Broch. 25,00 €	
6445	ALVARÁ, POR QUE VOSSA MAJESTADE, obtendo aos graves, e dilações abusos, com que se fraudava a Faculdade da Universidade, na logima prestação dos Laureados, que he sido devido, na falta de reconhecimento, e encorajamento dos numerosos Frades, de que a referida Universidade he senhora. Lisboa, 1774-447-págs. Broch. 25,00 € A partir da página nove vem "Farta do que as Cárceas dos Reinos abaixo declaradas, são de constituir assuamente pelas suas respectivas rendas."	
6248	ALVES (LOURENÇO) - A COMENDA DE SANTA MARIA DE CARREÇO. (Monografia) Viana do Castelo, 1989-447-págs. Broch. 15,00 € Ilustrado.	
6423	ALVES (MANUEL DOS SANTOS) - O TEXTO LITERÁRIO. 1ª edição. Lisboa, vol. I (1979) 447-págs. Broch. 12,50 € Versão definitiva. Publica, Estilística, Gêneros Literários.	
6365	AMARAL (ANTÓNIO CAETANO DQ) - VIDA E REGRAS RELIGIOSAS DE S. FRUCTUOSO BRACARENSE. Impressas pela primeira vez, neste reino, com traductão em vulgar e novo etc. 1777. Coimbra: D. João de Deus. Lisboa, Imprensa Regia, 1892-447-págs. Broch. 35,00 € Com folla das páginas 172 a 177.	
6386	AMEAL (JOÃO) - SANTOS PORTUGUESES. Porto, Livros: Taurus Martins, 1927-447-págs. Broch. 50,00 € Os santos portugueses são: S. Teotónio, Santa Isabel, Santo António, S. João de Deus, S. Gonçalo Garcia, S. João de Brito. Depois trata humada dos Santos Portuguezes e alguns portuguezes sanctificados. Boa edição ilustrada pelo pintor Manuel Lapa.	

Catálogos (capa e miolo) da Livraria Acadêmica.

Este instrumento de divulgação, contrariamente ao que poderia deixar antever, não passa sem provocar atritos, pois não são raras as desilusões, e algumas disputas até, provocadas pelo conteúdo destes catálogos. Quando neles figuram livros, realmente raros e muito ambicionados, a rapidez com que se acede aos aguardados catálogos é decisiva, no sentido de concretizar a ansiada aquisição do exemplar. À guisa de exemplo, é tão comum como frustrante, o livreiro receber um telefonema de alguém a solicitar a compra de um exemplar há muito desejado, não podendo o livreiro satisfazê-lo por este ter sido reservado exactamente no telefonema anterior. O envio dos catálogos por correio postal, como é corrente, pode, igualmente, despoletar algumas injustiças, uma vez que a entrega dos catálogos aos diversos clientes, de diversas localidades, não sucede ao mesmo momento. Definitivamente, habitar as grandes cidades, onde geralmente se localiza a generalidade dos grandes alfarrabistas, condiciona maiores oportunidades; já o comprador do Interior terá como recurso somente o telefone, a correspondência e, porventura, a internet. Não é raro que a amizade entre livreiro e cliente prevaleça nestas situações, resultando, por vezes, na oferta directa, e em primeira mão, de quem vende a quem quer comprar.

Embora, nos dias que correm, Nuno Canavez já não proceda assim (pois a internet, ao disponibilizar a informação instantaneamente, já não o permite), durante muito tempo, este optou por dar prioridade ao envio dos catálogos para clientes nacionais e, só volvidos oito dias, os enviava para os clientes estrangeiros – *porque tinha interesse que o livro ficasse cá, podia voltar a comprar mais tarde, como aconteceu muitas vezes. Ao passo que se for para o estrangeiro, dificilmente voltaria. Não só valorizava o stock nacional, digamos, o património cultural, e eu tinha ali possibilidades de voltar a comprar*<sup>35</sup>.

Pelo exposto, a política pela qual o livreiro norteia os seus catálogos pode, não raras vezes, servir os seus interesses, implementando pertinentes estratégias negociais. Entre as muitas considerações que o conceituado bibliófilo português, José Vitorino de Pina Martins, relata na sua obra “Histórias de Livros para a História do Livro”, consideramos uma, em particular, bastante relevante neste contexto. Citemo-la:

“Num dos seus últimos catálogos dos anos 80 [do livreiro-antiquário Juvenal Leão da Cunha] ofereciam-se por elevados preços livros portugueses, espanhóis, franceses e italianos do século XVI. (...) Entre esses livros, figurava um, impresso em Coimbra, da autoria de um humanista menor, mas que me interessava muitíssimo por algumas referências ao filósofo Giovanni Pico della Mirandola e por alguns textos claramente influenciados pelo autor do *De Homini Dignitate*. O preço pedido não era elevado e, assim, telefonei para saber se estava disponível. O jovem Juvenal Leão da Cunha respondeu-me que sim: o livro estava à minha disposição, mas só poderia vender-mo se eu aceitasse ceder-lhe um *Livro de Horas*, impresso em Paris sobre pergaminho, dos inícios do século XVI, que eu considerava como a jóia mais bela da minha biblioteca. Adquirira-o por um preço elevado para, no futuro, me servir de moeda forte com vista à aquisição de obras importantes para os meus estudos, não, porém, na livraria de um incipiente livreiro luso, mas junto de um grande livreiro francês, italiano ou inglês. Disse-lhe que, por ora, não me era possível ceder aquele cimélio, ao que ele me retorquiu:

---

<sup>35</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 174.

– Nestas condições, eu também não posso, por ora, ceder o item apetecido por quem neste momento me consulta.

Perante uma tal resposta, agradeci, dei as boas tardes e desliguei o telefone. Parecia-me uma atitude inexplicável. Pretendia o jovem livreiro pedir-me pelo impresso português, que não valia mais de cem mil escudos, uma raridade que valia trinta vezes mais? Como se tivesse escutado este meu raciocínio, o moço telefonou-me imediatamente, esclarecendo: – Eu não proponho uma troca pura e simples de um livro pelo outro... Estou disposto a conceder-lhe não só este livro mas outros oferecidos no catálogo, no caso de estar disposto a ceder-me o seu *Livro de Horas* (...).

Respondi: – Mas todos os livros do seu catálogo estão ainda disponíveis?  
– Pois é evidente que estão. Aliás enviei-lhe o primeiro exemplar do catálogo com vista a obter o seu *Livro de Horas*; só dentro de uma semana farei a distribuição...  
– Deixe-me reflectir. Saudei-o e desliguei.

Juvenal Leão da Cunha era, pois, mais atento e desenvolto do que eu supusera. (...) Uma hora passada, voltei, pois, a chamar telefonicamente o moço alfarrabista, mencionando-lhe, um a um, os livros que eu pretendia. Respondeu-me:

– Dentro de uma hora estarei em sua casa com os nove *item* que deseja. Prepare-me o *Livro de Horas* pois levá-lo-ei comigo, amanhã mesmo, para Paris...<sup>36</sup>

Os catálogos patenteiam grande manancial de informação, quer de enfoque comercial (através da apresentação dos preços correspondentes a cada entrada presente no catálogo), quer de enfoque técnico, através da riqueza das suas descrições, que permitem ao investigador conhecer o substrato do livreiro, bem como avaliar a postura ética do profissional, pois demanda-se um comportamento deontológico rigoroso nas referidas descrições. São imperiosas a

---

<sup>36</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina (2007) – *Histórias de Livros para a História do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 287-289.

identificação e descrição exactas, bem como a referência às eventuais contrariedades dos exemplares<sup>37</sup>.

Em suma, o valor que envolve estes catálogos tende a torná-los documentação de larga pertinência histórica e, curiosamente, alvo do interesse de coleccionadores: “Los catálogos de venta que editan muchos libreros son (...), gracias a sus perfectas descripciones, instrumentos auxiliares para el bibliófilo y un médio excelente para determinar las oscilaciones del valor de los libros en el mercado”<sup>38</sup>.

“Quien ame apasionadamente los libros encontrará en un catálogo, a cada paso, motivos de sorpresa, de asombro, de codicia, de pasmo y de admiración. Este libro que se anuncia en el catálogo que tenemos entre las manos, es realmente la edición que codiciamos? De tal obra existe una edición fraudulenta; hay también una edición del mismo año que la que nosotros ansiamos; pero con una variante de importancia. Además, en esta edición anunciada, estará el retrato del autor y la tasa y la fe de erratas que en algunos ejemplares se han suprimido?”

CONNOLY, Cyril (2000) – *La Caída de Jonathan Edax y Otras Piezas Breves*, Barcelona, Grijalbo-Mondadori, p. 35

---

<sup>37</sup> Hans Tuzzi, no seu estudo “Libro Antico, Libro Moderno”, salienta três aspectos como os mais importantes a serem mencionados nos catálogos: a presença ou ausência de sobrecapas, a data da edição, o número de páginas: TUZZI, Hans (2006) – *Libro Antico, Libro Moderno: per una Storia Comparata*, Milão, Edizioni Silvestre Bonnard, p. 183.

<sup>38</sup> MUÑOZ, José Maria Carrascal – *La Bibliofilia*, in «Cuadernos de Bibliofilia», n.º 1, Julho 1979, Valencia, Albatros, p. 58.

### O espólio de Gaspar Simões

MAIS um espólio de valor inestimável — o de João Gaspar Simões — acaba de ser entregue a instituições culturais que lhe darão por certo a utilização devida. Por um lado, cerca de onze mil volumes que pertenciam àquele crítico e escritor foram confiados à cidade de onde era natural, a Figueira da Foz. Por outro lado, um vasto espólio documental foi doado pela filha de João Gaspar Simões à Biblioteca Nacional. Desse acervo fazem parte inúmeras cartas (correspondência com Aquilino, Sérgio, Botto, Ferro, Joaquim de Carvalho, Irene Lisboa, etc.), manuscritos e recortes de Imprensa. Uma nota da SEC observa que «Gaspar Simões separou-se de alguns documentos emblemáticos do Primeiro Modernismo e da Presença, cujo paradeiro se ignora» e alude ao interesse histórico que

teria a sua localização. Nessa perspectiva, é curiosa a consulta do último Catálogo de Livros Seleccionados da Livraria Académica, do Porto. Elaborado por Nuno Canavez, o catálogo descreve, por exemplo, primeiras edições de obras de Branquinho da Fonseca e de António Botto com dedicatórias a Gaspar Simões, a par de uma carta a este endereçada por Agustina Bessa Luís em Junho de 1959, e outra remetida de Madrid por Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes (sem data). Onde, porém, deparamos com um vasto conjunto epistolar que contém verdadeiros «documentos emblemáticos» que interessam à história da Presença é no lote de 182 cartas e 46 postais de Adolfo Casais Monteiro a João Gaspar Simões, datados entre 1929 e 1938 e ao alcance do público (ou do Estado) pela módica quantia de 700 mil escudos. Embora sem relação com Gaspar Simões, aproveita-se para aludir a outras preciosi-

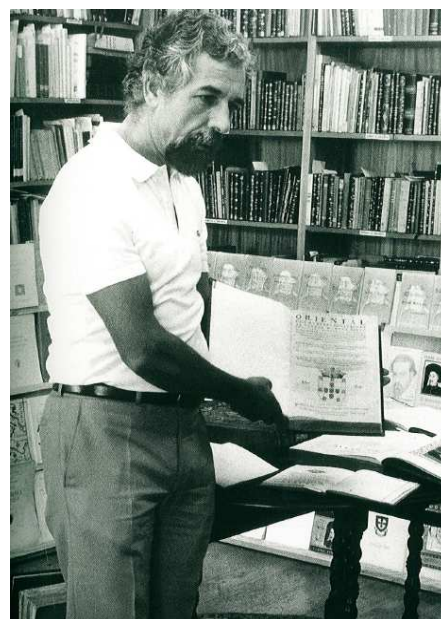


dades que o catálogo da Livraria Académica menciona: primeiras edições de Antero, Eça, Fialho, Wenceslau de Moraes, Raul Brandão, Pascoaes, Régio, Carlos Queiroz, Nemésio, Torga, Vergílio Ferreira, Namora e outros; uma colecção da Presença, orçada em 800 mil escudos, o Orpheu, a Contemporânea (incluindo o número espé- cime), a Mensagem, Os Gatos... E uma edição da Peregrinação datada de 1678.

Fonte: *O Espólio de Gaspar Simões*, in «Expresso», 11.04.1987

Finda esta incursão à pertinência e permanência dos catálogos da Académica, retomemos o desenrolar de acontecimentos que se adiantam, generalizadamente ditados pela preponderância de Canavez: no início da década de 1960, este assumiu a gerência da Casa e, em 1962, Guedes da Silva considerou mester fazer do funcionário seu sócio, ficando este com a terça parte do negócio. A Académica guinda-se, cada vez mais, a estabelecimento obrigatório para os que procuram obras raras e primeiras edições, manuscritos e gravuras, postais antigos, revistas avulso e almanaques...

Os anos sucedem-se e, entrados na década de 1970, a Académica perde o seu fundador. À morte de Guedes da Silva, a 15 de Janeiro de 1972, Canavez fica compelido ao pagamento de uma mensalidade a favor da viúva. Anos mais tarde, esta entendeu por bem doar, em testamento, a sua quota-parte da Livraria a Nuno Canavez que, desta feita, se assumiu como único proprietário da Livraria, conduzindo-a rumo ao seu centenário. Um percurso moldado pelas próprias vivências do país.



Nuno Canavez.

Por conseguinte, o ofício de livreiro entrou, por diversas ocasiões no transcurso da História, num caminho de ruptura com os poderes político e eclesiástico. Com uma vida tão longa, a Académica não foi excepção. Não obstante os êxitos que conheceu, de igual modo, foi conscrita a enfrentar algumas atribulações, mormente no período ditatorial do Estado Novo, onde o lápis censório sobre as obras consideradas atentatórias ao regime imperava, sobretudo, em meios culturais nos quais a Académica se integrava. “Quando os Lobos Uivam” de Aquilino Ribeiro<sup>39</sup> e “Cartas Portuguesas” foram duas obras muito procuradas pelos censores e pela PIDE. *Era normal a PIDE e a PSP – que nada percebiam do assunto – virem procurar os livros proibidos. Às vezes, só por causa de um título o livro era retirado, mesmo que o conteúdo não oferecesse qualquer problema. A censura funcionava mal. Mas, felizmente, nunca tivemos questões de maior com esses senhores. Quanto menos conversa tivéssemos com eles...*<sup>40</sup>. Este juízo sobre o excesso de zelo nas apreensões por parte dos agentes da censura, resultado do seu próprio desconhecimento literário, não é exclusivo de Nuno Canavez<sup>41</sup>, sendo comungado por outros, cujas livrarias enfrentaram, igualmente, este período repressivo. Horário Moreira, ligado aos “Livreiros Moreira” (no Porto) partilha dessa opinião: “Muitos livros foram apreendidos, às vezes, sem conterem nada de político. Bastavam ler-se palavras como “Rússia” e logo o livro era retido e o livreiro ameaçado de prisão. Restava a

---

<sup>39</sup> “O Sr. Aquilino Ribeiro não é capaz de compreender muitas coisas na ordem espiritual, porque a sua ignorância documental e a sua incapacidade de abarcar os planos históricos fundamentais não lhe permitem que elimine os seus preconceitos e não proporcionam ao seu rico vocabulário senão que revista os seus frágeis e fabulosos libelos”. Intervenção de Lopes de Almeida, in «Diário das Sessões da Assembleia Nacional», n.º 183, 15-12-1952, p. 375.

<sup>40</sup> BARBOSA, Arnalda; ESTEVES, Paula – *A Tertúlia da «Académica»*, in «O Comércio do Porto», n.º 195, 13 Dezembro 1998, p. 2.

<sup>41</sup> *Mas, os censores, quanto a mim, os censores, naquilo que me foi dado a apreciar (...) às vezes faziam-no, tenho a impressão, sem critério nenhum, quer dizer, às vezes, o livro não era motivo para ser apreendido, não, mas claro, se falava na classe operária, se falava em qualquer coisa era o suficiente para o tirar.* – Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 147.



via clandestina”<sup>42</sup>. Igualmente se aclara na memória de Luís Alves, proprietário da “Livraria Ler” (Lisboa), a ausência de fundamento em muitas das confiscações efectuadas pela PIDE: “As apreensões contemplavam até os posters. O livreiro lembra-se de um inocente cartaz de Charlot que foi confiscado porque o actor Charles Chaplin tinha fama de comunista...” ou então quando “Luís Alves (...) assistiu um dia no Centro do Livro Brasileiro (na Rua Rodrigues Sampaio, Lisboa) (...) à apreensão de um livro técnico intitulado *O Concreto Armado*, uma edição brasileira sobre... betão. O «pide» olhou para a capa e ficou convencido de que se tratava de algum manual de guerrilha. Verdade seja dita, os exemplares foram devolvidos depois”<sup>43</sup>.

Apesar das regulares visitas mensais, no caso atinente à Académica, Nuno Canavez nunca enfrentou qualquer situação mais comprometedora, embora se tenha servido de algumas estratégias: *Acontecia que quando vinham os livros, nós deduzíamos o que era susceptível de ser apreendido e retirávamos alguns exemplares. Comprávamos e púnhamos um à venda de cada vez. Claro, os outros estavam debaixo...*<sup>44</sup>. Sem subterfúgios, era esta a estratégia seguida pela Académica: alguns dos livros considerados “perigosos” permaneciam à mercê dos agentes, “acautelando” os restantes. Também para fugir à teia da censura, a experiência foi profícua a Nuno Canavez, pois hábil e imediatamente, discernia se o cliente desconhecido o era, de facto, ou se, pelo contrário, de um agente da ditadura se tratava: *a maneira como se dirigia, a maneira como procurava os livros, dava a impressão que era um indivíduo que não estava familiarizado com os livros. Portanto, andava com a vista no ar, e tal, mas para ver se encontrava qualquer coisa, não era um indivíduo habituado ao livro*<sup>45</sup>. Facto indesmentível,

---

<sup>42</sup> LOUREIRO, Olímpia – *O Livreiro Horácio Moreira: Memórias de Ontem, Sentidos de Hoje*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 5, Ano III (1999), Lisboa, Edições Távola Redonda, p.159.

<sup>43</sup> CADAFAZ, Manuel – *O Livreiro Luís Alvez e a Apreensão de Livros: uma Exposição de «Autos» em Campo de Ourique*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 6, Ano III (1999), Lisboa, Edições Távola Redonda, p. 139-164.

<sup>44</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, pp. 147-148.

<sup>45</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 148.

segundo o nosso estudado, esta castração do regime nem sempre prejudicou o negócio: quando divulgava os livros “censurados” aos clientes (que sabia de antemão predispostos à sua compra), estes adquiriam-nos mais facilmente, dado o receio de perder a oportunidade. Todavia, conclui Nuno Canavez, foram precisamente estes clientes interessados nos livros proibidos, os primeiros, após o 25 de Abril, a rejeitaram-nos e a desfazerem-se desses mesmos títulos. Aduzimos, juntamente com Nuno Canavez, uma tentativa de explicação para o sucedido: tratava-se de uma classe média culta, que pretendia tomar conhecimento das ideias comunistas por meio dos livros proibidos, mas que, com a Revolução de 1974, passaram a reear a implementação efectiva dessas mesmas ideias dos autores de esquerda<sup>46</sup>.

O facto de a Académica, a caminho do seu centenário, ter sobrevivido a estes períodos mais hostis, bem como a tantos nascimentos e sucumbências de outras livrarias suas concorrentes, ficou-se igualmente a dever ao perfil dinâmico do estabelecimento, que se tornou não só num repositório de cultura, mas também num centro irradiador da mesma, organizando diversas iniciativas culturais na cidade do Porto, nomeadamente, tertúlias e exposições, até porque, como adestra Nuno Canavez, *o livreiro pode fazer outras coisas para além de vender livros*<sup>47</sup>.

Exemplifiquemos esta noção com alguns exemplos de exposições promovidas e organizadas pela Livraria Académica e, nesse seguimento, o precioso material que as corporizavam:

- a) Em Fevereiro de 1974, a Livraria organizou uma exposição bibliográfica intitulada “5 de Outubro: a Realidade Desconhecida”. Os visitantes encontraram cerca de 500 obras relacionadas com a temática: panfletos, livros, comunicados, gravuras, revistas (como é o caso de diferentes números das revistas “A Paródia” e “Papagaio Real”, esta última uma

---

<sup>46</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 149.

<sup>47</sup> BARBOSA, Arnalda; ESTEVES, Paula – *A Tertúlia da «Académica»*, in «O Comércio do Porto», n.º 195, 13 Dezembro 1998, p. 2.

revista de carácter monárquico, valorizada não só pelo facto de ter tido Almada Negreiros como director, mas igualmente pelo episódio da sua apreensão e posterior destruição por parte do governo de Bernardino Machado, tornando-a, assim, bastante rara e alvo de forte interesse e curiosidade). Como testemunho da pertinência das obras expostas, em algumas delas é possível encontrar as assinaturas de Sidónio Pais, Bernardino Machado, Afonso Costa, Homem Cristo, Manuel de Arriaga e João Chagas. Um outro documento patenteado na exposição foi o 13.º número do jornal republicano “A Pátria”, o qual remonta a 22 de Junho de 1896, cuja valorização e interesse reside na sua 1.ª página<sup>48</sup>. Além destes, outros ex-libris foram expostos: revistas como “António Maria”, “Monarquia”, “Toninho”, “Os Burros”, suplementos de jornais como “O Século”, caricaturas de artistas como Rafael Bordalo Pinheiro, Francisco Valença e Sousa Nogueira.



Fonte: GARCIA, Pinto – *5 de Outubro: a Realidade Desconhecida*, in «Flama», n.º 1389, 11 Outubro 1974, pp. 48-53.

---

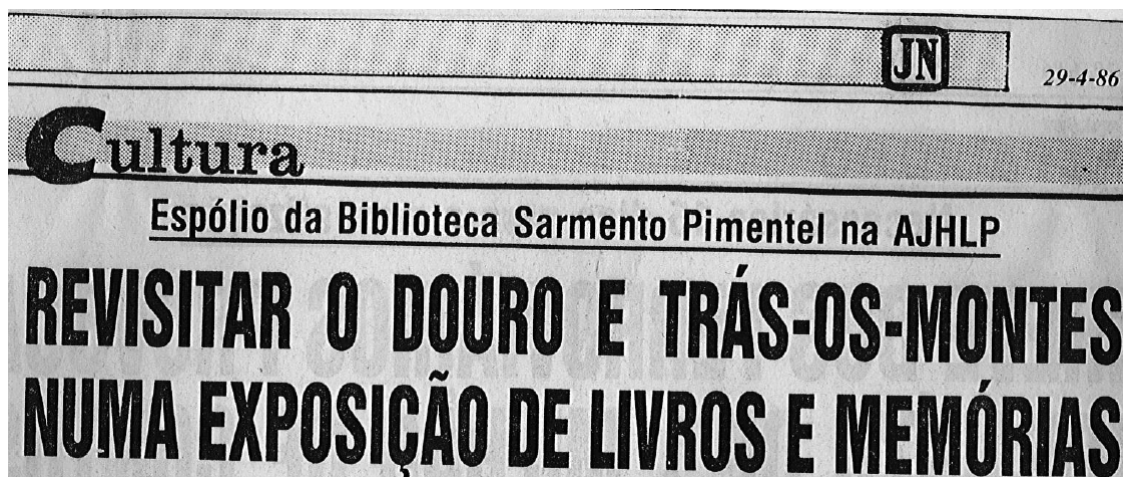
<sup>48</sup> GARCIA, Pinto – *5 de Outubro: a Realidade Desconhecida*, in «Flama», n.º 1389, 11 Outubro 1974, p. 52.

b) Com o propósito de dar a conhecer ao público um pouco mais da história da sua cidade, a Académica organizou mais uma exposição temática, desta vez subordinada à cidade do Porto. O rol de relíquias é numeroso: além de revistas (tais como a “Maria Rita” de 1835, “Charivari” de 1878, o “Sorvete” de 1879, “A Borboleta Constitucional” de 1822, a “Carta Constitucional” de 1832, a “Vedeta da Liberdade”, de 1835, ou ainda o polémico “Periódico dos Pobres”), contam-se igualmente antigas plantas da cidade e gravuras raras (de que foi exemplo uma gravura sobre a ponte D. Maria Pia) e o programa da apresentação da “Aida” no Teatro de S. João (com caricaturas de Manuel Monterroso). Três obras assumiram preponderância na exposição, como um livro intitulado “Os Privilégios dos Cidadãos do Porto” (datada de 1611, e do qual só se conhecem três exemplares, o qual integra um conjunto de cartas régias, de suma importância para a história da cidade). Outras das obras em destaque consistiram numa primeira edição do “Catálogo e História dos Bispos do Porto” (1623) e na “Descrição Topográfica e Histórica do Porto” (1789). Uma particularidade confere valor acrescido a esta última obra, primeira edição: este exemplar incluía duas estampas muito raras (uma relativa à zona da foz do Douro e uma outra com vista panorâmica da cidade), pois foram arrancadas de quase todas as edições posteriores com o propósito de serem emolduradas<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> GARCIA, Pinto – *O Porto de que Ninguém se Lembra*, in «Flama», n.º 1355, 22 Fevereiro 1974, pp. 43-44.





*Revisitar o Douro e Trás-os-Montes numa Exposição de Livros e Memórias*, in «Jornal de Notícias», 29.04.1986.

- d) O 75.º aniversário da Livraria foi celebrado através de uma exposição dedicada ao Jornalismo Portuense, que configurava, ao mesmo tempo, um espelho da história da cidade. Em mostra encontravam-se “mais de duas centenas de jornais de cariz político, literário e humorístico, publicados, na sua maioria, na cidade do Porto”<sup>51</sup>: “O Primeiro de Janeiro”, de 6 de Outubro de 1910, no qual se noticiava a implantação da República; “A Gazeta Literária” (1761), por muitos investigadores considerado o primeiro jornal publicado na cidade<sup>52</sup>. Outras preciosidades enriqueceram o evento: exemplares do “Jornal Enciclopédico Dedicado à Rainha”, a “Borboleta dos Campos Constitucionais”, “O Velho Liberal do Douro”, a “Gazeta Literária”, entre outros. Nuno Canavez teceu um excelente balanço desta exposição, uma vez que se proporcionou o conhecimento de uma realidade distinta, nomeadamente aos jornalistas: *eles não faziam a mínima ideia das coisas que se realizavam há alguns anos em termos de jornalismo...*<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> *Exposição de Jornais Recorda Marcos Históricos da Cidade*, in «Primeiro de Janeiro», 17.11.1987, p. 14.

<sup>52</sup> *Exposição de Jornais Recorda Marcos Históricos da Cidade*, in «Primeiro de Janeiro», 17.11.1987, p. 14.

<sup>53</sup> *Estoril Alberga Raridades Literárias*, in «Diário Popular», 30.09.1989, p. 5.

## Exposição de jornais recorda marcos históricos da cidade

Mais de duas centenas de jornais de cariz político, literário e humorístico, publicados, na sua maioria, na cidade do Porto, nos finais do século passado e no início do actual, podem ser vistos, desde ontem e até ao próximo dia 21, na Livraria Académica, na Rua dos Mártires da Pátria, no Porto.

A exposição, organizada pelo proprietário da referida casa de livros antigos, Nuno Canaveaz, pretende ser «uma homenagem à cidade do Porto e insere-se no aniversário dos 75 anos desta casa livreira».

A maioria dos jornais expostos, alguns raríssimos, outros de duração efémera, traz até nós os acontecimentos mais mar-

cantes de determinadas épocas da história da cidade e do País. O exemplar exposto de o «O Primeiro de Janeiro», por exemplo, data de 6 de Outubro de 1910, ou seja, traz a notícia da proclamação da República.

«A Gazeta Literária», publicado em 1761, considerado o primeiro jornal publicado no Porto, também

figura na exposição, ao lado de outros títulos, nomeadamente, jornais liberais e republicanos.

Os finais do século passado e o princípio do século XX foram marcados por sucessivas lutas políticas, aliás e talvez por isso mesmo — a Imprensa portuguesa aparecesse, nessa época, com grande fulgor e agressividade. Alguns dos jornais («A Pátria», diário republicano, «A Montanha», «O Nacional», etc.) são documentos característicos do estilo jornalísticos desses tempos.

A maioria dos jornais expostos, como já se dis-

se, foi publicada no Porto. No entanto, a exposição apresenta alguns títulos editados no estrangeiro, nomeadamente, em Londres e em Paris, mas redigidos em português.

Autênticas curiosidades constituem os exemplares do «Jornal Enciclopédico dedicado à rainha», da «Borboleta dos campos constitucionais», órgãos literários, da «Gazeta Literária ou notícia exacta dos principais escritos modernos» e de «O Velho Liberal do Douro» ou, ainda, da «Gazeta em que se relatam as novas todas, que houve nesta corte, e que

vieram de várias partes do mês de Novembro de 1641».

Esta exposição de grande valor documental aconselha-se, vivamente, a estudantes de jornalismo ou de outras áreas e ao público em geral, já que se podem ver, através dos diversos títulos expostos, o Porto e país de outros tempos.

Refira-se que alguns exemplares destes jornais, segundo disse Nuno Canaveaz, podem ser, caso os estudiosos na matéria estejam interessados, fotocopiados ou microfilmados. Um gesto louvável, tal como toda esta iniciativa.



Fonte: *Exposição de Jornais Recorda Marcos Históricos da Cidade*, in «Primeiro de Janeiro», 17.11.1987, p. 14.

- e) Em 1990, a Académica organizou uma exposição em homenagem a Camilo Castelo Branco, aquando da comemoração dos 100 anos do falecimento do autor, na qual se reuniram “as primeiras edições da obra camiliana, a par de várias edições representativas de *O Amor de Perdição*. Mais: há uma colecção de vários ensaios (...) sobre a obra camiliana. Para além de revistas da época ou, até mais actuais, que se debruçaram sobre Camilo. Ou de várias cartas. Sem falar de uma ou outra obra que foi pertença do escritor”<sup>54</sup>.

<sup>54</sup> GUIMARÃES, J. F. — *Camilo na Académica*, in «Primeiro de Janeiro», 18.04.1990.



# Camilo na Académica

JOSÉ F. GUIMARÃES

■ Foi inaugurada na livraria Académica uma interessante exposição de livros de e sobre Camilo Castelo Branco.

Assim, Nuno Canaveze reuniu um conjunto de primeiras edições da obra camiliana, a par de várias edições representativas de o *Amor de Perdição*. Mais: há uma colecção de vários ensaios (dentro das mais variadas perspectivas ou abordagens — e dos mais destacados críticos e escritores a simples amadores) sobre a obra camiliana. Para além de revistas da época ou, até, mais actuais que se debruçaram sobre Camilo. Ou de várias cartas. Sem falar de uma que outra obra que foi pertença do escritor.

Aliás, como escreveu Ramalho Ortigão «O nome de Camilo Castelo Branco representará para sempre na história da literatura pátria o mais vivo, o mais característico, o mais glorioso documento da actividade artística peculiar da nossa



Camilo, um dos «habitantes» da livraria Académica.

raça, porque ele é, sem dúvida alguma, entre todos os escritores do nosso século, o mais genuinamente peninsular, o mais tipicamente português.»

Eis uma excelente altura de os bibliófilos camilhanos (e não só) darem uma saltada à Académica — depois do dia 24 deste mês, estes livros recuperarão a sua liberdade

originária, isto é, poderão andar de mão em mão ao sabor de quem mais der.

Caso não saiba, a Académica é na R. Mártires da Liberdade, 10. Aqui no Porto.

Fonte: GUIMARÃES, J. F. — *Camilo na Académica*, in «Primeiro de Janeiro», 18.04.1990.

- f) Outras exposições foram inauguradas, especialmente dedicadas à actividade livreira, como foi o caso aquando do seu 80.º aniversário, versando esta a temática do livro (“Livros sobre Livros”) e outra sobre as encadernações (“Encadernações Artísticas de Livros”). As exposições do 80.º aniversário, disseminadas por ambos os pisos do estabelecimento, contaram com a presença do então Presidente da República, Mário Soares, tendo-se realizado, propositadamente para o efeito, a cunhagem de uma medalha da autoria do escultor Ribatua<sup>55</sup>. Nesta exposição em particular, além de encadernações da biblioteca de D. Manuel II e outras ao estilo Arte Nova, o destaque centrou-se nas seguintes raridades: “Ofício da Semana Santa para Uso da Casa do Rei”, datada de 1727, com encadernação ao estilo de Luís XVI e “Ofício da Beata Virgem Maria”, de 1747. A beleza gráfica notabiliza uma outra obra intitulada “Quadros da

<sup>55</sup> *Livraria Académica Comemora 80 Anos*, in «Público», n.º 1003, 02.12.1992, p. 6.



Cruz Representados nas Cerimónias da Santa Missa”, de 1652, e da autoria de François Mazot <sup>56</sup>.

## Com a presença de Mário Soares, no Porto Livraria Académica comemora 80 anos

COM A presença do Presidente da República, Mário Soares, a Livraria Académica, no Porto, comemora hoje, com a inauguração de duas exposições — “Encadernações artísticas de livros” e “Livros sobre livros” —, os 80 anos de vida. A assinalar a efeméride, foi cunhada uma medalha da autoria do escultor Ribatua.

Fundada em 1912 por Guedes da Silva, a Académica é actualmente dirigida pelo livreiro-antiquário Nuno Canavez, que a tornou numa das mais prestigiadas livrarias do país. A festa de aniversário deveria ter-se realizado em 16 de Novembro, data da sua inauguração há oitenta anos, mas a impossibilidade de Mário Soares estar presente nessa data levou a adiar o evento. É que o Presidente, conhecido pelo seu gosto por livros antigos, é um dos clientes mais assíduos da livraria.

Das duas exposições organizadas pelo alfarrabista, destaca-se a dedicada às en-

cadernações artísticas, “quer pela sua variedade, quer pelo seu estado de conservação”, apontou Nuno Canavez. Patente nos dois pisos da livraria, a mostra percorre vários séculos da história da encadernação.

Das obras expostas, Nuno Canavez destaca dois livros do século XVIII: “Ofício da Semana Santa para Uso da Casa do Rei”, publicado em 1727, que apresenta uma encadernação no estilo Luís XVI; e “Ofício da Beata Virgem Maria”, uma obra italiana de 1742. “Pela delicadeza da parte gráfica”, o alfarrabista assinalou o livro de François Mazot, “Quadros da Cruz Representados nas Cerimónias da Santa Missa”, título publicado em 1652. No meio de todas estas raridades também se podem encontrar encadernações da biblioteca de D. Manuel II e alguns exemplos de livros cujas capas são decoradas com motivos típicos da Arte Nova. ■ O.F.

Fonte: *Livraria Académica Comemora 80 Anos*, in «Público», n.º 1003, 02.12.1992, p. 6.

- g) Em 1994, os 20 anos sobre o 25 de Abril de 1974 incentivaram a Académica a brindar o público com jornais, livros e manifestos existentes

<sup>56</sup> *Livraria Académica Comemora 80 Anos*, in «Público», n.º 1003, 02.12.1992, p. 6.

no estabelecimento, os quais perfaziam uma quantidade superior a 200 exemplares<sup>57</sup>.



Fonte: *O Comércio do Porto*, 22.04.94

- h) O destacado acontecimento das comemorações henriquinas, em Março de 1994, não deixou a Académica indiferente. O seu acervo impulsionou uma outra exposição de preciosidades sobre o Infante, as Descobertas e as Conquistas<sup>58</sup>. Ficam na memória dessa exposição raridades como: uma obra de Adan Olearius intitulada “Voyages” (1719), cuja grande mais-valia reside nos mapas e gravuras da época; o título “Décadas” de João de Barros, numa versão holandesa, e um exemplar da primeira edição das

---

<sup>57</sup> *O Comércio do Porto*, 22.04.94.

<sup>58</sup> *Comemorações Henriquinas Principiam Hoje no Porto*, in «Jornal de Notícias», 04.03.1994.

“Lendas da Índia”, da autoria de Gaspar Correia. Todavia, nem só pelos livros se notabilizou esta exposição: nela fizeram igualmente sucesso álbuns, números comemorativos de jornais e revistas, bustos, medalhas, desenhos, programas e cartazes e, entre eles, um cartaz de reconhecida raridade: o cartaz centenário, com aquarela de Roque Gameiro, anunciando os festejos na cidade portuense a propósito do quinto centenário do nascimento do Infante<sup>59</sup>.



Fonte (esquerda): *Comemorações Henriquinas Principiam Hoje no Porto*, in «Jornal de Notícias», 04.03.1994.

Fonte (direita): VELUDO, Fernando — *Os Livros do Infante*, in «Público», 07.03.1994, p. 44.

<sup>59</sup> VELUDO, Fernando — *Os Livros do Infante*, in «Público», 07.03.1994, p. 44.

i) 1995 foi o ano em que a Livraria se dedicou à obra camoniana. A 7 de Junho de 1995, sob os auspícios do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, clientes e público em geral tiveram a oportunidade de apreciar cerca de 400 obras de Luís de Camões, dentre as quais cativaram maiores atenções os estudos camonianos dos séculos XVIII e XIX<sup>60</sup>.



Fonte: *Exposição Camoniana Abre Hoje ao Público*, in «Jornal de Notícias», 07.06.1995.

j) Uma homenagem às capas de livros constituiu o mote para assinalar o 90.º aniversário da Livraria. Os clientes foram presenteados com uma colecção de 500 capas de livros, um bom pretexto para prestar homenagem “ao livro e ao ilustrador, que andam intimamente associados”<sup>61</sup>. De entre as 500, realçamos as capas com ilustração de Marcelino Vespeiro (obra “La

---

<sup>60</sup> *Exposição Camoniana Abre Hoje ao Público*, in «Jornal de Notícias», 07.06.1995.

<sup>61</sup> RIOS, Alice – *Capas Ilustram Festa na Livraria Académica*, in «Jornal de Notícias», 27.11.2002.

Catira”, de Camilo José Cela), de Júlio Resende (“Histórias de Mulheres”, de José Régio) e de Manuel Ribeiro de Pavia (ilustrador da obra “Porto Manso”, de Alves Redol)<sup>62</sup>.

## Capas ilustram festa da livraria Académica

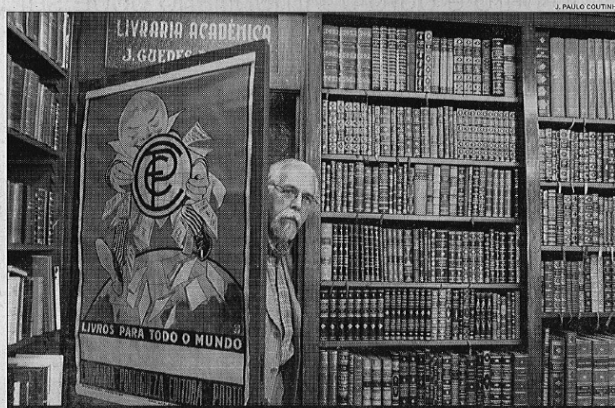
Prestigiada casa do Porto assinala 90.º aniversário com exposição sobre a cara dos livros. Mostra pode ser visitada até 7 de Dezembro

ALICE RIOS

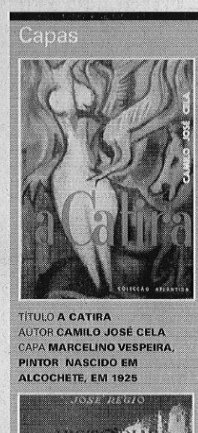
Cerca de 500 capas de livros, representando centenas de ilustradores portugueses, dão corpo a uma mostra que assinala o 90.º aniversário da livraria Académica. “É uma homenagem ao livro e ao próprio ilustrador, que andam intimamente associados”, afirma Nuno Canavez, que, mais do que um livreiro, é o guardião de um vastíssimo património literário e cultural a que dedica minos diários.

“A capa é um elemento imprescindível na estética do livro e muito influente na venda”, afirma, enquanto atende um dos muitos bibliófilos que aproveitam a manhã de sábado para conviver com as raridades da “Académica”.

“Portugal sempre teve bons ilustradores”, prossegue. “O que variou, ao longo dos anos, foram as técnicas, que já não são artesanais”, realça, recordando que pintores conceituados, como Al-



NUNO CANAVEZ tem os títulos arrumados na cabeça, como se tratasse de um arquivo



TÍTULO A CATIRA  
AUTOR CAMILO JOSÉ CELA  
CAPA MARCELINO VESPEIRA,  
PINTOR NASCIDO EM  
ALCOCHETE, EM 1925

RIOS, Alice – *Capas Ilustram Festa na Livraria Académica*, in «Jornal de Notícias», 27.11.2002.

- k) Outras temáticas credoras do interesse da Académica e da organização de exposições com espólios consideráveis foram, a título exemplificativo, “O Brasil e a Expansão Portuguesa”, entre outros. Além disso, a comemoração do nascimento ou morte de um autor serve muitas vezes de mote para este género de iniciativas. Outra constante: sempre que desaparece um autor e, no caso de o material não ser suficiente para a organização de uma exposição, pelo menos, uma montra da livraria é-lhe dedicada.

<sup>62</sup> RIOS, Alice – *Capas Ilustram Festa na Livraria Académica*, in «Jornal de Notícias», 27.11.2002.

Nem sempre as paredes da Académica serviram de confinantes para estas iniciativas. Esporadicamente, os responsáveis pela Livraria apostavam na sua divulgação e incrementavam a cultura em outros espaços. Citamos a participação da Livraria, em 1995, no XXI Salão de Antiguidades do Porto, que decorreu no antigo Hotel Le Meridien da cidade<sup>63</sup> e na exposição que versava o tema “O Douro e Trás-os-Montes”, patente na sede da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto (AJHLP). 346 livros sobre a temática, e de grande raridade, justificavam a exposição: cartas de Camilo Castelo Branco e de Miguel Torga; um manuscrito de João de Araújo Correia; monografias esgotadas; textos sobre a história do Vinho do Porto; as Actas do 2.º Congresso Transmontano; exemplares do Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (sobre os imóveis da região), um ensaio sobre o barão de Forrester, entre outros. Como ex-libris da exposição, elege-se “O Douro Ilustrado”, do Visconde de Villa Maior.



Fonte: *Antiguidades no Meridien do Porto*, in «Jornal de Notícias», 22.03.1995.

<sup>63</sup> *Antiguidades no Meridien do Porto*, in «Jornal de Notícias», 22.03.1995.

Em 1982, o Ateneu do Porto cedeu o espaço a mais uma iniciativa cultural protagonizada pela Académica: uma exposição bibliográfica sobre o período do século XIX em que se desenvolveram as Lutas Liberais. Acessíveis ao público estiveram: diferentes edições da Carta Constitucional de 1826; a “Correspondência Oficial de Luís António de Abreu e Lima”; a “Chronica da Rainha a Senhora D. Maria II”, de Almeida e Araújo; a “Chronica Constitucional do Porto”, esta na sua edição completa (4 volumes), documentos oficiais, biografias e uma carta de enorme raridade: a carta do general Lafayette ao marechal Saldanha, na qual o felicitava pelas vitórias liberais obtidas no Porto.

Conferindo um *terminus* a este levantamento e caracterização das actividades supracitadas promovidas pela Académica, importa notar que, além da pertinência cultural proporcionada pela realização destas exposições, muitas vezes complementadas com palestras, inferimos, igualmente, um propósito comercial nestas actividades: o impulso económico que elas proporcionam não é inconsequente na contabilidade da Livraria<sup>64</sup>, aliás, “los resultados en ciertas livrerías demuestran que no es inútil consagrar tiempo y esfuerzo al descubrimiento y a la preparación de un tema (selección de libros, búsqueda de fotografías, de recortes de periódicos y otros textos...)”<sup>65</sup>. Através de uma publicitação aparentemente desinteressada, o cliente é conduzido ao manuseamento da obra, e, caso o preço não seja proibitivo, a possibilidade de aquisição é substancial.

Esta breve incursão pelas exposições e tesouros bibliográficos que as distinguiram, bem como pela Livraria que as organizou, atestam-nos como esta se constitui num museu vivo da nossa história, o que pode ser comprovado por uma visita à Rua Mártires da Liberdade, ou pelos stands das Feiras do Livro Antigo em que participa e participou: “Nas Feiras do Livro, o pavilhão da Livraria Académica era dos mais requisitados: as suas raras e curiosas publicações, livros, revistas,

---

<sup>64</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 144.

<sup>65</sup> *El Oficio de Librero*, Madrid, Editora Nacional, 1978, p. 266.



mapas e gravuras, suscitavam o interesse de muitos”<sup>66</sup> – visitas essas que para muitos intelectuais, investigadores, estudantes ou simples curiosos, se tornaram indispensáveis, mesmo para os que dispõem de menores recursos. Para esses, a Académica não cerra as suas portas: o proprietário, aliás protagonista de não ignoráveis doações à Biblioteca Arquivo de Trás-os-Montes e Alto Douro<sup>67</sup> (cujo propósito é o de contribuir para a constituição de um acervo de obras etnográficas e regionais), disponibiliza, com frequência, as suas obras à consulta de estudantes.



Fonte: *Feira do Livro Antigo Realiza-se na Invicta*, in «O Primeiro de Janeiro», 23 de Outubro 1991, p. 34.

---

<sup>66</sup> *Académica, o Amor pelos Livros*, in «O Tripeiro», n.º 2, 7.ª série, Ano XXVI, Fevereiro 2007, p. 42.

<sup>67</sup> Na Biblioteca de Mirandela encontramos uma sala, com a designação de sala “Nuno Canavez” (designação assim atribuída por ser o proprietário da Académica o dador do acervo), na qual os leitores podem encontrar inúmeras e valiosas obras sobre a região, jornais, folhetos e um rol de postais antigos, que ultrapassam os 500. Nuno Canavez é também o autor de “Subsídios para uma Biblioteca de Trás-os-Montes e Alto Douro”.





Mesmo os livreiros-antiquários do Norte marcaram a sua presença: Nuno Canavez da Livraria Académica do Porto

*Feira do Livro Antigo pela Primeira Vez em Portugal, in «O Século Ilustrado», 1.10.1989.*

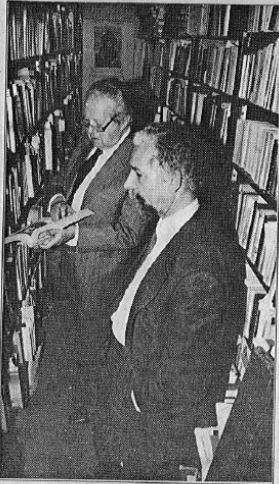
Foram estes méritos que conduziram, em 1992, o então Presidente da República, Mário Soares, a homenagear Nuno Canavez e, por consequência, a Livraria Académica, (juntamente com outro livreiro-alfarrabista portuense, Manuel Ferreira) com a Ordem de Mérito:

“Fê-lo (...) por reconhecer os bons serviços que ambos têm prestado em prol da divulgação do livro, tornando possível o conhecimento de Autores e de obras de outras épocas, dando preciosas informações históricas e literárias nos seus habituais catálogos, informando este ou aquele investigador que, à minguia de exemplares nos depósitos oficiais, busca encontrar determinada peça bibliográfica, enfim, organizando leilões ou adquirindo espólios e bibliotecas em risco de se dispersarem ou destruírem”<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> SAMUEL, Paulo – *Alfarrabistas do Porto*, in «O Tripeiro», n.º 1, 7.ª série, ano XII, Janeiro 1993, p. 19.

## Canavez que ele vai à Académica



Presidente, 2ª edição é o senhor!

Visita obrigatória que Mário Soares faz quando vai ao Porto é à Livraria Académica do bibliófilo Nuno Canavez. Homem de Cultura, o Presidente da República «perde-se» entre os muitos milhares de preciosidades que «forram» as paredes do prestigiado estabelecimento. Autores do século XIX, temas da 1ª República, alguns escritores brasileiros contam-se entre as predileções do Presidente. Na última visita, na passada segunda-feira, Mário Soares saiu com cinco volumosos caixotes com uma coleção completa de «A Águia», órgão da Renascença, uma «História da Igreja em Portugal», em 10 volumes; obras de Cecília Meireles e outros autores brasileiros e um sem número de folhetos de cartaz republicano. Mas prometeu voltar. Ele garantiu a Nuno Canavez, que estará nas comemorações do 70.º aniversário da Académica, a celebrar no começo do próximo ano. E o prometido é devido.

COM UMA CASA apinhada de gente, a Livraria Académica fez a festa dos seus 80 anos, anteontem, ao princípio da noite. O evento, que contou com a presença do presidente da República Mário Soares e da vereadora do pelouro de Animação da Câmara, Manuela de Melo, serviu também de pretexto para se homenagear o livro através da inauguração de duas exposições: «Encadernações artísticas de livros» e «Livros sobre livros». Inaugurada em 16 de Dezembro de 1912, por Guedes da Silva, actualmente propriedade do livreiro-antiquário Nuno Canavez, a Académica, muito por culpa deste, tornou-se um ponto de referência para todos os bibliófilos. Mário Soares faz mesmo questão, sempre que se desloca até ao Porto, em fazer uma visita à livraria. Na cerimónia comemorativa, entre belíssimas ilustrações, Soares recebeu das mãos de Canavez um medalhão com o rosto de Camilo. «Sem dúvida que é uma paxá, sem renegar o Eça», afirmou, acrescentando: «Aqueles que amam os livros são homens que nunca deixam de aprender». ■

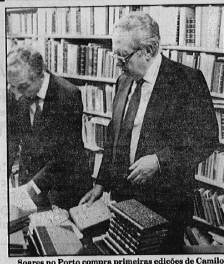


Palestras sobre «A Experiência no Mundo» levou PR ao Porto

## Mário Soares adquire raridades de Camilo

NO DIA do centenário da morte de Camilo Castelo Branco, um dos seus autores favoritos, Mário Soares adquiriu no Porto uma pilha de primeiras edições. Mas não se ficou por aí na Livraria Académica, onde se fizeram as transacções bibliográficas há mais de 20. Situada num edifício da Rua da Boavista, abriga um parquinho no programa para ver gravuras de Paula Rego e esculturas de António Zen, de Manuel Brito.

Na ocasião, a constante desta dedicação ao Porto do Presidente da República era a presença de Jean Petitot, director de Estudos na Escola de Alta Estudos em Ciências Sociais de Paris, que ontem à noite falou no auditório da reitoria sobre «O saber, o poder e a esperança na o conhecimento como emancipador». Foi a segunda das conferências do ciclo «A Experiência do Mundo», que a Presidência da República está a realizar com a Universidade do Porto.



Soares no Porto compra primeiras edições de Camilo

Jean Petitot, que é sobretudo conhecido pelo seu trabalho desenvolvido em torno da fundação da filosofia da teoria da consciência de Henri Thom, falou em função do conhecimento científico como valor cultural. Em resumo, disse não existir verdadeira legitimidade filosófica dos critérios modernos e pós-modernos do racionalismo. Que a relação entre as ciências e o pensamento no contexto do conhecimento como valor cultural contribua a realisar a concepção kantiana da autonomia das consciências. Assumindo esta uma justificação epistémica da democracia, uma vez que sua pressuposição conceitual autônoma, intrinsecamente relacionada com o horizonte do conhecimento.

Jean Petitot alinhou com Mário Soares e convenceu no Instituto do Vinho do Porto com personalidades intelectuais do Norte. Entretanto, Mário Soares aproveitou uma hora e meia de movimento livre para ir à Académica, de

## es em álbum

vez ao fundo...

como o «, teve á de fopiação», m (354 radicro- ) Mário a Presi- t, que a érito vai feira, a que res- invulgar fotogra- Cunha e los, probalhan-



Coelho) e bem elucidativa das actividades e intervenções do Presidente, ficando a constituir um documento invulgar sobre todo o seu primeiro mandato. O que não quer dizer que não possa haver algum lapso como aquele que se verifica na legenda de uma foto em que se vê Mário Soares no meio de livros, de que ele tanto gosta. Ora, daquela legenda consta: «O Presidente numa livraria de Lisboa», quando de facto, Soares estava na Académica, do Porto, do nosso amigo e conhecido bibliófilo Nuno Cadavez (que também se vê na foto), que «descobre» raridades a que Soares não resiste, sempre que vai à capital do Norte...

As visitas de Mário Soares despertam sempre a atenção da comunicação social.

acompanharam o Chefe de Estado no seu primeiro mandato, e que aqui nos dão bonecos de verdadeiros repórteres. Além disso, o livro que Francisco Lyon de Castro edita, tem uma síntese bem organizada (por Mário Baptista

A relevância cultural que a Livraria, uma das lojas mais antigas da cidade em geral<sup>69</sup>, e a segunda mais antiga da especialidade no Porto<sup>70</sup>, habituou os clientes e os cidadãos não esmoreceu com o decurso dos anos, antes continua a imprimir-lhe uma presença especial. Além da dignificação do livro e do estímulo

<sup>69</sup> SANTOS, Jorge – *Lojas Antigas: Livraria Académica*, in «Comércio Portuense», n.º 14, III série, Setembro/Outubro de 1998, pp. 8-10.

<sup>70</sup> A livraria alfarrabista mais antiga da cidade do Porto é a *Livraria Moreira da Costa*, na Rua de Aviz, fundada em 1902, 10 anos antes da Livraria de Guedes da Silva: <http://www.moreiradacosta.com/> (consultado em 06.04.10).

ao apreço bibliográfico dos cerca de 100 mil títulos que constituem o stock da Livraria, segundo o cálculo do seu proprietário<sup>71</sup> (à data da realização da primeira entrevista), do respeito pelo cliente, da valorização do passado (visível, por exemplo, na preservação estética dos dois pisos do espaço), mas igualmente da integração no presente (como podemos comprovar através do alargamento do espaço da Académica ao mundo da internet), o serviço à cultura continua, igualmente, bem vivo. Ainda hoje, tal como o foi para os intelectuais da Renascença Portuguesa, é um espaço privilegiado para a realização de tertúlias, que servem de pretexto à reunião e discussão entre os clientes, investigadores e demais interessados<sup>72</sup>.



Fonte: BARBOSA, Arnalda; ESTEVES, Paula – *A Tertúlia da «Académica»*, in «Comércio do Porto», 13 Dezembro de 1998, p. 2.

Pelo exposto, e sem qualquer indício de estranheza, efectivou-se a homenagem a Nuno Canavez, na 78.<sup>a</sup> Feira do Livro do Porto, então, em 2008.

<sup>71</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 134.

<sup>72</sup> Aos sábados de manhã, a Livraria recupera os momentos de tertúlia, que desde os seus primórdios conhece: “É sempre aos sábados de manhã que, na Livraria Académica do livreiro Nuno Canavez, professores, bibliófilos, escritores, jornalistas, poetas, artistas plásticos mas também gente do cinema e do teatro, arquitectos, médicos e muitos outros se juntam, numa espécie de «centro literário da moda», para colher ou dar informações sobre as mais recentes edições literárias e saber novas do índice de cotações a que circulam no «mercado dos usados» algumas das mais prestigiadas obras da literatura portuguesa, sobretudo do século XIX e XX.”: SILVA, Germano – *O Último Alfarrabista*, in revista «Expresso», n.º 1568, 16.11.2002, p. 69.

O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA

## **O ALFARRABISTA: VARIAÇÕES DE UMA PROFISSÃO**

*Un librero es un hombre que cuando descansa lee; cuando lee, lee catálogos de libros;  
cuando pasea, se detiene frente a las vidrieras de las otras librerías;  
cuando va a outra ciudad, outro país, visita librereros y editores*<sup>73</sup>.

Héctor Yánover, *Memorias de un Librero: Escritos por Él Mismo*

### **| Variação primeira: o status social ou a falta dele**

Se, ao tempo presente, a profissão de alfarrabista é considerada meritória, culturalmente prestigiante, mesmo granjeadora de condecorações – como o fez, em 1992, Mário Soares, cliente habitual da Livraria Académica – nem sempre este quadro se verificou. Ao longo de largas décadas do século XX, a sociedade não reconheceu valor social àquele que se dedicava ao usado, mesmo tratando-se de um bem como o livro. Pela sua condição de já utilizado, eram considerados livros “menores”. Outros, rotulavam os alfarrabistas como uma classe profissional cerrada, gerida pelo propósito do lucro e não tanto pelo amor ao livro e esforço na sua preservação.

A Académica assistiu a este evoluir progressivo das mentalidades, um progressivo consciencializar da valia e pertinência profissional do alfarrabista, não obstante ser ainda ignorado pela generalidade da população a função cultural das casas alfarrabistas e dos seus responsáveis. Para a dignificação do alfarrabismo, muito contribuíram a Académica e Guedes da Silva, que “pôs o livro usado num lugar justo, sendo hoje apreciado por gente muito culta”<sup>74</sup>. Nuno Canavez nunca sentiu qualquer reserva ou desconsideração por parte dos clientes e da sociedade em geral, afirmando mesmo que a imagem preconceituosa existente havia já desaparecido quando entrou no negócio. Contudo, assomam-lhe à memória situações menos agradáveis vivenciadas por Guedes da Silva: *Durante muitos anos, quando o fundador se estabeleceu, era uma profissão mal vista. Era uma*

---

<sup>73</sup> YÁNOVER, Héctor (1994) – *Memorias de un Librero: Escritos por Él Mismo*, Madrid, Anaya & Mario Muchnik, p. 13.

<sup>74</sup> TRIGO, Pedro – *Ser Alfarrabista é Encantador*, in «Das Artes Das Letras», 19 de Março de 2007, p. 21.

*coisa usada. E ele que era uma pessoa muito bem formada, o Sr. Guedes da Silva, dizia que, na realidade, era vulgar ele pedir, imaginemos, 10 escudos por um livro, e diziam logo: «Oh, queres cinco?» E, mais de uma vez, teve de chamar a atenção porque o tratavam por tu. Falou até de um caso (...) e ele teve de dizer: «Sr. Doutor, eu não posso nem devo corresponder a esse tratamento, por isso, gostaria também que me tratasse de outra forma!»<sup>75</sup>.*

A aversão pelo usado era sentida, de sobremaneira, pelas clientes, pelo universo feminino, ao que Guedes da Silva tinha por hábito dar como resposta: *Minha senhora, lamento muito essa reacção. Com certeza, a coisa mais suja com que a senhora lida, trata de outra maneira, que é o dinheiro*<sup>76</sup>.

Hoje em dia, esta visão patenteia já anacronismo, tendo dado lugar à admiração e ao reconhecimento da profissão e do profissional.

#### **| Variação segunda: comercial vs. cultural**

O sentimento de um alfarrabista pelo livro move naquele, muitas vezes subjugando o próprio fim comercial, o objectivo de construir uma colecção, preservar e organizar obras já indisponíveis no mercado e de satisfazer os clientes, quando lhes podem fornecer uma edição, uma obra, uma gravura, um número de uma revista que há muito buscam. Noutro plano, é uma actividade de prazeres inesperados, pois num determinado momento, pode-se vender uma obra despida de proeminência, mas de grande valor para o cliente. Ilustrando esta situação, mencionamos o episódio curioso decorrido numa das Feiras do Livro do Porto: um cliente adquiriu um livro por 5\$00 e, logo de seguida, informa Nuno

---

<sup>75</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 128.

<sup>76</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 129.

Canavez de que não o venderia nem por uma oferta de 500\$00: tratava-se do seu livro da Instrução Primária, com a sua própria assinatura<sup>77</sup>.

Os anos de experiência e o convívio com livros e clientes permitem que os alfarrabistas conheçam de sobremaneira os seus clientes e tenham estratégias para melhor os servir e agradar: Nuno Canavez não se esquece de um seu cliente, Luís Pinheiro Torres, um afincado colecionador de Camilo e de monografias – *Vinha todos os sábados e quando não lhe arranjava nada, saía desapontado, quase aborrecido comigo, de modo que, quando lhe descobria várias coisas de uma só vez, vendia-lhe só um livro e guardava os outros para as semanas seguintes*<sup>78</sup>. A sapiência dos alfarrabistas sobre o gosto dos seus compradores leva a que muitos recorram à pessoa atrás do balcão para um conselho quando pretendem oferecer um livro como presente a um seu cliente. Com efeito, é uma experiência que lhes permite conhecer a formação e interesses bibliofílicos, não apenas dos seus clientes habituais, mas, analogamente, de outros potenciais compradores. É uma característica, a par da excelente memória, regra geral, sintomática dos livreiros alfarrabistas.

A busca para cumprir os pedidos dos clientes pode, por vezes, espraiair-se por muitos anos, exigindo dos alfarrabistas perspicácia e persistência. A título de exemplo, Nuno Canavez calcula que para reunir a *Fénix Renascida*<sup>79</sup>, serão necessários uns 6 anos e, ainda assim, tem dúvidas da possibilidade de reunir

---

<sup>77</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3 a 9 de Março de 1989, p. 14.

<sup>78</sup> QUEIRÓS, Luís Miguel – *Livraria Académica Faz 95 Anos*, in «Público», n.º 6198, Ano XVIII, 19 de Março de 2007, p. 23.

<sup>79</sup> Estas são as duas antologias mais importantes da poesia seiscentista de Portugal, sobretudo a primeira. A *Fénix Renascida ou Obras Poéticas dos Melhores Engenhos Portugueses* publicou-se em cinco volumes, entre 1716 e 1728, e com acréscimos em 1746, por Matias Pereira da Silva. A par da influência camoniana, nota-se o cultivo das típicas "agudezas" barrocas. Além dos temas lírico-amorosos e épicos, interessam os mitológicos, os satíricos, os religiosos. Dentre os poetas ali reunidos, destacam-se: Jerónimo Baía, Sórór Violante do Céu, António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas), D. Tomás de Noronha, Diogo Camacho, António Barbosa Bacelar.

todos os volumes<sup>80</sup>, ainda que, o que sucede com algum grau de frequência, se recorra a colegas estrangeiros em demanda dos desejados exemplares.

Consideramos que, através destes exemplos, se demonstra o papel dos alfarrabistas no combate à “morte dos livros”, no regresso de diversas raridades ao seu país de origem e, num plano mais essencial, à sua recuperação. Um alfarrabista não fica insensível ao estado de conservação do livro, cabendo a ele, muitas vezes, a sua dignificação: *ele [Guedes da Silva] era incapaz de pôr à venda um livro que estivesse estragado. Ele compunha-o, colava-o, consertava os livros muito bem. Era capaz de perder uma manhã ou uma tarde com um livro que não compensava, mas dizia-me assim: «Ó rapaz, mas vai ali para fora já com outro aspecto!»*<sup>81</sup>.

### **| Variação terceira: o estudo do livro**

Efectivamente, o alfarrabista pode desempenhar um papel crucial na recuperação física do livro, mas igualmente na recuperação das memórias e do património que o exemplar encerra. Numa livraria antiquária, numa equidistância entre respeito e amor, impera o estudo do livro. Um alfarrabista assume, por inúmeras vezes, a função de investigador quando este desconhece uma qualquer informação, susceptível de ser importante para o conhecimento da história do livro e respectiva valorização económica<sup>82</sup>. Este é um fenómeno que se verifica com frequência, sobretudo, quando a publicação em causa remonta a períodos conturbados de falta de liberdade de expressão ou de perseguições políticas ou

---

<sup>80</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3 a 9 de Março de 1989, p. 16.

<sup>81</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 128.

<sup>82</sup> *E depois, em relação à bibliografia de que sou munido, e uma pessoa se quiser aprender não pode ficar indiferente: estes dias, tenho compulsado este dicionário [aponta para um dicionário] e outras coisas por causa de publicações de folhetos que saíam anónimos no período das lutas liberais: as pessoas escondiam-se por causa de represálias e temos de procurar saber, porque pode estar por trás um nome que mais tarde foi muito importante: um Garrett, por exemplo, cujo livro saiu anónimo.* Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 129.



religiosas, em que se publicavam informações falseadas sobre o autor, outras vezes, recorrendo-se mesmo à capa do anonimato (o período das lutas liberais no século XIX foi um desses momentos) para prevenir eventuais represálias. Ora, descobrir que um autor proeminente está por detrás da obra que se tem em mãos, ou que a indicação de impressão no estrangeiro que se encontra no frontispício é, afinal, errónea (Canavez confrontou-se com uma destas situações nas “Poesias Eróticas de Bocage”, cuja impressão estava indicada como tendo sido realizada em Bruxelas, quando, na realidade, se tinha concretizado em Lisboa, facto explicado por se se tratar de uma obra “contudente” para a época<sup>83</sup>) são exemplos de descobertas que enriquecem o nosso património cultural e que dão a conhecer a “biografia” da própria obra, valorizando-a. O mérito, esse, cabe totalmente ao alfarrabista. Contudo, exige-se estudo: “La persona que examine uno o vários ejemplares com estas características precisa estudiar la tipografía de un libro, el estilo tipográfico de sus signatures, los reclusos, los números de sus páginas, los grabados, su papel, etc., pues todos y cada uno de estos elementos eran, en la práctica, únicos de un impresor”<sup>84</sup>.

Por conseguinte, o olhar do leitor habituou-se a procurar – e encontrar – o nome do autor de pronto, na capa do seu livro, configurando, juntamente com o título, uma reacção automática. Todavia, a questão da identificação dos autores dos livros antigos é um assunto vasto e mais complexo do que aquilo que possa parecer *a priori*: pode mostrar-se uma tarefa muito simples ou muito intrincada. Se na maioria das situações, o nome do verdadeiro autor é apresentado na própria obra, quando tal não sucede (ou quando se trata de um nome falso), o caso pode tornar-se um verdadeiro quebra-cabeças. O facto é que, mesmo nas obras com origem no período da Inquisição, cujas rigorosas normas proibiam o anonimato e compeliavam ao registo de um conjunto de informações primordiais (autor, título, impressor ou local de impressão) e cuja ausência era motivo bastante para a eliminação da obra, se encontram casos de incumprimentos. Se é certo que, na

---

<sup>83</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, pp. 129-130.

<sup>84</sup> PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Editorial Síntesis, p. 251.

grande maioria dos casos, a obra faz-se acompanhar pelo nome verdadeiro do seu autor, não é inusitado a sua ausência, ou situações mais complexas ainda, como a coincidência de nomes, apelidos incompletos, omitidos, alterados e mesmo falsos. Uma outra hipotética fonte geradora de equívocos é a opção que muitos autores fizeram – uma vez que, actualmente, é bastante rara – em substituir os seus nome e apelido pelo título nobiliárquico<sup>85</sup>, ou por nomes de base toponímica religiosa, ou mesmo de terras associadas ao escritor<sup>86</sup>. Outra variável potencialmente causadora de leituras erradas é a opção pelo recurso a iniciais e anagramas: Manoel Maria Barbosa du Bocage utilizou um anagrama do seu próprio nome: *Elmano*<sup>87</sup>. Ainda assim, o método mais frequentemente utilizado para ocultação do verdadeiro nome do autor, e que constitui igualmente um desafio para os alfarrabistas, era, e ainda será, a utilização de pseudónimos<sup>88</sup>, que, não raras vezes, se tornam verdadeiros enigmas para os estudiosos. São diversificados os motivos pelos quais os escritores não quiseram, ou não puderam, assinar as suas obras: poderá estar relacionado com o estatuto social do autor, se aquele não se coadunar com o conteúdo da obra; poderá ser uma fuga a eventuais retaliações pelo facto de o escrito atacar a conjuntura da época; poderá estar relacionado com a incompreensão por parte de familiares... inúmeras outras razões poderiam ser aqui elencadas. Porém, estudos recentes vieram demonstrar que, em determinadas situações, a explicação do recurso a tais métodos pertence aos campos da Filosofia e da Psiquiatria. Com efeito, há

---

<sup>85</sup> É o caso de escritores como *António Maria José de Melo César e Meneses*, que empregava o nome *Conde de Sabugosa* ou *Bernardo Pinheiro Correia de Melo*, em cujas obras encontramos o nome de *Conde de Arnoso*.

<sup>86</sup> Veja-se o caso de Frei Gil, médico e escritor dominicano. Dom Gil Rodrigues de Valadares é também conhecido sob os nomes de São Frei Gil de Portugal, São Frei Gil de Vouzela, terra do seu nascimento, São Frei Gil de Santarém, local do seu falecimento, ou simplesmente São Frei Gil: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Frei\\_Gil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Frei_Gil) (consultado a 06.04.2010).

<sup>87</sup> <http://www.mun-setubal.pt/Actividade+Municipal/Cultura/Pessoas/Personalidades/Bocage.htm> (consultado a 06.04.2010).

<sup>88</sup> Podemos citar alguns exemplos de autores portugueses que optaram pelo pseudónimo em alternativa ao seu nome real: Eugénio de Andrade (José Fontinhas), José Régio (José Maria dos Reis Pereira), Miguel Torga (Adolfo Correia Rocha)... Camilo Castelo Branco foi também um sério adepto do recurso a pseudónimos.

que notar que muitos autores não se satisfazem com um único pseudónimo; muitos são os que criam inúmeras identidades, como podemos exemplificar com Camilo Castelo Branco, o qual ao longo da sua carreira, assinou as suas obras com vários nomes distintos. Neste seguimento, alguns estudiosos advogam que, subjacente a estes artifícios estão, por vezes, patologias de desdobramentos de personalidade e transtornos mentais<sup>89</sup>. Na literatura portuguesa, Fernando Pessoa foi mais longe e atribuiu personalidades aos seus heterónimos, encarregando-se de o explicar em expressões célebres como “sê plural como o universo” ou “o bom português é várias pessoas”.

Não obstante a panóplia de motivações que podem justificar este tipo de recursos para o encobrimento do autor, são, sobretudo, o risco e o medo de represálias, em períodos conturbados, os principais motivos pelos quais se recorriam a estas estratégias de protecção (a mesma justificação se aplica nas situações de falsificação do local de impressão). Neste contexto, atentemos no caso espanhol das dedicatórias: é sabido que estes textos – de extensão variável e que se podem encontrar no interior dos livros, nos quais o autor dedicava a obra a uma pessoa ou instituição – sofreram um aumento generalizado nos períodos da História em que o universo literário era vítima das maiores investidas por parte da censura. Método generalizado no século XVI, os autores dedicavam as suas obras a pessoas (ou instituições) poderosas e influentes, expondo a protecção e apoio destas, como que se de uma mensagem indirecta aos censores se tratasse<sup>90</sup>.

O alfarrabismo desvenda inúmeros mistérios e envolve os seus actores, não só pela descoberta de pertinentes pormenores em redor dos livros, como vimos, mas de igual modo, pela descoberta de publicações desconhecidas do público em geral. Ilustremos com o caso da obra *Miss Cavell*, de Teixeira de

---

<sup>89</sup> Para aprofundar esta temática, consultar: DÍAZ, José Simón (2000) – *El Libro Español Antigo: Análisis de su Estructura*, Madrid, Ollero & Ramos, p. 74.

<sup>90</sup> PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Editorial Síntesis, p.235.

Pascoaes, sobre a qual se ouviam rumores de ter sido publicada na “Revista Água”, embora extremamente poucos tenham sido os que a viram, chegando muitos a duvidarem da sua real existência. Só ao cabo de quatro décadas, Nuno Canavez contactou com um exemplar e pôde confirmar, de facto, a sua existência<sup>91</sup>. Inúmeros são os coleccionadores de Teixeira de Pascoaes, aos quais lhes falta somente um exemplar da obra *Miss Cavell*.

Com efeito, o livro é um objecto complexo e, consequentemente, também o seu estudo, cujo sucesso obriga o alfarrabista – ou qualquer outro, curioso ou investigador – a recorrer à interdisciplinaridade, numa multiplicidade de ciências e técnicas: Bibliologia<sup>92</sup>, Bibliografia<sup>93</sup>, Biblioteconomia<sup>94</sup>, Incunabulogia, Paleografia, Arquivística, Ecdótica<sup>95</sup>, História da Arte, História da Imprensa, História do Livro (nomeadamente, o conhecimento profundo do processo de fabricação do livro), História do Papel... São, igualmente, importantes os conhecimentos sobre preservação e conservação. Contudo, o estudo do livro antigo não se restringe apenas ao simples recurso às demais ciências: o estudo do livro antigo, e o conhecimento que dele pode advir, constitui também grande mais-valia para o aprofundamento das outras ciências, nomeadamente no campo da História (e da História da Arte e da História do Livro) e da Filologia<sup>96</sup>.

---

<sup>91</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3 a 9 de Março de 1989, p. 16.

<sup>92</sup> Parte teórica e preliminar da bibliografia considerada como ciência.

<sup>93</sup> Ciência que trata da história, classificação e descrição dos livros.

<sup>94</sup> Ciência que trata do arranjo ou da organização de bibliotecas.

<sup>95</sup> Arte de descobrir e corrigir os erros que um texto sofreu após várias edições, com o objectivo de restabelecer o texto original ou de preparar a sua edição crítica.

<sup>96</sup> “Bisogna abituarsi a considerare il libro nella sua globalità, verificando come i vari aspetti interagiscano, contribuendo nell’insieme alla creazione di paradigmi di riferimento. È un paziente lavoro di ricognizione che può offrire preziosa documentazione non solo allo storico (ad esempio nel riconoscimento delle contraffazioni), ma anche al filólogo (nella individuazione delle modalità di trasmissione dei testi a stampa), allo storico dell’arte (per lo studio di artisti e forme espressive) e allo studioso delle varie tecniche (fabbricazione di carta e caratteri, incisione, litografia).”: ZAPPELLA, Giuseppina (2001) – *Il Libro Antico a Stampa*, Milão, Editrice Bibliografica, p. 12.

Efectivamente, é mester o livreiro antiquário dominar todo este manancial informativo, pois para além do bom exercício da sua actividade, é igualmente essencial para o cumprimento de uma outra função inerente à actividade do livreiro antiquário: a tarefa de assessoria e aconselhamento ao cliente.

Todavia, existe algo que o livreiro alfarrabista deve possuir, bem mais relevante do que todo o manancial de informação científica: “l’esperienza è insostituibile”<sup>97</sup>. Esta é uma actividade profissional em que a inexperiência mais se faz notar, pois não basta comprar barato e vender caro, o que de *per sí*, hoje em dia, é cada vez mais raro. A realidade é que o labor que a Académica acolhe constitui-se muito mais complexo e desafiante, uma vez que tem nos seus clientes, generalizadamente, verdadeiros especialistas.

Defensor e recuperador de livros, poucos serão melhores conhecedores dos meandros do livro e do universo literário do que um alfarrabista. Além da pluridisciplinaridade da sua actividade, o seu conhecimento é vasto: domínio dos géneros literários, dos autores, das encadernações e formatos, dos rostos, dos impressores, das tiragens, a sensibilidade ao toque do papel, o grafismo, os formatos, a qualidade das ilustrações, a encadernação, a espessura, o cheiro... Além do labor que requer a exigência deste estudo, de igual modo a persistência é fundamental, nomeadamente, na tarefa de comparar determinado exemplar com outros da mesma época, autor ou procedência. São conhecimentos dos quais os alfarrabistas se munem, não apenas para o desempenho mais competente do seu trabalho, bem como para prevenir e detectar fenómenos que ainda vão sucedendo no meio, como as falsificações, ou mesmo, para descobrir informações falseadas ou ocultas sobre, a título de exemplo, a identificação de autores, como já foi referido.

---

<sup>97</sup> BALDACCHINI, Lorenzo (1995) – *Il Libro Antico*, Roma, La Nuova Italia Scientifica, p. 7.

Estes percursos de investigação e pesquisa cumprem a ânsia natural do alfarrabista, bem como, aquando do alcance da solução para um problema ou desconhecimento, prestam mais um contributo ao património e conhecimento literários.

A um outro nível, existe todo um trabalho de pormenor aturado e específico que envolve a actividade de um alfarrabista e que os distingue dos demais profissionais ligados ao comércio livreiro: a identificação de contrafacções, a avaliação de bibliotecas, o reconhecimento das características das edições (exemplares numerados e assinados, tiragens...), a avaliação da raridade da obra e dos elementos que a valorizam (como uma dedicatória do autor, por exemplo), a identificação imediata de determinado comentador... A tarimba de um alfarrabista pode ainda permitir-lhe identificar, partindo dos caracteres, o impressor e a casa tipográfica subjacente à obra, analisar e apreciar verdadeiramente estampas e gravuras, reconhecer e classificar a qualidade do papel, bem como os seus avergoados e filigranas.

A base para toda esta torrente de conhecimento, que serve como fim último, para a determinação do valor comercial do livro (pois não é ignorável o facto de este, além de ser um objecto belo e complexo, ser igualmente um objecto comercializável) é fornecida pela intensa pesquisa e leitura de bibliografia da especialidade, de obras e autores, bem como, lembra Nuno Canavez, pela atenção dada aos clientes, fonte inesgotável de informações: *Neste comércio, em contacto permanente com uma clientela excepcional, aprende-se sem querer*<sup>98</sup>. A maior retribuição que um alfarrabista terá por toda a dedicação e entrega será, precisamente, o facto de ninguém como ele saber regozijar-se e valorizar uma obra rara. Trata-se de um conhecimento que nada contempla de instantâneo, sendo alimentado à base da experiência e da própria memória, num esforço de apreensão não apenas das características das obras, como, em questões mais práticas, da própria localização das obras na Livraria e respectivo armazém (pois

---

<sup>98</sup> FÉRIA, Lourdes – Nuno Canavez, *Livreiro de Mérito*, in «Revista Tempo Livre», n.º 155, Dezembro de 2004, n.º 155, p. 43.

os recursos informáticos são um auxiliar recente, e a centenária Académica, dispondo de milhares de volumes, obrigava os seus proprietários e colaboradores a memorizarem os títulos e sua localização).

*Nunca pegues indiferentemente num livro. Quando pegares num livro, a primeira coisa que se sente é o volume, o calor do livro, o grafismo, a espessura, o tamanho, o aspecto porque mais tarde posso vir a perguntar-te por um livro que te passou pela mão. E se tiveres isto gravado, facilmente fixas e vais-me dizer onde o livro está.*

Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 124

É talvez pelo descrito, por esta capacidade em apreciar verdadeiramente um livro precioso, que os livreiros-antiquários patenteiam uma característica comum: a contrariedade em vender determinados títulos. Aqui se distingue uma livraria corrente de uma livraria alfarrabista. Na primeira, após a venda, o livreiro pode renovar o stock, encomendando outros exemplares idênticos; já numa Livraria Alfarrabista acontece precisamente o contrário. Trata-se de exemplares únicos e podem ser inúmeros os elementos que concorrem para a sua singularidade: uma edição cobiçada, uma tipografia excepcional, uma ilustração rara, uma encadernação sumptuosa, um papel especial, um estado de conservação incomum, um autor de renome... A todas estas características sabe o alfarrabista atribuir o devido valor: “en el mundo del comercio del libro no se trabaja con ediciones o con obras, se trabaja con ejemplares...”<sup>99</sup>. Uma ambiguidade de sentimentos, portanto: a venda é o sentido do seu estabelecimento comercial, mas significa igualmente um novo proprietário para o livro pelo qual desenvolveu estima e orgulho.

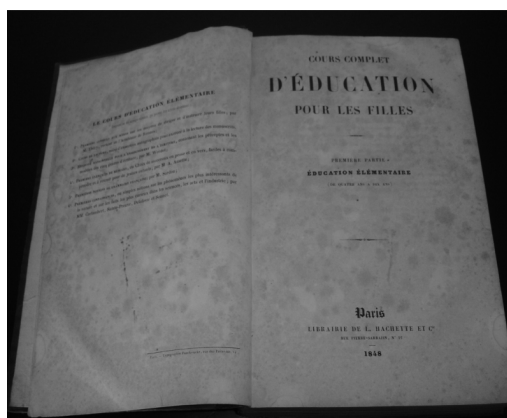
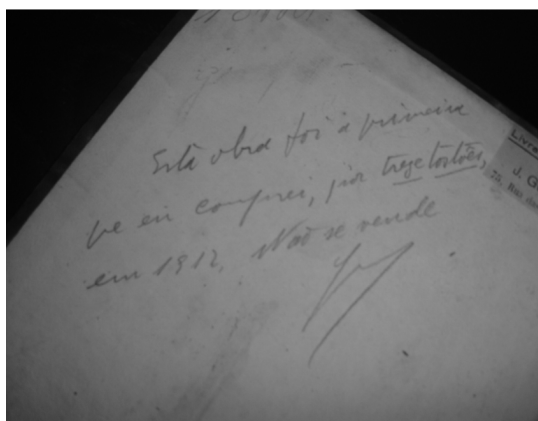
---

<sup>99</sup> GARCIA, Manuel José Pedraza – *Análisis, Identificación y Descripción de los Elementos Materiales del Libro Antiguo. Tipología del Libro Antiguo*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005, p. 18.

*Los libreros pueden ser también bibliófilos, pero nunca pueden ser sus mejores clientes.*

Juan Francisco Pons León,  
*La Descripción del Libro Antiguo en la Librería: Objetivos y Metodología*

A Académica não é excepção. Além da primeira obra adquirida pela Casa por 13 tostões, “uma espécie de enciclopédia da época sobre bons comportamentos”<sup>100</sup>, muitas outras obras, sobretudo as que exibem as encadernações mais excepcionais, não são vendáveis (*Por isso, tenho muita coisa que não vendo porque gosto, são meus companheiros e dizer «Olha que coisa bonita!», isso também tem o seu preço*<sup>101</sup>).



*L'Éducation pour les Filles*, a primeira obra adquirida pela Livraria Académica.

Contudo, a prática comercial impede que se aprisionem todos os livros à prateleira, mormente, os mais valiosos. Os alfarrabistas não se podem dar ao luxo de guardarem todas as preciosidades só para si; é necessário facturar, ficando para si a lembrança e o orgulho de pela sua Casa terem passado exemplares

<sup>100</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 130.

<sup>101</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 130.



como, e elucidamos com o caso da Académica, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (de 1614) ou uma primeira edição comentada dos *Lusíadas*<sup>102</sup>, já para não falar de certas particularidades que tornam o exemplar único e inesquecível para o alfarrabista: Nuno Canavez dificilmente se esquecerá de uma obra de Camilo Castelo Branco com uma dedicatória belíssima e de grande significado a Rodrigues Sampaio<sup>103</sup>.

A actividade ligada ao livro raro e usado já conheceu mais profissionais a ela devotados. Num artigo do “Comércio Portuense”, a explicação para esta carência é justificada da seguinte forma: “pois não abundam pessoas com a necessária capacidade para se dedicar a uma actividade comercial que exige interesse pela pesquisa, conhecimentos literários e cultura em geral”<sup>104</sup>.

Apesar de não abundarem os profissionais do alfarrabismo no nosso país, o mesmo não se pode dizer em relação ao seu reconhecimento público. Mercê da evolução supracitada, já é possível encontrar hoje, na comunicação social, elogios à classe profissional dos que trabalham o livro antigo, como o excerto que agora transcrevemos: “Uma nota curiosa (...) prende-se com a função cultural que um livreiro alfarrabista desenvolve, sem que muitas vezes disso se dê conta a generalidade do público. A capacidade de coleccionar e organizar tematicamente um conjunto de volumes, que na sua maioria já não se encontram disponíveis no mercado, é uma dessas características. Porém, o conhecimento específico e um manuseamento dos livros em circuitos que não são os dominantes é algo que também deve ser tido em conta”<sup>105</sup>.

É facto que, à medida que os anos avançam e a Académica se torna um caso raro e notável de sobrevivência, os meios de comunicação social vão

---

<sup>102</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 131.

<sup>103</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 133.

<sup>104</sup> SANTOS, Jorge – *Lojas Antigas: Livraria Académica*, in «Comércio Portuense», n.º 14, III série, Setembro/Outubro de 1998, p. 8.

<sup>105</sup> *Revisitar o Douro e Trás-os-Montes numa Exposição de Livros e Memórias*, in «Jornal de Notícias», 29.04.1986.

dedicando-lhe um interesse crescente, além do inegável reconhecimento que, nos nossos dias, é atribuída à profissão.

Em suma, é certo que o alfarrabista é, cada vez mais, identificado como um agente cultural, mas não nos podemos esquecer, sobretudo o alfarrabista, que tem um negócio a gerir, naquilo que o livreiro espanhol Juan F. Pons designa de “deliciosa y complicada esquizofrenia”, explicando que, “por un lado es un agente cultural, pasivo y a menudo activo, pero a la vez es una empresa. Ha de crear puestos de trabajo y generar beneficio. Pobre del librero que no entienda esta segunda versión de su actividad, salvo que sea hijo de la Duquesa de Alba, claro”<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> PONS, Juan Francisco (2004) – *Valor y Precio del Libro en la Librería*, in «Precio y Valor del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, p. 176.

O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA

**OS QUE FRANQUEIAM A PORTA  
DE UMA LIVRARIA  
ALFARRABISTA: OS CLIENTES**

O facto é que, se a um bom profissional deste ramo convirá assumir um comportamento padrão (respeito pelo livro, gosto pelo estudo e pela cultura), já o cliente pode integrar-se em diversos contextos e assumir diversos perfis. O responsável da Livraria Académica elenca quatro categorias de clientes<sup>107</sup>:

- o **bibliófilo** é um perito na matéria e “amante” do livro, sabe o que compra e apreende imediatamente da qualidade e especificidade do objecto. Distingue as várias edições de uma obra e apenas efectiva a compra se esta se apresentar limpa, não aparada e conservar as capas de brochura. O seu propósito, quase sempre, não reside na venda da obra, mas, é simplesmente movido pela admiração pelo livro, pelo gosto em folheá-lo e integrá-lo na sua colecção. *É o maior e melhor cliente da Livraria*<sup>108</sup>, é aquele em quem o Livreiro sente que o livro está em boas mãos,

- o **coleccionador** é aquele que utiliza o livro raro e antigo para capitalizar, pelo que mostra preferência pelas primeiras edições, edições raras, edições com dedicatórias, tiragens especiais, ou seja, livros com potencialidade de valorização, na certeza da rentabilização do seu investimento. Não é determinante que o coleccionador seja um homem de cultura, um estudioso ou alguém que conheça afincadamente a esfera literária<sup>109</sup>. Não é sequer necessário que aprecie o livro. Basta saber comprar e, consequentemente, rentabilizar. Na realidade, poderão ser os que menos lêem, mas são, afirma com certezas Nuno Canavez, os que hoje mais gastam<sup>110</sup>. Nestes casos, muito mais do que o bibliófilo, solicita os conselhos do Livreiro em quem confia (neste sentido, o perfil discreto e a

---

<sup>107</sup> FÉRIA, Lourdes – *Nuno Canavez, Livreiro de Mérito*, in Revista «Tempo Livre», n.º 155, Dezembro 2004, p. 43.

<sup>108</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 15.

<sup>109</sup> “(...) Ils peuvent, eux aussi, ne pas faire attention à la coquille, ne pas connaître le papier à la cuve ou à filigrane, n’avoir jamais entendu les noms de Garamond, de Baskerville ou de Bodoni.”: CAILLOIS, Roger (2001) – *Cases d’un Echivier*, in Daniel Desormeaux, «La Figure du Bibliomane», St. Genouph, Libraire Nizet, p. 244.

<sup>110</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 137.

confidencialidade do Livreiro são requisitos imprescindíveis) e, frequentemente, nem abrirá sequer os livros adquiridos. A relação entre ambos é exclusivamente comercial, mas um sabe que o outro, quando de qualidade, é um bom investimento, pelo que de entre a tipologia de clientes habituais de uma livraria alfarrabista, o coleccionador é aquele que está disposto a pagar os preços mais elevados. Quando se realizam boas compras e, conseqüentemente, boas vendas, o negócio dos livros preciosos apresenta boas hipóteses de assumir contornos bastantes lucrativos;

- o **cliente comum**, sem grande orçamento para despende, busca o livro corrente, de tipologias dispersas (Ficção, História, Geografia...), mais concentrado no conteúdo e em pagar preços reduzidos. É nesta área de negócio que a Académica sente maior quebra na procura, fruto, em grande parte, da concorrência das grandes superfícies comerciais.

Nos anos mais próximos, surgiu um novo tipo de cliente: o **cliente especialista** em determinadas temáticas, que delas não se alheia, no fim último de ser detentor de tudo o que existe sobre determinado assunto, geralmente relacionado com a sua actividade profissional. Por outras palavras, são aqueles que colecionam somente um determinado tipo de livros para satisfazer o seu interesse profissional.

Nesta descritiva dos habituais clientes de uma livraria alfarrabista, são os coleccionadores a tipologia de clientes mais rentáveis para uma livraria como a Académica: *Os clientes que me dão mais lucro têm gosto pelas primeiras edições e tiragens especiais. Não as lêem e só pensam na valorização. São os amontoadores*, explica o proprietário da Académica<sup>111</sup>. Todavia, é com os bibliófilos que um alfarrabista, como Nuno Canavez, tem maior prazer em trabalhar<sup>112</sup>, ambos estudiosos do livro e interessados em dele reunirem a maior colectânea de informação possível. Poder-se-ia dizer que na Livraria em estudo

---

<sup>111</sup> MELO, Filipa – *O Pó dos Livros*, in «Visão», n.º 17, 15 a 21 Julho 1993, p. 86.

<sup>112</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 138.

aplicam-se na perfeição as palavras de Manuel José Pedraza, ou seja, de que com os colecionadores, os livreiros mantêm uma relação comercial e com os alfarrabistas, uma amizade<sup>113</sup>. Ambos, todavia, colecionadores e, sobretudo, alfarrabistas, têm algo em comum: partilham os dois principais inimigos. De acordo com um prestigiado estudioso espanhol sobre bibliofilia, Francisco Mendoza Díaz-Maroto, são eles: a falta de dinheiro e a juventude<sup>114</sup>. A menos que estejam protegidos pela *Santa Wiborada*<sup>115</sup>, padroeira dos bibliófilos, é frequente a juventude, sinónimo de inexperiência, potenciar o erro e a falta de dinheiro restringir a aquisição. Vejamos: será sempre difícil um bibliófilo de bolso comedido fazer uma colecção de incunábulo...

*As possibilidades de sofrimento de um bibliófilo pobre podem ser infinitas.*

Pablo Neruda

Efectivamente, podem ser apontadas inúmeras particularidades ao bibliófilo, capazes de evidenciar as lacunas das tradicionais definições etimológicas de bibliófilo que encontramos nos dicionários (“um aficcionado pelas edições raras...”, “um apaixonado pelos livros...”), bem como, susceptíveis de os distinguir dos demais, inclusivamente daqueles que também possuem bibliotecas (e que possam, eventualmente, incluir livros antigos e raros).

---

<sup>113</sup> PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Editorial Síntesis, p.368.

<sup>114</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, pp. 54-55.

<sup>115</sup> Santa Wiborada, bibliotecária da famosa abadia suíça de Saint Gall, enfrentou a ameaça dos saques e da violência das invasões bárbaras. Os monges começaram a fugir aterrorizados, mas ela convenceu-os a esconderem as obras, enterrando-as nas valas defensivas da cidade. Assim, passaram o dia 1 de Maio de 925 a colocarem em segurança os preciosos manuscritos. Os bárbaros húngaros chegaram, arrasaram a abadia e avançaram sobre a cidade fortificada. Após três dias de luta sangrenta, foram repelidos. Wiborada foi encontrada mutilada e morta sobre o local onde haviam enterrado os valiosos livros.

A primeira delas passa pelo facto de, salvo situações de excepção, configurar-se muito pouco comum o bibliófilo desfazer-se da sua colecção em vida: a sua biblioteca é a sua paixão. Poderá, eventualmente, desfazer-se de um ou outro exemplar menos enquadrado ou defeituoso, logo substituindo-o. No meio bibliófilo europeu, é famoso o episódio de um grande bibliófilo, Conde de la Bedoyère, que, em 1847, decidiu colocar à venda a sua biblioteca, sem que o motivasse qualquer razão cimeira. Todavia, aquando do leilão, não concebe a ideia de outros virem a possuir os seus estimados exemplares e, desde o primeiro ao último livro do catálogo, esforça-se por comprar todos eles... e consegue<sup>116</sup>.

Uma outra característica prende-se com o facto de, antes de ser um aficionado por livros, um bibliófilo é um investigador, geralmente, um autodidacta e exímio conhecedor do objecto da sua colecção, e do livro em geral: “El bibliófilo no nace, se hace”<sup>117</sup>. Por fim, os princípios que estruturam a formação da sua biblioteca são a selecção e a qualidade, sendo que estes critérios prevalecem sobre a quantidade<sup>118</sup>. A coerência dos livros que selecciona é, habitualmente, um factor a considerar, em prol do desprezo pela acumulação. A título de exemplo, pode prevalecer a especialização temática – livros de caça, gastronomia, viagens, arquitectura, botânica, etc. – ou o bibliófilo poderá optar pela colecção de livros de determinados autores ou de uma determinada época, livros com encadernações excepcionais, colecção de edições variadas de uma mesma obra, colecção de primeiras edições ou colecção de técnicas tipográficas<sup>119</sup>, livros com dedicatórias, livros de determinados impressores ou locais de impressão, entre outros, sendo que destes se procuram sempre os melhores exemplares: “el libre de bibliòfil es

---

<sup>116</sup> RHEIMS, Maurice – *El Libro Como Objeto de Valor*, in «Cuadernos del Bibliofilia», n.º 4, Abril de 1980, Valência, Albatros, pp. 27-34.

<sup>117</sup> *Bibliofilia y Bibliófilos*, in «Pliegos de Bibliofilia», n.º 6, 2.º trimestre 1999, Madrid, p. 52.

<sup>118</sup> Aqui reside uma das principais diferenças entre um bibliófilo e um bibliómano.

<sup>119</sup> Franck van Eck, suíço, colecciona livros com gravuras em placas de cobre. A sua colecção, em 2002, perfazia cerca de mil livros: LEÓN, Juan Francisco Pons – *Coleccionismo y Bibliografía*, in «Tasación, Valoración y Comercio del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Pressas Universitarias de Zaragoza, 2002, p. 246.

pretén assolir la major perfecció possible”<sup>120</sup>. Como se constata, são dilatadas as possibilidades de especialização: mencionemos o autor José Porter, em cuja obra *Los Libros*, podemos encontrar 32 páginas dedicadas à enumeração das especialidades bibliofílicas conhecidas por si (aproximadamente, 2500)<sup>121</sup>.

Manuel Pedraza circunscreve a duas tipologias os factores de interesse de coleccionadores e bibliófilos: o conteúdo do livro e as características materiais do mesmo. Em relação a este último factor, o livro do bibliófilo/coleccionador pode apresentar alguma(s) das seguintes características:

- um invulgar cuidado tipográfico, capaz de tornar um exemplar, ainda que não muito antigo, bastante ambicionado;
- pode tratar-se de um exemplar produzido por um impressor ou numa região de interesse para a colecção do bibliófilo/coleccionador;
- a qualidade das ilustrações, quer em termos estéticos quer em termos informativos (alguns bibliófilos são atraídos, por exemplo, por ilustrações mais técnicas ou geográficas, enquanto outros valorizam o fundamento estético das mesmas);
- as encadernações constituem outro grande motivo para a aquisição de um livro;
- a qualidade do papel, que se assume como um factor de referência nas preferências dos bibliófilos<sup>122</sup>.

Ultrapassando esta tipificação, o conteúdo e o autor configuram-se como os principais nexos de atracção de bibliófilos. Coleccionar as obras de um determinado autor (preferencialmente, as primeiras edições, mais próximas do original ou obras de tiragens reduzidas) ou coleccionar obras de determinada

---

<sup>120</sup> ROVIRA, Francesc X. Puig (2001) – *Arquitectes i Editors dels Llibres de Bibliòfil*, in «Bibliofília a Catalunya», Barcelona, Fundació Jaime I, p. 34.

<sup>121</sup> PORTER, José (1973) – *Los Libros*, Barcelona, ed. autor.

<sup>122</sup> PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Editorial Síntesis, p. 365.



temática são os factores primeiros que tornam um livro bastante apetecível. Importa, porém, salientar que a importância atribuída a cada um dos factores sobreditos é variável, bem como se encontra de igual modo dependente das tendências da moda em vigor. O facto é que, mais do que qualquer outro, o bibliófilo é o apreciador de livros que mais se consegue distanciar da concepção do livro como um objecto puramente material, mas “que és molt sovint el camí que condueix a creacions i aportacions culturals molt importants”<sup>123</sup>.

Porém, desponta a interpretação de que os clientes de um alfarrabista, além de serem mormente do sexo masculino, pertencem a um grupo minoritário, com uma grau cultural e gosto especiais. São, todavia, cada vez em menor número: são expressivos os sintomas de uma diminuição do número de bibliófilos e de coleccionadores<sup>124</sup>, logo, regista-se uma certa diminuição na procura do livro raro, não obstante essa diminuição ser muito mais notória no livro corrente<sup>125</sup>. Tal não colhe justificação numa degradação da perspectiva de lucro do negócio dos livros raros e a comprová-lo está o facto de que, em cada catálogo da Académica, o cenário se manter: os melhores livros são os primeiros a serem vendidos. Nuno Canavez considera que os bons exemplares são sempre garantia de valorização; poderão sofrer algum abalo em períodos de crise, mas é sempre passageiro<sup>126</sup>. No mercado alfarrabista impera, por conseguinte, a norma de que o que é raro, excepcional e caro é sempre vendável; já os exemplares correntes, sempre valerão pouco.

Nota-se, sim, de acordo com as impressões de Nuno Canavez, um progressivo afastamento da sociedade em geral em relação à leitura do livro raro e usado e, consequentemente, às oportunidades de negócio que neste círculo podem surgir. Este afastamento é manifesto sobretudo nas faixas etárias mais

---

<sup>123</sup> JOVER, José Ignacio Montobbio – *Elogi de la Bibliofília*, in «Bibliofília a Catalunya», Barcelona, Fundació Jaime I, 2001, p. 7.

<sup>124</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 138.

<sup>125</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 140.

<sup>126</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 139.

jovens: são raros os jovens que se interessam pelo livro raro e franqueiam as portas da Livraria. Bibliófilos e colecionadores entre os 25 e 30 anos, como outrora, são já uma “espécie” muito rara e a Livraria recebe, sobretudo, um leque muito habitual de clientela dos quarenta anos em diante, raramente surpreendido e reforçado por novos elementos<sup>127</sup>.

Ora, se não existe grande flutuação na faixa etária da clientela habitual de uma livraria antiquária como a Académica, a ocupação socioprofissional apresenta do mesmo modo alguma homogeneidade: entram no número 10 da Rua Mártires da Liberdades no Porto sobretudo os médicos, tradicionalmente detentores de invejáveis bibliotecas (Nuno Canavez justifica: *está ligado [o médico] ao problema humano, à sensibilidade, ao sofrimento e, por outro lado, é o que tem mais dinheiro*<sup>128</sup>) e os homens ligados às Humanidades, como os professores.

Damos conta, ainda, de um outro tipo de cliente, o cliente estrangeiro. Este já não tem o peso de outrora na facturação da Livraria. No longo hiato de existência da Académica, o período áureo de vendas do livro raro centrou-se, segundo Nuno Canavez, nas décadas de 1970 e 1980. Este cenário positivo ficou-se a dever, precisamente, ao cliente estrangeiro que absorvia uma parte bastante considerável do stock<sup>129</sup>. O século XXI não conhece um ressurgimento deste cliente.

Nem sempre os clientes se materializam em figuras individuais. As entidades públicas também desempenham o seu papel. Estas mostram-se igualmente mais consciencializadas para a premência de adquirir algumas das raras obras que pela Livraria passam, no sentido de as reservar e de as tornar acessíveis ao domínio público (são particularmente afortunados, os casos de revistas oferecidas a bibliotecas públicas e/ou universitárias, a fim de que as

---

<sup>127</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 140.

<sup>128</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 143.

<sup>129</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 140.

instituições possam completar as suas colecções). A Livraria congratula-se e favorece as vendas a estas instituições públicas, apesar de que as burocracias administrativas de qualquer venda a uma instituição pública faça esmorecedor qualquer comerciante de livros, além da demora dos pagamentos, cenários que não configuram com as vendas a privados. Todavia, muitas são as ocasiões em que tal não sucede: a contenção de recursos financeiros deixa, não raramente, escapar preciosidades para mãos privadas. Na história da Livraria Académica constam alguns casos de preciosidades lamentavelmente “perdidas” pelas instituições públicas: citamos o caso da obra do Abade de Baçal que, pelo ano de 2003, dispunha a Livraria: onze volumes, cujos primeiros seis tinham pertencido ao próprio Abade e os restantes oferecidos ao seu médico pessoal, com dedicatórias bastante relevantes, no valor de 2500 euros. A aquisição da obra foi colocada à consideração da Câmara Municipal de Bragança, a fim de integrar o espólio do Museu Abade de Baçal, a qual foi recusada por falta de verba. A obra acabou por ser vendida a um particular, por mais de 3000 euros<sup>130</sup>.

Episódio análogo sucedeu com as “Actas da Câmara Municipal de Miranda do Douro”, as quais remontavam a inícios de 1800, no valor de 1000 euros, que igualmente por ausência de financiamento por parte da respectiva Edilidade Municipal, passou para mãos particulares. Para que se trace um cenário fiel aos factos, existem, igualmente, casos mais felizes, de obras que seguiram para os locais que, aparentemente, eram os ideais para elas: Nuno Canavez destaca uma segunda edição da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, a qual foi adquirida pela Câmara de Montemor-o-Velho, terra natal do autor, no contexto das celebrações em sua honra.

Todavia, como se constata, são escassos os casos de interesse e disponibilidade na aquisição de obras raras por parte das instituições públicas, pelo que são os clientes particulares os que mais contribuem para o sucesso das vendas do estabelecimento.

---

<sup>130</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, pp. 131-132.

**O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA**

**OBRAS, AUTORES  
E MERCADO**

## | **Obras e Autores**

Ao longo do século XX, as obras, sobretudo, as mais procuradas, logo, mais valorizadas, não se mantiveram imutáveis. Em determinados períodos, fruto de circunstâncias não apenas culturais mas também políticas e outras, alguns autores foram perdendo protagonismo em detrimento de outros, o mesmo sucedendo com os respectivos títulos.

Por conseguinte, outras particularidades podem influir na valorização dos preços de uma obra ou de um autor, que não apenas a antiguidade da obra. Aliás, se a antiguidade de uma obra concorre para o aumento do seu preço, não significa que não existam obras bem mais recentes a preços marcadamente superiores. Vejamos: adquirir um livro do Padre António Vieira, com origem no século XVII, é um achado raro, pelo que o seu preço é considerável. Todavia, não se assemelha, actualmente, aos preços definidos para livros raros de Miguel Torga, José Régio ou Mário de Sá-Carneiro, alguns dos autores mais caros dos anos 1990.

Com efeito, os preços sofrem oscilações, muitas vezes flutuando ao sabor das tendências. Por outras palavras, a moda também influi nas preferências dos que buscam o livro raro e, conseqüentemente, nos seus preços. Se, nos últimos anos, Miguel Torga está entre os autores mais requisitados, e a título de exemplo, a sua obra “Ansiedade” (apesar de considerada por muitos a sua obra “menor”) chegou a estar à venda na Académica por cerca de 700 contos (na moeda da época), este interesse é recente, pois o próprio autor confessou a Nuno Canavez “que quando oferecia as suas primeiras edições poucos as aceitavam”<sup>131</sup>. Miguel Torga é um exemplo de autor cujo interesse sofreu uma evolução em crescendo (apesar de hoje, de acordo com Nuno Canavez, não ser “tão procurado como foi noutro tempo”<sup>132</sup>). Outros, porém, ficaram fora de moda. Nuno Canavez cita dois autores que constituem exemplo deste decréscimo de procura pelos seus

---

<sup>131</sup> MELO, Filipa – *O Pó dos Livros*, in «Visão», n.º 17, 15 a 21 Julho 1993, p. 86.

<sup>132</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 167.

clientes: Feliciano de Castilho ou Guerra Junqueiro, caídos, hoje, praticamente no esquecimento.

Teixeira de Pascoaes apresenta igualmente variáveis na sua procura: se nos anos 1950 era um autor acessível, barato mesmo, à venda a preços de saldo em pequenas bancas na Avenida dos Aliados no Porto, e cujos títulos, nas livrarias, permaneciam nas estantes indefinidamente aguardando um eventual interessado, da década de 1960 em diante, tornou-se num dos autores mais procurados<sup>133</sup>. Com Raul Brandão sucedeu o mesmo. Mas também se regista o contrário: Fernando Namora ou Ferreira de Castro, em tempos celebridades nos estabelecimentos alfarrabistas, hoje ficam omissos. Nuno Canavez tenta dar-nos uma explicação para estas variações ao longo dos tempos: *Eu julgo que quando o autor tem um texto que, de facto, se impõe, pode quebrar, mas ele volta outra vez a surgir e volta à flor da água, como se costuma dizer. Se o indivíduo não tem aquele mérito que é fundamental e imprescindível, a obra vai-se afundando. É menos procurado*<sup>134</sup>.

Há ainda que considerar, como já foi mencionado, a própria condicionante da moda (existem livros e autores pouco apreciados num determinado momento, mas que adquirem preços muito elevados posteriormente e vice-versa) e fenómenos extrínsecos e variáveis, potenciadores da procura por determinada obra ou autor (como a morte ou as celebrações relacionadas com o nascimento/morte de um autor ou a descoberta de algum novo aspecto ou de novos manuscritos), enfim, tudo o que possa publicitar o nome da obra ou do autor. Vejamos um caso recente de Jorge de Sena: nunca foi um autor muito procurado na Académica, mas em Setembro de 2009, os seus restos mortais foram trasladados dos EUA, onde faleceu em 1978, para o cemitério dos Prazeres, em Lisboa. Ora, este episódio despoletou, por aquela altura, uma

---

<sup>133</sup> “O Pascoaes teve fases. Há 35, 40 anos não se vendia, o seu público era muito restrito. Andavam as primeiras edições nas padolas dessa cidade a preços irrisórios, não se vendiam mesmo a 2\$50, 2\$00 e 1\$00. Dez anos depois, começou uma grande procura”: PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 17.

<sup>134</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 163.

grande procura pelo autor<sup>135</sup>. Outra situação: a intervenção positiva de um conceituado crítico literário pode igualmente impulsionar as vendas. Nuno Canavez dá o testemunho do autor João de Araújo Correia, um autor completamente desconhecido, que começou a esgotar as suas edições após um elogio que recebeu por parte de um crítico literário num jantar comemorativo a Aquilino Ribeiro, no Porto<sup>136</sup>. A propósito de Aquilino Ribeiro, este configura-se um bom exemplo de como a polémica que envolveu a sua obra *Quando os Lobos Uivam*, tida como subversiva aos olhos do Estado Novo e, conseqüentemente, apreendida, o catapultou para o sucesso. Outro título bastante procurado na Académica, e por idênticas razões, foi, precisamente, *O Lodo e as Estrelas*, da autoria do Padre Telmo Ferraz, um livro de poemas que retratava as condições de vida miseráveis dos que trabalhavam na construção da Barragem de Miranda do Douro e que também se submeteu à alçada da censura<sup>137</sup>. Por último, há igualmente a considerar as oscilações regionais, por outras palavras, existem autores mais procurados em determinadas regiões. Vejamos Camilo Castelo Branco, que, apesar de ter nascido na capital, rumou para o Norte, onde viveu e sobre o qual escreveu, tendo mais adeptos, leia-se clientes, no Porto. Já Fernando Pessoa ou até Wenceslau José de Sousa Morais, cujas obras incidiram maioritariamente sobre a temática oriental, são mais valorizados em Lisboa<sup>138</sup>.

No que à tipologia de vendas diz respeito, o interesse maior pelos livros, em detrimento dos manuscritos, autógrafos e correspondências, é consideravelmente superior, e é uma tendência constante que se regista desde os primórdios da Académica. Dentre os livros, as temáticas que despertam maior interesse são os escritos literários de autores consagrados. É, portanto, na área da Literatura Portuguesa que a Académica apresenta maior oferta (e procura),

---

<sup>135</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, pp. 163-164.

<sup>136</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 164.

<sup>137</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 165.

<sup>138</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 162.

com primeiras edições e livros valiosos, embora exhiba igualmente livros sobre heráldica, genealogia, arte, monografias, revistas literárias...<sup>139</sup>.

A experiência de Nuno Canavez permite-lhe destacar os autores mais procurados nos dias de hoje<sup>140</sup>: do século XX, Fernando Pessoa, José Régio e Miguel Torga; do século XIX, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco; dos séculos XVI, XVII e XVIII, edições antigas do Padre António Vieira, Luís de Camões e Pedro Nunes<sup>141</sup>.

De igual modo se encontram particularidades nos interesses dos clientes, de acordo com a sua faixa etária. A título exemplificativo, em 1993, Fernando Pessoa era um dos autores mais procurados, porém o interesse neste autor era oriundo, maioritariamente, das faixas mais novas, de idade inferior aos 40 e 50 anos. A clientela mais velha revela outras predilecções, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós, e nunca se interessam por autores posteriores a Pessoa<sup>142</sup>. Por outras palavras, os mais novos procuram normalmente os autores mais modernos; os *mais velhos mantêm-se naquele fim do século XIX, princípio do século XX*<sup>143</sup>. Nuno Canavez justifica o facto no interesse dos mais jovens pelos

---

<sup>139</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 159.

<sup>140</sup> Ao mesmo tempo, são estes os autores mais caros: *O Torga, a primeira edição pode ir desde quinhentos contos aos dez contos. Veja a oscilação. Depende da obra, da raridade. No Eça, pode ir dos dez contos na mesma, que ainda há primeiras edições do Eça a dez, quinze contos, vinte contos até mil contos. E assim sucessivamente, quer dizer, há uma oscilação muito grande nos autores. Ainda há primeiras edições do Camilo que vão a vinte contos, mas também há outras que vão a quinhentos contos: uma primeira edição do Amor de Perdição, um bom exemplar, vende-se por quinhentos contos. E um outro livro, ou porque teve uma tiragem maior, ou porque o interesse não foi tão grande, portanto, não se vendendo, não teve a mesma procura...*: Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, pp. 170-171.

<sup>141</sup> *Alfarrabistas, uma Profissão com Poucos Cultores*, in «Porto Magazine», n.º 1, Ano I, Maio de 1991, p. 72.

<sup>142</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 16.

<sup>143</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 167.



autores que abordam temáticas mais actuais, como é o caso de escrita pessoal<sup>144</sup>.

### | O Mercado: Valorização e Transacção

*El llibre és potser l'obra més completa que hagi pogut sortir mai de les mans de l'home. El llibre és un tot complet, en el qual, a la vegada, la criatura humana es mostra creadora, ja que s'hi reuneixen un element espiritual, que és l'obra literària fruit del pensament, i un element material, que és el llibre mateix en la seva forma tangible. Libre perfecte seria aquell en què ambdós elements, cos i ànima, es corresponguessin dignament; en què la bellesa de l'obra literària tingués un exacta concordança amb la bellesa i perfecció dels components materials que formen el llibre, fins al punt que la conjunció constituís una obra d'art integral i perfecta.*

Miquel i Planas, *La Novela de un Bibliófilo*

As portas que franqueiam uma livraria antiquária não guardam somente livros antigos (ou livros raros, ou livros velhos, ou livros preciosos ou fundo antigo). Enriquecem-na outras preciosidades – revistas, mapas, pautas musicais, folhetos, gravuras –, que constam igualmente das suas estantes, preciosos testemunhos da nossa História.

Note-se, contudo, que a antiguidade não é o único requisito capaz de integrar um livro num estabelecimento alfarrabista, até porque um livro do século XIX, por força do seu autor, do tema que aborda, da sua tiragem, do número de exemplares sobreviventes no mercado, pelo seu estado de conservação, pode ser mais valioso do que um livro do século XVI. A maioria dos estudiosos reconhecem a primeira metade do século XIX como limite para a classificação do livro antigo<sup>145</sup>. Todavia, este não é, efectivamente, um tema consensual: é

---

<sup>144</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 166.

<sup>145</sup> Ao contrário do limite cronológico que define os incunábulos (“A palavra aplica-se às obras impressas na Europa no século XV – abrangendo assim todas as que ali saíram dos prelos antes de 1501.”: MCMURTRIE, Douglas C. (1997) – *O Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 325), a limitação cronológica do livro antigo não é totalmente consensual: GARCIA, Manuel José Pedraza – *Análisis, Identificación y Descripción de los Elementos Materiales del Libro Antiguo. Tipología del Libro Antiguo*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005, p. 13.

problemática a questão da delimitação cronológica para o livro antigo, assim como são levantadas diversas dúvidas sobre a inclusão, ou não, dos manuscritos nessa metodologia de tipificação<sup>146</sup> (embora a maioria dos estudiosos defenda que o título de “antiguidade” não pode ser exclusivo de livros impressos, pois ambos, o impresso e o manuscrito, apresentam a mesma natureza e fim: difundir um conteúdo escrito).

Assim sendo, para além de incunábulos, manuscritos e livros antigos, podemos igualmente encontrar nas livrarias antiquárias as primeiras edições de autores contemporâneos. A propósito desta questão uma nota conceptual, pois convém esclarecer que, embora usualmente as designações “livro velho”, “livro antigo”, “livro raro”, “livro precioso” sejam entendidas como sinónimas, o facto é que não o são. As denominações de “livro antigo” ou “livro velho” correspondem à classificação cronológica, enquanto as denominações “livro raro” e “livro precioso” referem-se a características qualitativas.

Com efeito, mais do que a antiguidade, é a raridade o critério principal na integração de uma obra no universo alfarrabista. Raridade é sinónimo de escassez, que, por sua vez, é sinónimo de valorização. Há livros que já nascem raros, pois foram lançados para o mercado numa tiragem reduzida (ainda que a sua antiguidade possa ser pouco expressiva), e há os que, fruto das circunstâncias, se tornam raros (pelo seu carácter efémero ou porque foram vítimas de uma qualquer catástrofe). Hans Tuzzi define, com algum humor, este conceito: “Raro es el libro que no corro el riesgo de encontrar, y si lo encuentro, no puedo permitir-me comprarlo”<sup>147</sup>. Note-se que, ainda que os exemplares possam existir nas principais bibliotecas, a sua ausência nos circuitos do mercado compele à sua raridade. Claro está que, tratando-se de um exemplar inexistente

---

<sup>146</sup> No famoso dicionário espanhol de Bibliologia da autoria de Martinez de Sousa, pode ler-se que livro antigo é aquele “libro producido desde la invención de la imprenta hasta una fecha que el uso o la ley determinan.”: SOUSA, José Martinez de (1993) – *Diccionario de Bibliologia*, Madrid, Ed. Pirámide, p. 540.

<sup>147</sup> TUZZI, Hans (2000) – *Collezionare Libri Antichi, Rari, di Pregio*, Milão, Sylvestre Bonnard, p. 85.

também nas bibliotecas, a sua procura e o correspondente valor comercial são ainda mais reforçados.

Pelo exposto, é manifesta a oposição entre as realidades do mercado do livro contemporâneo e do mercado do livro raro e antigo: no primeiro, valorizam-se as elevadas tiragens (muitas vezes, “enfeitando” os livros com selos ou faixas publicitárias, de forma a exhibir o número de exemplares vendidos ou edições já realizadas); o segundo valoriza as tiragens diminutas e os exemplares únicos.

Neste contexto, uma das mais conceituadas classificações de raridade dos livros é atribuída ao espanhol Pedro Salvá. Também ele corrobora a ideia de que a raridade do livro torna-o mais precioso, do que propriamente a sua antiguidade. Eis a referida classificação, dividida em cinco níveis diferentes:

- “1. Primer grado: Son de primera rareza aquéllos libros que se sabe de fijo ó se sospecha que han sido impresos, y sin embargo no se tiene noticia de que exista ejemplar alguno de ellos...
2. Segundo grado: aquellos outros de que no se sabe exista más que uno ó pocos ejemplares...
3. Tercer grado: los libros de que solo mui de tarde en tarde aparece algun ejemplar a la venta, ó que son mui pocos los aficionados que los poseen...
4. Cuarto grado: deben contarse [aquéllas obras que], efectivamente no se halla com facilidad ocasión de adquirirlas...
5. Quinto grado: se reputan ‘como escasos’ los libros cuyas ediciones, aunque más recientes, ó se han tirado en corto número ó se hallan del todo agotadas, y por conseqüente suelen encontrarse por casualidad. A esta clase pertenecen los que habiéndose impreso en tiempos modernos, han sido destruídos en su mayor parte por alguna circunstancia fortuita...”<sup>148</sup>.

---

<sup>148</sup> SALVÁ, Pedro – *Catálogo de la Biblioteca*, cit. por Manuel José Pedraza Garcia, *Análisis, Identificación y Descripción de los Elementos Materiales del Libro Antiguo. Tipología del Libro Antiguo*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005, p. 14.

Ora, no seguimento da apresentação desta classificação sobre o critério da raridade (que, assim como outras propostas de classificação, é igualmente um esforço na hierarquização e clarificação de preços), convirá referir, no entanto, que, ao conceito de raridade subjaz alguma subjectividade. Por outras palavras, um livro considerado raro, também pode deixar de o ser. Exemplificamos com a obra “Processionarium Fratrum Praedicatorum” (Sevilha, 1494), do qual se conheciam apenas dois exemplares. A raridade desta obra foi abalada quando, em 1912, se descobriu mais de uma centena de exemplares idênticos num gabinete de um convento dominicano<sup>149</sup>. Além disso, nem sempre raridade é sinónimo de procura: pode suceder existir um livro raro que, pelo seu tema, pode suscitar uma procura muito reduzida, logo, sem interesse comercial. De idêntica forma, o título de “exemplar único” pode, igualmente, ser um conceito efémero: o exemplar é único até se encontrar outro idêntico.

Bastante representativo destes cenários é o episódio, relatado por Francisco Díaz-Maroto, e ocorrido com o bibliófilo francês Pixérécourt, possuidor de um autógrafo de Maria Antonieta, que julgava ser único. Quando, surpreendentemente, se deparou com um outro autógrafo exactamente igual, e sem conseguir identificar qual o verdadeiro e qual o falso, optou por, aleatoriamente, queimar um deles, a fim de que o outro passasse a ser o único<sup>150</sup>.

Como expusemos, antiguidade e raridade não são, portanto, sinónimos. É correcto que a antiguidade configura-se num factor que quase sempre condiciona a raridade do livro, mas não deixa de ser igualmente verdade, que existem livros antigos dos quais se conservam centenas de exemplares, e livros do século XX, dos quais praticamente não se conhecem quaisquer exemplares. Aduzimos igualmente a ideia de que, frequentemente, muitos dos livros baratos são os mais raros, pois são menos valorizados e produzidos com matérias-primas mais

---

<sup>149</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza – *Bibliofilia y Facsímile*, in revista «Pliegos de Bibliofilia», 4.º trimestre de 1999, Madrid, p. 46.

<sup>150</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros, un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, p. 183.

débeis, logo, quando comparados com os livros mais caros, são menos resistentes à violência do tempo e menos preservados pelos seus proprietários. É este estado de coisas que confere, muitas vezes, um elevado nível de raridade a impressos menores, como calendários, cartilhas, literatura de cordel: são fisicamente frágeis, financeiramente baratos e assumem um carácter mais prático e utilitário. Configuram, portanto, peças raras do alfarrabismo.

Com efeito, no mundo do alfarrabista, para além da antiguidade e da raridade, o conteúdo e o autor do livro apresentam uma tal relevância, que automaticamente condicionam o valor do livro (*Quando o texto tem mérito e lhe é reconhecido, mais cedo ou mais tarde, ele vai ser chamado bem ao de cima*<sup>151</sup>). Contudo, para além destes quatro factores de relevância indubitável (antiguidade, raridade, conteúdo e autor), existe uma série de outros condicionalismos que podem, neste seguimento, fazer disparar o valor comercial de uma obra e torná-la numa preciosidade do universo alfarrabista. É o caso da encadernação, por vezes verdadeiro testemunho estético, e um dos atributos mais valorizados na determinação do valor do exemplar. A este propósito, o estudo “Bookbinding and the Conservation of Books”<sup>152</sup> tece uma pertinente abordagem a este tema, fazendo notar que a velha máxima de que “não se deve julgar um livro pela capa” não se aplica aos livros raros e usados, pois as encadernações são, também elas, uma das características que mais contribui para a raridade e valorização bibliográfica... mas nem todas, apenas as encadernações originais valem dinheiro.

As reencadernações modernas nem sempre são aconselháveis; apenas se justificam na eventualidade de as originais se encontrarem já em tal estado de deterioração que já não seja viável qualquer tipo de restauro. Há mesmo quem defenda que “el valor de la encuadernación y de la ilustración es tanto mayor cuanto menor es la capacidad de lectura y comprensión del texto que tienen el

---

<sup>151</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 167.

<sup>152</sup> ROBERTS, Matt T.; ETHERINGTON, Don (1982) – *Bookbinding and the Conservation of Books*, Washington, Library of Congress, p. 7.

propietario o las personas para las que se han hecho”<sup>153</sup>. O facto é que a decisão da reencadernar um livro deve ser alvo de prudência; é necessário que a reencadernação se aproprie à obra (um livro caro deve ter uma encadernação em correspondência) e à época<sup>154</sup>, sob pena de afectar a sua autenticidade. A substituição da encadernação original, mesmo que por uma mais sumptuosa, não é, no mundo dos livros antigos, sinónimo de valorização. Aliás, um livro com as capas de brochura originais é credor de forte valorização: *Normalmente, o livro aparece encadernado porque, naquela altura, 90% dos livros encadernavam-se com capa dura e, normalmente, deitava-se a capa fora e guilhotinava-se a toda a volta para o livro ficar mais manuseável, e hoje, o bibliófilo não quer, ou melhor, quer enquanto não arranja outro exemplar*<sup>155</sup>). Vejamos: um exemplar do *Crime do Padre Amaro*, sem capas originais poderá rondar os 1000€ a 1500€, no entanto, se possuir as capas originais e margens, o preço sobe para 2500€ a 10 000€<sup>156</sup>. Por conseguinte, resultado da mentalidade da época, no passado, muitos livros foram despojados das suas capas originais, substituídas por encadernações ditadas pela moda em vigor. Interessante é um episódio a este respeito, relatado por José Vitorino de Pina Martins, em memória do intelectual, e também bibliófilo, Eugenio Asensio. Em 1950, cruza-se com este enquanto comprava algumas preciosidades, mas que apresentavam uma capa em visível mau estado, pelo que Asensio pediu ao livreiro para separá-los, pois trataria de proceder à sua reencadernação. O bibliófilo alertou-o de imediato: “Talvez não tenha feito bem em separá-los. Há bibliófilos que pretendem a encadernação

---

<sup>153</sup> ESCOLAR, Hipólito (1993) – *Historia Universal del Libro*, Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, p. 325.

<sup>154</sup> “Escolha o tipo de encadernação adequada à obra e à época; por exemplo, não mande fazer uma inteira de carneira, com gravações douradas de casa cheia, para uma edição de bolso moderna, ou para uma revista de divulgação; para um livro do século XVI fica sempre bem uma encadernação de pergaminho à romana (mas sem muitos dourados); não mande nunca fazer uma encadernação tipo meia-francesa, holandesa ou inglesa, para obras impressas até ao século XIX; as revistas e usuais devem ser encadernadas em pano: as chamadas *peles de diabo* resultam bem e são mais resistentes no uso do dia-a-dia”: DIAS, João José Alves (1994) – *Iniciação à Bibliofilia*, Lisboa, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, p. 38.

<sup>155</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 142.

<sup>156</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 142.

original, mesmo marcada pelo tempo, às encadernações sumptuosas em marroquim. A experiência ensinar-lhe-á muitas coisas”<sup>157</sup>. Com efeito, muitos são os pormenores, desconhecidos para o cliente comum, susceptíveis de potenciar a arte bibliográfica do livro, valorizando-o ou desvalorizando-o. Relativamente às capas originais, acresce sempre valor a sua preservação, sejam elas de papel ou de cartolina, as quais, por inúmeras vezes, são desprezadas e destruídas. Mas, como salientado anteriormente, a norma que prevalece é a de “es más caro un ejemplar más próximo a su aspecto original (genuinidad, permítase la palabra) que un ejemplar muy modificado (restaurado, lavado con encuadernación moderna...)”<sup>158</sup>.

A beleza de um livro pode ser facilmente maculada: falamos de um objecto assente em materiais orgânicos, frágeis, susceptíveis de sofrerem graves patologias<sup>159</sup>. Neste seguimento, o estado de conservação física do livro influi significativamente no seu valor, pois um livro bem conservado é, automaticamente, um livro de raridade inquestionável, logo, objecto do interesse de coleccionadores e bibliófilos: os livros incólumes são, naturalmente, mais procurados (e mais caros) do que os livros com defeitos, por mais secundários que estes sejam. Aliás, um dos principais ensinamentos dos coleccionadores seniores é: “comprar livros defeituosos, só quando são muito raros ou muito baratos”<sup>160</sup>. Quando se tratam, então, de mutilações, falta de folhas, degradação da capa, um papel em deficientes condições que afecte significativamente o texto, etc., nesses casos, a desvalorização é ainda mais acentuada. Infelizmente,

---

<sup>157</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina – *Eugenio Asensio: o Humanista, o Investigador, o Bibliófilo*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 2, Ano I (1997), Lisboa, Edições Távola Redonda, 1998, pp. 25-26.

<sup>158</sup> GARCIA, Manuel José Pedraza – *Instrumentos y Herramientas para la Identificación, la Tasación y el Comercio de Libros Antiguos: Descripción y Uso*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005, p. 124.

<sup>159</sup> Sobre a temática das patologias e conservação dos livros antigos, consultar: CUADRADO, Amparo García – *Patologías del Libro Antiguo. Conservación*, in «Tasación, Valoración y Comercio del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2002, pp. 151-166.

<sup>160</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, p. 305.

sobretudo em países de climas quentes e de mentalidades menos esclarecidas, são bastantes mais os livros que chegam até aos nossos dias já bastante deformados do que aqueles que se conseguiram preservar em boas condições. Com efeito, é difícil encontrar um exemplar raro totalmente imune de problemas; surgem-nos, muitas vezes, incompletos, rasgados, manchados, aparados, dobrados, *bichados*. Há igualmente que reter a ideia de que a própria natureza do livro conduz à sua degradação: não é possível consultá-lo sem o agredir – abrir e folhear – por mais ténue e cuidadosa que seja essa “agressão”. Daí a fragilidade deste objecto e a acentuada atenção dos bibliófilos e coleccionadores ao seu estado de conservação, aspecto, não raras vezes, bem mais apreciado do que a própria antiguidade do livro. Note-se, porém, que segundo Canavez, os bibliófilos são bem mais tolerantes ao defeito do que o coleccionador motivado por interesses comerciais<sup>161</sup>.

Alguns alfarrabistas demonstram grande apetência para o restauro dos livros (como era o caso de Guedes da Silva). Todavia, sem formação e preparação, aconselha a razoabilidade, entregar a tarefa a profissionais especializados, ainda que, por vezes, esta decisão possa mostrar-se dispendiosa. Porém, assim como a perspectiva de encadernação de um livro, igualmente o seu restauro e lavagem devem ser alvo de aturada reflexão e do conselho de especialistas (alfarrabistas, bibliófilos e profissionais especializados em restauros), pois um erro poderá ser catastrófico para a obra objecto de restauro. Como expõe João José Alves Dias, na sua obra “Iniciação à Bibliofilia”: “com esta operação obtém-se um exemplar menos amarelecido e menos sujo... porém, obtém-se, também, um exemplar mais frágil e, para muitos, desvalorizado. Só em última análise se deve colar e recolar um livro, devendo a operação ser feita por um especialista. É que uma lavagem dissolve, sempre, um pouco de cola do preparado com que foi feito o papel (especialmente o antigo, fabricado à base de

---

<sup>161</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 161.



trapo) e cada um dos aditivos colocados na água para ajudar a desaparecer o efeito do tempo enfraquece e ataca as fibras que o compõem”.<sup>162</sup>

Como se constata, a decisão de restaurar um livro deve ser, então, devidamente reflectida e colocada nas mãos da experiência<sup>163</sup>.

Além da encadernação original, as primeiras edições constituem outro atractivo particular e uma das principais preferências dos clientes da Académica. Há, aliás, quem compre exclusivamente primeiras edições, apesar de tal não significar que sejam os melhores exemplares. Edições posteriores encontram-se, muitas vezes, aperfeiçoadas, com os erros já detectados e corrigidos.

Sobre o tópico da edição de um livro antigo, entendida como o conjunto de exemplares de uma determinada obra impressa sobre uma mesma composição tipográfica, é imperativo que o livreiro alfarrabista domine, com profundidade, o seu conceito e respectivas variáveis, na medida em que uma mesma edição pode produzir exemplares distintos. Consciencializemo-nos para o facto de que um livro impresso é, de igual modo, um objecto manufacturado e, nessas condições, os seus múltiplos exemplares podem apresentar variações. Nesta lógica, são frequentes as variações entre edições e, inclusivamente, dentro da mesma edição. Aclaremos o escrito. Entre edições, os exemplares não são absolutamente idênticos, uma vez que, explica Manuel José Pedraza, “el impresor, una vez tirados los pliegos, no solía conservar los moldes para su uso posterior. Éstos se deshacían y los tipos móviles se devolvían a sus correspondientes cajetines. En caso de necesitar más ejemplares, la obra debía ser impresa de nuevo. Para ello era preciso componer todas suas páginas”<sup>164</sup>.

---

<sup>162</sup> DIAS, João José Alves (1994) – *Iniciação à Bibliofilia*, Lisboa, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, p.57.

<sup>163</sup> “(...) le technicien n’ait jamais fini d’apprendre, de se perfectionner. Chaque ouvrage est un cas unique, qui necessite une étude particulière, une intervention spécifique (...) il est par contre impossible d’enseigner de façon livresque un métier où la pratique est irremplaçable.”: ADAM, C. (1984) – *Restauration des Manuscrits et des Livres Anciens*, Puteaux, Erec, p. 9.

<sup>164</sup> PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Editorial Sintesis, p. 251.

Esta explicitação é bastante elucidativa sobre a distinção entre edições: o resultante de uma nova impressão é sempre distinto da impressão anterior, logo, configuram-se edições distintas. Contudo, e tal como já referenciado, podem igualmente verificar-se variações entre exemplares de uma mesma edição, intencionalmente (como são o caso de mudança do tipo ou formato do papel a meio da edição, ou alteração na data da edição em situações em que a produção de exemplares seja repartida por anos distintos ou a adição, substituição ou supressão de texto por parte do autor no curso da impressão...) ou não (como um acidente fortuito no processo de impressão...).

Dada a diversidade de possibilidades, é exigido a qualquer estudioso desta matéria uma boa dose de persistência, pois a tarefa de confronto com outros exemplares (Fermín de los Reyes Gómez defende que “se tiene que realizar a partir del análisis de al menos três ejemplares de una edición, siempre que sea posible, lo que permite la identificación de emisiones y estados”<sup>165</sup>) é uma tarefa substantiva para o rigor desta análise (e mesmo para o livreiro se precaver contra falsificações). Citemos pois, neste contexto, os objectivos que Manuel José Pedraza enumera como prevaletentes no processo de confronto de exemplares:

“1. Reconstruir la identidad particular de cada ejemplar. Para ello se debe examinar su estructura material y su presentación formal – escrituras, letras e imágenes. Es preciso analizar varios elementos de interés: la portada, el colofón, la marca tipográfica, la disposición de la caja de escritura, la colación, la fe de erratas, el registro, las ilustraciones, etc.

2. Conocer, en la medida de lo posible, las interferências del proceso de manufacturación en el texto del autor – el estudio del papel en caso de falsificaciones, el conocimiento de los formatos, el proceso de composición, la imposición, la impresión, etc.

---

<sup>165</sup> GÓMEZ, Fermín de los – *Los Preliminares en la Identificación del Libro Antiguo*, in «Comercio y Tasación del Libro Antiguo: Análisis, Identificación y Descripción (Textos y Materiales)», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2003, p. 208.

3. Detectar los efectos del proceso de producción, o con posterioridad al mismo, en los ejemplares que forman una edición, así como las posibles variantes de estos ejemplares, las cuales determinan la existência de estados, emisiones, ediciones falsificadas y contrahechas.

4. Verificar la autenticidad de los datos, del pie de imprenta y del colofón – el lugar de impresión, el nombre del tipógrafo, el del librero/costeador, la fecha de publicación –, y de los preliminares legales, así como la correspondência de todos ellos com la realidad de la producción de esa edición”.<sup>166</sup>

Com efeito, mediante todas as condicionantes de valorização do livro antigo, torna-se árduo hierarquizá-las de acordo com a preferência de um bibliófilo. Contudo, Francisco Vindel, um afincado estudioso sobre o assunto, fê-lo ainda assim, e apresentou a seguinte hierarquia: “para el bibliófilo, dentro de sus aficiones, lo más importante es el estado de conservación del libro, esto es, que se halle completo, com buenas márgenes, que no este sucio y que las hojas del mismo no tengan picaduras de polillas o se encuentren rotas; después de esto es muy importante la edición, que puede ser estimada por su rareza, corrección o desde el punto de vista tipográfico e ilustraciones que pueda tener; por el comentarista, y, por último, por la encuadernación del mismo, que en tantos casos es más valiosa que el libro que contiene”<sup>167</sup>.

Como se pode apreender, segundo o referido autor, um bom estado de conservação, uma primeira edição (ou outra, mas com características que a distingam) e, por fim, uma encadernação de qualidade (igualmente uma das grandes paixões dos profissionais do livro), são, ordenadamente, os factores mais valorizados pelos apaixonados pelo livro raro e antigo. Acrescentaríamos ainda o autor e o conteúdo.

---

<sup>166</sup> PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antigo*, Madrid, Editorial Síntesis, p. 250.

<sup>167</sup> VINDEL, Francisco – *Los Bibliófilos y sus Bibliotecas desde la Introducción de la Imprenta en España Hasta Nuestros Días*, in Luciano Castañón, *Notas sobre Bibliofilia*, «Cuadernos de Bibliofilia», n.º 8, Abril 1981-82, Valencia, Albatros, p. 44.

Todavía, além destes, existem muitos outros elementos de valorização, uma vasta variedade que transforma os livros em objectos singulares, conferindo-lhes valor e, conseqüentemente, influenciadores do seu preço<sup>168</sup>. Todos os factores devem ser inteiramente dominados e atendidos pelo livreiro-antiquário, pois todos concorrem para a fixação de um preço justo, cuja formulação nem sempre é desprovida de complexidade dada a multiplicidade de factores: autor; título/conteúdo; local de impressão ou impressor (no decurso da História encontramos muitos impressores que se destacaram pela qualidade do seu trabalho, condição fundamental para uma boa leitura do livro); o ilustrador ou a abundância de ilustrações, técnica e beleza das mesmas, complemento artístico fundamental (e das ornamentações – como as capitulares, por exemplo – que, apesar de serem distintas das ilustrações, também contribuem para o conceito de livro como obra de arte); qualidade do papel (note-se que, em relação às suas características – beleza, resistência e durabilidade, espessura e consistência... –, estas dependem mais da qualidade do papel no período em que o livro é produzido do que propriamente das opções do impressor, sendo que é consensual a ideia de que o papel actual apresenta um padrão de qualidade inferior, intimidando a sua esperança de vida, o que virá a constituir um problema para a actividade alfarrabista futura); a preservação das margens (livros aparados perdem valor); tiragem; eventualmente o tradutor; edição e encadernação (sendo esta original, caso contrário, é por muitos considerado um factor “de ostentación y ornamentación superficial e innecesaria”<sup>169</sup>)...

Além deste arrazoado, outros factores podem igualmente condicionar automaticamente o valor do livro, factores menos tangíveis, menos materiais e

---

<sup>168</sup> “(...) un libre de bibliòfil ha de ser una obra d'art global, una suma d'elements inseparables els uns dels altres, que contribueixen al resultat definitiu.”: VÉLEZ, Pilar — *Libres Rares del Segle XX: del Libre de Bibliòfil al Libre D'Artista*, in «Bibliofília a Catalunya», Barcelona, Fundació Jaime I, 2001, p. 29.

<sup>169</sup> LAGUARDA, Carlos Clavería — *La Encuadernación: Análisis, Identificación y Valoración*, in «Comercio y Tasación del Libro Antiguo: Análisis, Identificación y Descripción (Textos y Materiales)», Zaragoza, Pressas Universitarias de Zaragoza, 2003, p. 117.

mais associados ao próprio percurso do livro<sup>170</sup> que o distinguem e o tornam único, nomeadamente, episódios associados e marcas da sua propriedade, como as dedicatórias, autógrafos, emendas e anotações de um antigo proprietário ou leitor (caso este seja ilustre) do livro.

Acerquemo-nos das dedicatórias e das assinaturas, variáveis susceptíveis de valorizar de forma considerável um livro<sup>171</sup>. Quando Miguel Torga assina Adolfo Rocha, o preço do livro dispara, atingindo um valor superior a Camilo ou Garrett<sup>172</sup>. São particularidades que concorrem para que aquele livro, especificamente, se destaque dos demais, apresentando-se como um exemplar único: podemos citar, a título ilustrativo, o caso de um exemplar de Florbela Espanca, em tempos sito no escaparato da Académica, que se evidenciava pela bela dedicatória dirigida pela própria autora ao seu segundo marido (*Saber que este livro esteve na mão dela, e que se concentrou em fazer a dedicatória, que mereceu uma atenção especial, isto já é motivo mais do que suficiente para a gente não pegar indiferentemente... tratar carinhosamente, com admiração*)<sup>173</sup>. No entanto, há que levar em conta que o apreço pelas dedicatórias ou assinaturas só sucede se estas pertencerem a um autor célebre, se o seu suporte for um livro raro e se a dedicatória fugir ao padrão clássico “Ao amigo, com um abraço”. Assinaturas e dedicatórias de meros desconhecidos provocam, pelo contrário, a desvalorização do exemplar: Nuno Canavez exemplifica esta situação com uma primeira edição do título *Só*, com um carimbo de propriedade e sem capas de

---

<sup>170</sup> Não nos referimos ao valor sentimental nutrido por um determinado livro, pois esse não influi no seu valor comercial.

<sup>171</sup> “Siempre me há gustado también encontrar libros com dedicatorias autógrafas ([...] la sensación de placer que experimenta al tener un libro dedicado en las manos y saber que esas mismas páginas fueron en su día acariciadas por el escritor admirado)”: MELERO, José Luis (2003) – *Leer Pra Contarlo: Memórias de un Bibliófilo Aragônês*, Zaragoza, Biblioteca Aragonesa de Cultura, pp. 25-26.

<sup>172</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 17.

<sup>173</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 136.

brochura à venda por 3500€; exemplar idêntico, sem carimbo e com capas originais, em contrapartida, poderia ser vendido até 10.000€<sup>174</sup>).

Além das dedicatórias ou das assinaturas, a própria história (ou o contexto) que está subjacente à obra ou ao autor pode reforçar a procura da mesma. Por outras palavras, não concorrem para a valorização de determinado título somente os seus factores intrínsecos... a intervenção humana também tem uma palavra a dizer. Exemplifique-se: o autor Reis Ventura (padre Vasco Reis) não é credor de forte procura, mas uma obra da sua autoria, *A Romaria*, é-o, especificamente. O fundamento para este cenário reside no facto de esta ter sido premiada no ano da *Mensagem*, de Pessoa, motivando, por arrasto, o interesse de muitos coleccionadores pessoais<sup>175</sup>. Manuel Gil, no seu estudo *Commercio de Livros*, enfatizava que um dos principais exemplares da Biblioteca Genoveva, em Paris, era, precisamente, «um livrinho, que hoje tem um valor immenso, porque esteve nas mãos de um nomeado á fogueira e apresenta algumas chamuscadelas»<sup>176</sup>.

Episódios como os referidos, associados a determinado título, distinguem-no, assim como as mencionadas marcas de propriedade (como as anotações ou comentários manuscritos que possam conter, pois alguns proprietários, durante a leitura, patenteiam o hábito de registar anotações e comentários nas margens). Na eventualidade de os proprietários em questão serem figuras importantes, especialistas reconhecidos no assunto ou até o próprio autor, deparamo-nos com uma mais-valia do exemplar. Chamamos, todavia, a atenção para o facto de que, não se tratando dos casos excepcionais supramencionados, as anotações marginais afectarão negativamente o valor do livro.

Este conjunto de características fazem do livro, sobrevivente do tempo, um precioso objecto de valor cultural, técnico, artístico e histórico, mas contribui

---

<sup>174</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 161.

<sup>175</sup> PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 14.

<sup>176</sup> GIL, Manuel Figueiredo dos Santos (1909) – *Commercio de Livros*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 23.

igualmente para a sua singularidade. Efectivamente, há que considerar o facto de que, raramente, encontramos exemplares idênticos. Por força do tempo, o livro torna-se vulnerável a uma série de condicionalismos: a resistência da encadernação, o cuidado que o proprietário concedeu ao livro, as mutilações (na maior parte das vezes, intencionais, com o intuito de vender folhas separadamente, por exemplo), o desgaste pelo uso, o ambiente físico, o ataque dos insectos, manchas... todas estas variáveis concorrem para determinar o estado em que se encontra um exemplar. Neste contexto, e perante uma tal diversidade, não é possível apreciar-se um livro apenas pelo seu conteúdo. Tal fio condutor leva-nos à derradeira conclusão: considerando todas estas características, é crescentemente mais árduo encontrar exemplares perfeitos.

Esta multiplicidade e riqueza manifestam-se igualmente na própria taxaço dos livros antigos e raros, que são, em última análise, igualmente produtos comerciais. Por conseguinte, os preços nem sempre se apresentam uniformes entre as várias casas da especialidade, e apurar o preço “justo” de um exemplar pode gerar algum quebra-cabeças<sup>177</sup>. A consulta dos catálogos dos livreiros alfarrabistas (que, aliás, deverão ser sempre guardados para, eventualmente no futuro, comparar preços e perceber a evolução comercial do exemplar), o contacto com leilões ou feiras e, uma vez mais, a experiência, são, ainda assim, as fontes mais apropriadas e o melhor recurso para um potencial comprador se inteirar dos justos preços do mercado<sup>178</sup>. Todavia, importa ter presente que o valor comercial de um exemplar pode ser uma referência para o preço de outro exemplar idêntico, da mesma edição, mas não é, de forma alguma, vinculativo: é mester uma análise aturada das características que diferenciam os livros entre si,

---

<sup>177</sup> Nuno Canavez considera que os livreiros mais novos têm tendência a praticar os preços mais caros: Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 160.

<sup>178</sup> “Especialmente valiosas son las tasaciones realizadas por otros profesionales que se hallan en los catálogos de librero y en los de las casas de subastas, que ayudan a conocer de forma aproximada el precio en que se se há valorado un ejemplar de una edición determinada. También ayudan a valorar el resto de las características que influyen en el precio definitivo com que se tasa un ejemplar determinado”: GARCIA, Manuel José Pedraza – *Instrumentos de Ayuda para la Tasación del Libro Antiguo: Descripción y Uso*, in «Tasación, Valoración y Comercio del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2002, p. 183.

nomeadamente o seu estado de conservação, diferenças que existem sempre, pois, como referido, nenhum livro é igual.

Aliás, no contexto espanhol, a referida variabilidade de preços tem gerado alguma discussão. Há quem defenda, como o livreiro antiquário Luis Bardón Mesa, a ideia de que este cenário contribui para levantar algumas dúvidas nos clientes quanto ao profissionalismo e honestidade da profissão: “(...) hace falta un esfuerzo por nuestra parte, mayor profesionalidad, una mayor preparación y seriedad, y tratar, y esto no sé como sera posible de conseguir, de unificar los precios. Creo que no hay mayor sensación de desconcierto y duda que cuando un cliente que está empezando encuentra diferencias abismales entre los precios de dos o más libreros”<sup>179</sup>.

Contudo, dentre esta subjectividade emerge um facto que parece ser consensual: é difícil ser-se um apaixonado pelos livros sem disponibilidade económica. Com efeito, apesar de alguma irregularidade nos preços e de existirem livros raros e antigos para todos os orçamentos, é indiscutível que os bons exemplares assumem sempre preços consideráveis, pelo que é uma missão extremamente complexa um bolso parco conseguir formar uma biblioteca de qualidade.

---

<sup>179</sup> MESA, Luis Bordón – *Memorias y Anécdotas de un Librero Anticuario*, in «Mundo del Libro Antiguo», Madrid, Editorial Complutense, 1996, p. 73.



**O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA**

**A MATÉRIA-PRIMA DA  
ACADÉMICA: AS OBRAS  
E SUAS PROVENIÊNCIAS**

*Mundo curioso, pintoresco, sutil, este de los libros viejos! Los que adquieren libros por obligaciones de su profesión o los que se contentan con pedir lo que anuncian los catálogos, nunca alcanzarán los puros goces que proporciona la búsqueda afanosa por estantes y montones hasta descubrir el raro folleto, la hoja perseguida o el ejemplar incompleto que servirá para remendar el trunco que poseemos.*

Antonio Rodríguez-Moñino, *Los pliegos poéticos de la colección del marqués de Morbecq*, Madrid, Estudios Bibliográficos, 1962, p. 24.

Para formar e enriquecer os seus catálogos e stocks, o livreiro-antiquário recorre, sobretudo, à compra de bibliotecas privadas, leilões, eventualmente outras livrarias (nomeadamente, estrangeiras) ou feiras da especialidade. Outras vezes, porém, adquirem as obras no seu próprio balcão quando estas lhes são oferecidas directamente.

Mediante a proveniência geográfica da biblioteca onde se fazem as aquisições, é possível antecipar-se o que se encontrará, pois cada região portuguesa ostenta características específicas. A título de exemplo, segundo a experiência de Nuno Canavez, “um dos maiores especialistas nacionais no sector do livro antigo”<sup>180</sup>, podemos distinguir as bibliotecas das diferentes regiões quanto às principais temáticas:

- em Trás-os-Montes predomina o livro de carácter religioso;
- no Minho, encontra-se uma maior diversidade que passa pelo livro religioso, o livro literário, o livro histórico e o livro social;
- por terras do Alentejo, o cenário é semelhante ao de Trás-os-Montes, “com excepção de determinadas herdades, determinados senhores que tinham as suas

---

<sup>180</sup> CORDEIRO, José Manuel Lopes – *Os 90 Anos da Livraria Académica*, in «Público», 15.12.2002, p. 52.

bibliotecas de certa envergadura. Mas falo de uma classe muito diminuta, porque a maioria esmagadora, tal como em Trás-os-Montes, não possuía biblioteca”<sup>181</sup>.

Além das temáticas, as proporções e qualidade também não são comuns. Um livreiro-antiquário encontra sempre por terras minhotas um maior número de bibliotecas, e de qualidade superior, quando comparado com Trás-os-Montes<sup>182</sup>. Podemos aduzir a explicação para o dito cenário através da maior riqueza material da região do Minho, bem como a sua maior tradição para a cultura. A variável demográfica contribuirá, igualmente, para esta explicação, uma vez que o fraco povoamento da região de Trás-os-Montes é um factor condicionador do rarear de grandes bibliotecas. Da mesma forma, no Ribatejo e na Estremadura, encontram-se bibliotecas melhores e em maior número do que na Beira Baixa, na Beira Alta ou no Alentejo. Ainda assim, é nos grandes centros urbanos, onde se concentra o maior volume de pessoas, nomeadamente, as mais adeptas da leitura e do livro e com mais recursos financeiros, que podem encontrar aplicação no livro<sup>183</sup>.

Apurando a incursão sobre as bibliotecas privadas, é de igual modo possível ensaiar uma estreita relação entre estas e as preferências e actividades profissionais dos respectivos proprietários. Os livros religiosos predominam nas bibliotecas dos homens da Igreja; os livros de Direito antigo encontram-se nas bibliotecas de advogados, enquanto que as bibliotecas daqueles que se *intitulavam de condes, ou viscondes (...) já iam à literatura, aos clássicos e passavam pela história, pela história das localidades, pelas monografias, abarcavam mais*<sup>184</sup>. Note-se que os livros raros proliferam mais nas bibliotecas, precisamente, de antigos padres e advogados, profissões onde, em tempos idos, os livros eram mais intensamente acolhidos. As bibliotecas de médicos, hoje

---

<sup>181</sup> PACHECO, Fernando Assis – Nuno Canavez, *Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 15.

<sup>182</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 153.

<sup>183</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 154.

<sup>184</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 155.

bastante frequentes dada a formação e disponibilidade financeira<sup>185</sup>, constituem fenómenos mais recentes, logo são formadas por livros mais recentes.

Inerente a este profundo conhecimento do livro raro e das bibliotecas do país, o papel de avaliador por parte do alfarrabista insere-se, igualmente, neste universo, proporcionando o contacto com as “novidades” do ramo: *Ir a uma biblioteca e ver coisas que nunca se viu é sempre muito agradável, e eu trabalho nisto há quarenta anos. Ouvia dizer que havia a Miss Cavell do Teixeira de Pascoaes: saiu na revista Águia e dizia-se que existia em separata, mas em quarenta anos eu nunca tinha visto. Tenho coleccionadores que têm tudo de Teixeira de Pascoaes e não têm a Miss Cavell – esses, naturalmente, duvidavam. Como eu duvidava. E havia. Há coisa de um ano passou-me pela mão um exemplar*<sup>186</sup>. Com efeito, as visitas a bibliotecas privadas são sempre um dos momentos altos da actividade do livreiro, ocasião de ansiedade e adrenalina, de um possível “milagre bibliófilo”. Além disso, pode-se sempre ser presenteado com algumas surpresas escondidas nos próprios livros (que funcionavam como marcadores dos livros): documentos, cartas, folhas soltas, bilhetes, recortes de imprensa...

Há, todavia, a salientar que nem sempre se encontram nas bibliotecas exemplares de raridade excepcional e, mediante a porção de defeitos que um livro antigo pode apresentar, é sempre aconselhável analisar-se página a página, numa certificação rigorosa da ausência de lacunas, mutilações, deteriorações, entre outras particularidades desvalorativas do exemplar. Ainda mais, quando a biblioteca se encontra guardada em sótãos ou caixotes, maltratados pelo pó, pela humidade e pelo descuido dos herdeiros, ... “Es difícil que los libros sean vendidos por quien los han coleccionado con cariño y tesón, lo que ocurre en caso de extrema necesidad monetária, aunque a veces por cambio de afición. Lo

---

<sup>185</sup> Normalmente, quando vêm pedidos de fora, da província, normalmente são médicos. Foi sempre a classe que neste país teve mais possibilidades de compra, quer no interior, quer no litoral: Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 156.

<sup>186</sup> PACHECO, Fernando Assis – Nuno Canavez, *Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 17.

normal es que las bibliotecas lleguen a manos de familiares que no han comprendido jamás la afición del padre, tío, etc., loco por los libros... y cuando este fallece, su necesidad primordial es deshacerse de esa cantidad de libros que há absorbido el tiempo y el dinero (palabras textuales), para ellos de manera absurda, del pariente”<sup>187</sup>.

Os leilões. A venda de livros em leilão emergiu na Holanda, no século XVII, numa prática que se disseminou por outros países, como a França, Alemanha, Inglaterra e Espanha, tendo conhecido no século XIX, um momento de forte impulso<sup>188</sup>. Hoje, em pleno século XXI, deparamo-nos já com leilões virtuais. Com efeito, são eles que animam a actividade, bem como, a competição entre os profissionais do ramo. Quando essa competição é feroz durante um leilão, uma obra em disputa pode acabar por ser vendida por um valor bastante inflacionado. E as disputas podem ser bem acesas...<sup>189</sup> Há que ter em conta, porém, que a qualidade dos leilões é igualmente variável e que o seu sucesso deriva de alguns condicionalismos: data, hora, local, preços de saída, mérito do leiloeiro, rigor do catálogo (apesar da sujeição dos livros a uma exposição prévia para que os interessados tenham oportunidade de examinar as obras; à semelhança dos catálogos das livrarias alfarrabistas, também os catálogos dos leilões devem pautar-se pelas descrições fiáveis e pormenorizadas de todos os livros, e não apenas dos mais caros) e, sobretudo, da qualidade dos próprios livros. É facto que o leilão de uma biblioteca antiga é um manancial apetecível para qualquer livreiro-antiquário, cujo capital lhe permite reforçar o stock e, eventualmente, encontrar o título pelo qual um seu cliente há muito anseia.

---

<sup>187</sup> GALLEGO, Elena; CÓRDOBA, Irene – *Las Subastas de Libros: Apuntes Para no Iniciados*, in revista «Pliegos de Bibliofilia», n.º 17, 1.º trimestre 2002, Madrid, p. 12.

<sup>188</sup> CHECA, José Luis (1999) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Acento, p. 69.

<sup>189</sup> Antonio Palau, na sua obra *Memorias de un Librero Catalán*, relata um episódio bem elucidativo da rivalidade que pode ocorrer em torno do leilão de um livro muito desejado. Um bibliófilo francês, Pixérécourt, dirigiu as seguintes palavras ao comprador do livro que desejava há muito: “Después que usted haya fallecido, lo compraré a bajo precio”. O facto é que Pixérécourt não precisou de esperar muito tempo: pouco depois, o comprador faleceu e Pixérécourt adquiriu o exemplar ambicionado: PALAU, Antonio (1935) – *Memorias de un Librero Catalán*, Barcelona, Libreria Catalonia, p. 569.

No que à Livraria Académica diz respeito, em concreto, é possível nomear um profícuo leilão, entre os muitos em que participou: o leilão da Biblioteca de Alberto de Serpa, no qual adquiriu duas das maiores preciosidades que passaram pelo estabelecimento: uma primeira edição de *A Mensagem* de Fernando Pessoa (obra que, juntamente com *Os Lusíadas*, se constituem nas maiores preciosidades da poesia nacional), bem como, a totalidade dos números da revista *Presença*, à venda na Livraria e um dos seus mais recentes ex-libris (PVP de 20.000€)<sup>190</sup>. Trata-se de um feito singular deter a colecção completa de uma revista, como a *Presença*. Além do significado e contextualização da revista – uma publicação polémica e de oposição ao contexto político de então –, é difícil para um alfarrabista reunir todos os números da colecção, pois, é frequente o leitor comum valorizar menos uma revista do que, por exemplo, um livro. As revistas apresentam um carácter efémero, sendo facilmente descartadas, o que torna estas colecções muito mais raras (sobretudo os últimos números, já que a tendência é de redução progressiva da tiragem, pois ao longo do tempo é comum a desistência de assinantes). No caso específico da *Presença*, acresce o facto de esta ser uma publicação de tiragem reduzida. No entanto, Nuno Canavez é da opinião de que a valorização prevalece sobre as revistas com menos números, o que se justifica pela necessidade de espaço: *até aos primeiros trinta números, lindamente, e às vezes valorizam-se brutalmente, mas se a revista vai aos cinquenta números e para cima, quer dizer, aqueles primeiros vinte números que eram raros de ter, começam a decair, a decair, porque começa a haver muito menos interesse na aquisição, porque não têm onde a meter. O espaço, hoje, é muito, muito importante*<sup>191</sup>.

---

<sup>190</sup> O leilão da Biblioteca Alberto Serpa terminou com a Académica a ser uma das grandes arrematadoras. Adquiriu muitas das preciosidades disponíveis, embora tenha deixado escapar um dos expoentes do leilão: o terceiro volume do *Orpheu*, um exemplar único. (... eu sabia que estava a licitar comigo também uma pessoa que penso que representava um indivíduo com muito dinheiro – e que não tinha limite. Achei a certa altura que não valia a pena estar ali a guerrear o colega, porque sabia de antemão que ele não ia parar tão cedo: PACHECO, Fernando Assis – Nuno Canavez, *Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3-9 de Março de 1989, p. 13.

<sup>191</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 157.

O período áureo dos leilões de livros em Portugal, de grande alvoroço para o mercado alfarrabista, viveu-se logo após o 25 de Abril de 1974 (o que vem corroborar a convicção de autores como Francisco Mendoza Díaz-Maroto, que reitera a ideia de que “las guerras, los pogroms y las revoluciones brindan excelentes oportunidades al coleccionista, aunque igualmente se destruyen multitud de piezas interesantes”<sup>192</sup>). As bibliotecas à venda aumentaram, os leilões idem, incrementando as vendas. O receio de uma inflexão no sentido da ideologia comunista, segundo Nuno Canavez, e da consequente espoliação dos bens privados, fez com que afluíssem no mercado bibliotecas de qualidade e, dada a urgência de venda, a preços muito apetecíveis<sup>193</sup>. Nesse seguimento, após uma fase de aquisição (inclusivamente no estrangeiro) e acumulação de um stock de qualidade por parte da Académica, seguiram-se, no período de acalmia posterior, as vendas (pelo que Nuno Canavez elege as décadas de 1970 e 1980 como o período de vendas mais acentuadas da Livraria). Para esse florescimento, contribuíram as encomendas estrangeiras, mas também aqueles que haviam vendido as suas bibliotecas à Académica no período conturbado, e que, após a turbulência de 1974, regressaram posteriormente como compradores<sup>194</sup>: *Para dar-lhe um exemplo, fazíamos um catálogo com 300 títulos. No espaço de uma semana, dois terços tinham sido vendidos. Hoje não se vende um terço, no mesmo espaço de tempo ou mais. Portanto, há menos poder de compra e, claro, o livro raro também custa mais a aparecer. Uma pessoa vai conservando, vai guardando*<sup>195</sup>.

Aliás, nos dias de hoje, em fases em que a crise assola a economia, o cenário é de parca procura. No entanto, contrariamente ao que se possa pensar, a oferta não aumentou: é a classe média quem procura a Livraria para vender os

---

<sup>192</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, p. 47.

<sup>193</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 150.

<sup>194</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 151.

<sup>195</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 140.

seus livros, mas não é esta categoria social quem detém as raridades; essas, estão nas mãos das classes ricas que, salvo escassas exceções, não têm necessidade de as colocar no mercado<sup>196</sup>.

Nesse seguimento, também não abundam os leilões, pelo menos, os leilões apetecíveis<sup>197</sup>. Além de escassos, os poucos que se organizam concentram-se, sobretudo, na capital do país. Nuno Canavez explica que, à morte de um coleccionador, a família já não demonstra tanta predisposição para a venda do espólio, pelo menos, não tão rapidamente, pois há uma maior consciencialização da segurança e valorização deste tipo de património<sup>198</sup>. Além disso, há que considerar outros factores que contribuem para a diminuição da oferta de preciosidades, como a marcha inexorável do tempo, aniquiladora das peças; outras vezes, os livros são vítimas de incêndios, naufrágios, cheias, guerras... e muitos são também aqueles que ingressam em museus ou bibliotecas institucionais. É igualmente imperativo fazer nota da incúria de alguns proprietários (felizmente, cada vez mais raros), muitas vezes, mais letal do que qualquer catástrofe como as que mencionámos. Não podemos deixar de reproduzir uma curiosa e lamentável história, relatada na obra *La Pasión por los Libros*, da existência de uma comunidade na Colômbia, que nos anos oitenta do século XX, assava chouriços envoltos em folhas de manuscritos, porque lhes conferia um sabor especial...<sup>199</sup>.

De qualquer forma, quando se materializa a ideia da venda de uma biblioteca, ela é, em muito, incentivada pela esposa/viúva. Aliás, é generalizada a ideia de que a humidade (que afecta primordialmente os países meridionais como

---

<sup>196</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 152.

<sup>197</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 142.

<sup>198</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 140.

<sup>199</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, p. 246.



Portugal) e as mulheres são as principais inimigas dos livros<sup>200</sup>. Paralelamente, segundo as palavras de Nuno Canavez, estas últimas são também as melhores amigas dos livreiros (*Digo muitas vezes que as senhoras são as minhas melhores amigas porque eram elas que vendiam os livros*<sup>201</sup>). São nomeadas três razões para tal: *primeiro, porque era a única forma de recuperar o dinheiro (mal)gasto pelos defuntos na aquisição de livros, em detrimento da perfumaria e do guarda-roupa femininos; depois, porque os livros tinham sido rivais demasiado bem sucedidos na conquista das atenções; por fim, porque eram fiéis depositários do pó, mais uma tarefa ingrata para as senhoras!*<sup>202</sup>

Com efeito, não raramente, os herdeiros de um bibliófilo não comungam do gosto pelos livros. Alguns bibliófilos sofrem com a ideia de fragmentação da sua colecção, outros reagem mais positivamente à situação, como é exemplo o bibliófilo espanhol José María Serret, que afirmava não se importar com a dispersão e venda da sua biblioteca, pois “así los libros volverían a los libreros y siempre habría un bibliófilo que temblase de emoción al encontrarlo”<sup>203</sup>. Por conseguinte, a herança pode ser uma das razões justificativas da venda de bibliotecas privadas, mas também podem provocá-la outras motivações como a falta de espaço ou uma eventual necessidade de capital. Para lá destas questões, é o manancial das bibliotecas privadas que catapulta os livreiros antiquários para as mais recônditas regiões portuguesas, em busca de bons livros e das boas surpresas que os alentam. Assim aconteceu com dois dos mais significativos exemplares presentes na Académica: o incunábulo de 1493, um missal da Cúria Romana, de edição e grafismo surpreendentes, pertença do Visconde de

---

<sup>200</sup> A “bibliofobia” feminina não é uma convicção exclusiva de Nuno Canavez: “Toda esposa de un coleccionista considera la obsesión de su marido ligeramente por debajo de la pasión compulsiva por el juego. Un bibliófilo inteligente se preocupa de ser siempre él quien reciba al cartero.”: CONNOLLY, Círyl (2000) – *La Caída de Jonathan Edax*, Barcelona, Editorial Grijalbo-Mondadori, p. 88.

<sup>201</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 140.

<sup>202</sup> TEIXEIRA, Luís C. – *As Traças Também Têm que Viver Coitadas*, in «Eito Fora», n.º 14, Ano III, Set. 2000, p. 19.

<sup>203</sup> DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, p. 246.

Azevedo, bem como, o foral de S. João da Pesqueira, sob a égide de D. Manuel I, datado de 1510, uma verdadeira preciosidade<sup>204</sup>. Há, porém, que realçar que na compra de uma biblioteca privada completa, o Livreiro não adquire exclusivamente livros de valor excepcional, como o *Foral de S. João da Pesqueira* que agora referimos; a par destes exemplares, tem de adquirir, igualmente, livros de qualidade substancialmente inferior, condição frequentemente imposta pelos vendedores, com o risco de estes permanecerem nos seus stocks indefinidamente. Esta configura-se numa situação frequente para os alfarrabistas, à qual a Académica não tem escapado, tendo já adquirido inúmeras bibliotecas de 5000 a 8000 livros (como a Biblioteca de Américo Moreira da Silva e do professor Esteves Pinto<sup>205</sup>) em que, apenas uma minoria, consistia em livros realmente raros e apetecíveis.

São, com efeito, estas vendas de bibliotecas privadas (quando não são legados em testamento a instituições públicas, em claro benefício da cultura) que alimentam o mercado alfarrabista e que lhe conferem um certo perfil de ciclo vicioso<sup>206</sup>, em que, por diversas vezes, exemplares outrora vendidos na Rua dos Mártires da Liberdade retornam, anos depois<sup>207</sup>.

Com efeito, o fenómeno dos leilões, pelo menos os leilões de qualidade, influencia o mercado alfarrabista: no período antecedente à sua realização é

---

<sup>204</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 131.

<sup>205</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 158.

<sup>206</sup> “Un buen librero suele tener ocasión de vender (y recomprar) varias veces el mismo ejemplar a lo largo de su vida.”: DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa, p. 283.

<sup>207</sup> Tal verificou-se com a Biblioteca Laureano Barros, um espólio com um estado de conservação invejável (condição não tão frequente quanto se desejaria) com leilão desenrolado no ano de 2009, cujo colecionador tinha adquirido, em tempos idos, uma parte da sua colecção na Académica. Nuno Canavez lembra-se, por exemplo, de lhe ter vendido, por trinta contos, uma primeira edição dos *Sonetos* de Antero de Quental, com uma pequena dedicatória, obra que integrou agora o catálogo do leilão. O número de interessados é considerável, a Académica inclusive, e o preço do livro poderá, à data do leilão, ascender a 10.000 euros, havendo grandes probabilidades de esta obra, e outras, retornarem à Casa. Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 141.

notório um afrouxar das vendas. Tal justifica-se pelo facto de a carteira de clientes preferir guardar o capital e esperar pelo leilão, na eventualidade de aí o aplicar<sup>208</sup>. Todavia, no período em que este decorre, quando o leilão se verifica na cidade do Porto, a Académica sai beneficiada: *Por exemplo, eu tive aqui clientes que não viriam se não tivesse havido o leilão do Laureano Barros. Como vêm de várias partes, aproveitam e dão a volta pelos livreiros. Portanto, os leilões movimentam o negócio, na medida em que trazem mais gente a circular. Ao contrário do que muita gente diz, “O leilão prejudica; o que vende o leilão não vendemos nós”. Não é correcto*<sup>209</sup>.

Assim, além do conhecimento e do amor pelos livros, é igualmente requisito de um livreiro-antiquário a força do capital. Os grandes negócios de raridades a preços reduzidos, é, nos dias de hoje, cada vez mais invulgar. O conhecimento do valor dos livros generalizou-se e qualquer potencial vendedor, normalmente, consulta mais do que um livreiro. Pelo exposto, é necessário capital para encontrar as raridades e, simultaneamente, atrair os clientes ao estabelecimento, pois, naturalmente, uma livraria alfarrabista sem preciosidades acabará por enfraquecer. Além disso, outras situações exigem a força de capital. Atentemos em dois exemplos: num período de quebra de oferta de mercadoria, é importante deter disponibilidade financeira para a aquisição, por exemplo, de uma grande biblioteca, que possa garantir o stock da Livraria durante esse período. Igualmente nos leilões, o comerciante de livros raros e antigos, conhecedor dos gostos da sua carteira de clientes, deverá estar financeiramente confortável para adquirir os eventuais exemplares que cumpram esses gostos. O retorno financeiro estará praticamente garantido, bem como a fidelização do cliente.

---

<sup>208</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 142.

<sup>209</sup> Entrevista n.º 2 a Nuno Canavez, 27.06.2009, p. 176.

O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA

# CONCLUSÃO

O Homem é, indubitavelmente, um ser social, mas é de igual modo, tendencialmente, um ser cultural. A cultura é, pois, uma das marcas mais vincadamente humanas, constituindo o livro um dos expoentes máximos da mesma. Há quem adquira e conserve livros por vaidade, outros pelo seu valor pecuniário, há quem o faça movido pelo amor desinteressado, outros ainda vêm neles fiéis companheiros de estudo.

Independentemente dos propósitos que conduzem cada cliente à Livraria Académica, o facto é que os livros – ainda mais, os antigos, raros e preciosos – integram o património nacional, logo, fá-la assumir um papel proeminente na sua visibilidade e preservação. É uma aparente contradição que a Académica tem demonstrado saber conciliar: os interesses económicos e as virtudes culturais deste objecto que é o livro.

O apaziguamento entre estas duas vertentes, a económica e a cultural, é a marca distintiva que salientámos nos primeiros capítulos do presente estudo. Ocupando-nos do estudo do percurso da Livraria e dos livreiros que a fundamentaram e fundamentam, concluímos essa aliança (que a longevidade revela profícua) entre a conduta comercial e a defesa/divulgação do livro antigo: estratégias comerciais astuciosas como o envio prioritário dos catálogos aos clientes nacionais (no objectivo de incrementar as possibilidades de retorno do livro à Livraria) ou as técnicas na aquisição de stock em bibliotecas privadas ou leilões misturam-se com o esgrimir de argumentos e acções em defesa do livro antigo, ou com as exposições e tertúlias com que o estabelecimento presenteia a vida cultural da cidade do Porto.

Será esta suposta dicotomia um dos motivos de atracção e fidelidade dos clientes, muitos deles, personalidades ilustres da esfera cultural nacional. Aliás, Guedes da Silva, primeiro proprietário do estabelecimento, ter-se-á baseado nessas mesmas qualidades aquando da escolha do seu sucessor: terá encontrado em Nuno Canavez esse equilíbrio entre a perspicácia no negócio (veja-se o seu pioneirismo na introdução dos catálogos no negócio do alfarrabismo portuense) e o afecto pelos livros e pela cultura.

Não são, efectivamente, livreiros comuns, os livreiros-antiquários: às mencionadas características de sagacidade comercial e afeição pelos livros, juntam-se-lhes a memória, a persistência e o estudo.

Com efeito, na Académica, a estima pelos livros é partilhada pelos que estão atrás e em frente ao balcão. Em relação a estes últimos, conclui-se e padroniza-se a existência de quatro tipos de clientes, com características e perspectivas próprias: um mais economicista, outro mais contemplativa, um terceiro com uma perspectiva mais acumulativa e outro ainda com uma visão mais utilitária. Vejamos de mais perto. O cliente que prima pela perspectiva economicista é o coleccionador (o que garante à Livraria maior margem de lucro e possibilidade de reaver o livro, pois são altas as probabilidades de voltar a entrar no circuito comercial); já o que contempla o livro antigo é o bibliófilo. Com o primeiro, o livro é rentabilizado; com o segundo, é aberto e acarinhado. Aponta-se ainda, recentemente, uma nova tipologia de cliente, o cliente especialista e que adquire tudo o que existe sobre o tema da sua predilecção. Regista-se igualmente o cliente comum em busca de livros mais habituais e acessíveis e são estes os que mais têm abandonado a livraria.

Estas afiguram-se como as conclusões de maior destaque, estruturadas a partir de uma das questões de partida esboçadas no início do nosso estudo (reconhecer os frequentadores da Académica, em particular elencar os clientes mais famosos e, na generalidade, conceber o seu perfil) e para cuja resolução muito contribuiu a experiência de Nuno Canavez. Aliás, esforçámo-nos por fruir ao ápice das entrevistas realizadas ao actual proprietário da Académica, de forma a incorporar neste estudo todas as informações, detalhes e episódios reais por si vivenciados e por Guedes da Silva. Por outras palavras, trabalhámos de forma rigorosa o manancial informativo das entrevistas, esqueleto da presente dissertação, sem desprezar pormenores, obviando omissões e silêncios. Como tal, considerámos indispensável registá-las em formato escrito, sob a forma de anexo, pois constituíram uma preciosa fonte para o nosso estudo, além de que também o poderá ser para outros investigadores ou meros curiosos. A história oral tem vindo a consolidar-se e a prover a consciencialização da sua importância.

Nesse seguimento, bem lamentamos a impossibilidade de entrevistar o primeiro proprietário da Livraria, Joaquim Guedes da Silva.

Aproximando-nos agora do resultado do nosso estudo, e no que concerne a outra das questões de partida desta dissertação, nomeadamente, a apreensão do papel cultural da Livraria Académica na sua cidade berço e no país, é por demais evidente, nestas derradeiras páginas, que o seu presente resulta dos trunfos do passado. A Académica não se limitou a (sobre)viver à história; ela foi palco da história do nosso país. Inaugurada precisamente num dos períodos mais instáveis e inflamados da política e cultura nacionais, a Académica emprestou o seu espaço para apresentações públicas de poemas, para a defesa de teorias literárias, para o encontro e conversas entre amantes do livro e protagonistas culturais, para a divulgação das novidades literárias e para o dealbar de muitos projectos, como a fundação da revista *Águia*, sob a égide da Renascença Portuguesa. Há a destacar, igualmente, a promoção de exposições e conferências, com especial fulgor nos anos de 1980, período áureo da contabilidade da Académica.

Elencámos, portanto, as principais considerações facultadas pelas fontes disponíveis. Não obstante, estas também nos impuseram algumas restrições. A ausência de documentação específica e detalhada da Livraria impediu-nos de aprofundar alguns tópicos do nosso estudo, nomeadamente, o tratamento de dados relativos a vendas (*Quais os títulos/autores mais vendidos? Qual o período mais profícuo de vendas? Em que período se regista uma quebra mais acentuada nas vendas? Qual o valor pecuniário das obras vendidas?*), stock (*Como evoluiu o stock da Livraria? Quais os livros com maior e menor procura?*), clientes (*Qual a faixa etária predominante? Quais as profissões predominantes?*), fornecedores (*Quantas e quais as bibliotecas privadas adquiridas? Quais os leilões mais importantes na história da Livraria?*)... São questões às quais a ausência de fontes nos impediu de responder.

Não obstante as lacunas de documentação, afigurou-se-nos a possibilidade de prorrogar o âmbito do trabalho, tendo a Livraria Académica como ponto de partida para um objecto mais vasto, que é o contributo para o estudo do

alfarrabismo. Isto significa que, se por um lado, a ausência de documentação nos impediu de detalhar o estudo com números, gráficos e nomes, igualmente nos deixou libertos para alargar a nossa investigação. Embora reconheçamos este estudo como breves subsídios para uma temática de enorme potencial, desafiámo-nos a acercarmo-nos do mercado alfarrabista. São, insistimos, primeiras incursões, mas que cremos serem profícuas e pertinentes, sobretudo, quando tratamos de um tema que em Portugal é ainda tão escassamente investigado.

Efectivamente, o estudo do alfarrabismo é ainda muito ténue em Portugal, pelo que o apetrechamento bibliográfico de estudos internacionais, nomeadamente da realidade espanhola, foi fundamental. Se nos meandros das nossas bibliotecas já são escassos os estudos relacionados com a História do Livro e da Leitura, em relação à temática do Alfarrabismo, estes são quase inexistentes. O mesmo não sucede com as bibliotecas espanholas, onde encontrámos abundantes mananciais bibliográficos<sup>210</sup>.

No percurso evolutivo do nosso estudo, atendemos, assim, à criação de um novo capítulo “Obras, Autores e Mercado”, em que ultrapassámos as circunscrições da Académica e tentámos depreender quais os factores valorativos do livro antigo e raro, na Académica ou noutro qualquer estabelecimento alfarrabista.

Concluímos que podemos cindir os factores de valorização a imperar no mercado alfarrabista em duas vertentes: permanentes e provisórios. No que concerne aos factores permanentes, destacamos a antiguidade (embora esta não tenha valor quando alheada do factor raridade); título e autor quando conceituados (do século XX, predominam autores como Fernando Pessoa, José Régio e Miguel Torga; do século XIX, têm preferência Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco; já dos séculos XVI, XVII e XVIII, edições antigas do Padre António Vieira, Luís de Camões e Pedro Nunes são as mais procuradas) e a

---

<sup>210</sup> A Universidade de Zaragoza, inclusivamente, organiza cursos de Verão subordinados a esta temática.



raridade, determinada pela sobrevivência de poucos exemplares (resultado de uma tiragem reduzida ou da deterioração causada pelo tempo). Ainda na senda das condicionantes permanentes, devemos referir os principais “extras”, susceptíveis de fazer disparar o nível de raridade de um livro: a encadernação (original), um bom estado de conservação (os preços são sensíveis aos defeitos), as primeiras edições e tudo o que aproxime o livro da sua versão original (daí o interesse pelas primeiras edições, pela encadernação original e pela preservação das margens<sup>211</sup>). Além destes, há a mencionar as dedicatórias, os autógrafos, as anotações de autores ou proprietários famosos e, eventualmente, alguma história associada ao título ou ao exemplar em concreto. Por outro lado, no que às condicionantes provisórias diz respeito, o factor “moda” e uma conjuntura específica (a título de exemplo, o falecimento ou aniversário de um autor; um prémio atribuído ao autor ou ao título; críticas literárias favoráveis ou algum episódio/polémica associado) são, da mesma forma, variáveis a considerar.

Saliente-se ainda que se distinguem variáveis nas preferências pelos livros raros e antigos, consoante a idade e proveniência dos clientes: os clientes são mais afectos a autores provenientes da sua região; os clientes mais novos demonstram apreço por Fernando Pessoa e autores contemporâneos; clientes mais velhos preferem autores anteriores a Pessoa (como Eça ou Camilo). É esta multiplicidade e complexidade de factores que patenteia uma tríplice conclusão: é cada vez mais raro encontrar exemplares perfeitos; cada livro raro e antigo é único (as anotações, as mutilações, o desgaste pelo uso, a encadernação, o ataque dos insectos e todas as restantes condicionantes fazem com que seja impossível encontrar livros exactamente idênticos); é com dificuldade que se procura uniformizar preços de venda (a multiplicidade de elementos, sobretudo quando conjugados, resulta numa acentuada oscilação de valores).

A diferença terminológica entre os conceitos de *antiguidade* e *raridade* constitui outra das vertentes conclusivas deste capítulo: a primeira pode ou não contribuir para a valorização do produto, pois um livro antigo não é

---

<sup>211</sup> Entrevista n.º 3 a Nuno Canavez, 11.09.2009, p. 168.

automaticamente um livro precioso (podemos deparar-nos com um livro que conta já muitos anos, mas do qual existem muitos exemplares); a segunda é condição directa para catapultar o exemplar, pois significa que possui algo que o distingue. É, portanto, errado, pensar-se que livro antigo e livro raro são a mesma coisa.

Por fim, dos vários meios que Nuno Canavez tem ao dispor para adquirir os cento e cinquenta mil livros do seu stock, assim como qualquer outro livreiro alfarrabista (bibliotecas privadas, leilões, compra directa ao balcão, feiras, outras livrarias), debruçámo-nos particularmente sobre dois: a aquisição de bibliotecas privadas e os leilões.

Registámos a existência de padrões que a experiência de Canavez consegue detectar: a distribuição das bibliotecas privadas no país, sendo que o Minho e a Estremadura são as zonas mais ricas em termos de abundância, diversidade e qualidade (além das zonas urbanas mais importantes), em detrimento de Trás-os-Montes e Alentejo. Desejávamos fundamentar as nossas conclusões com fontes documentais, concretas, contudo, estas são inexistentes na Livraria em estudo. Aduzimos igualmente algumas justificações para este panorama: a riqueza material e cultural predominante no Minho e Estremadura, além da mais intensa densidade demográfica. Cruzar estas informações com as de outras livrarias alfarrabistas do país será um estudo pertinente a realizar. Já os leilões, bem mais animados e competitivos, são boas oportunidades para a aquisição de mercadoria, além de servirem de pretexto para a movimentação e afluência de bibliófilos e coleccionadores às livrarias alfarrabistas.

O facto é que o animado período de aquisições e vendas do pós-25 de Abril foi-se esbatendo nos últimos anos. Como pudemos depreender da análise efectuada, uma das particularidades do negócio do livro raro e antigo é que o fluxo de mercadoria não é regular, pois não existem fornecedores fixos que abasteçam livros em quantidades e qualidades uniformes, como acontece numa livraria comum.

Concluído o estudo dos meandros do mercado alfarrabista, centremo-nos no último objectivo, através do qual era nossa intenção posicionar a Livraria no

panorama alfarrabista nacional. Neste contexto, a longevidade da Académica (rumo ao seu centenário, aquando da escrita destas linhas), o facto de ter sido a segunda livraria alfarrabista a emergir no Porto, o seu percurso e o papel que assumiu na história da cidade e do país, a sua relevância cultural... e o seu stock de cento e cinquenta mil livros fazem da Académica um marco inquestionável no actual panorama alfarrabista nacional. Esta é uma questão susceptível de vir a ser ainda mais aprofundada. Todavia, os insuficientes suportes bibliográficos e as limitações de tempo impediram de nos abalançarmos no estudo de outras livrarias e de efectuar uma análise comparativa. É este um dos desafios que o futuro nos coloca.

E não só. Os catálogos das livrarias alfarrabistas constituem-se num manancial de informação desaproveitado, uma preciosa fonte de estudo, ainda mais se cruzada com catálogos de outras livrarias e, eventualmente, com catálogos de leilões. Além do enfoque comercial (através da apresentação dos preços correspondentes a cada entrada constante no catálogo), apresenta igualmente uma grande riqueza nas suas descrições e identificações, que permitem ao investigador conhecer o substrato das livrarias alfarrabistas. Um projecto e um desafio que, com certeza, procuraremos acalantar num futuro próximo.

O facto é que, hoje, as atenções parecem voltadas para o futuro e o passado tende a ser, cada vez mais, secundarizado. E este estado das coisas afecta igualmente os livros do passado, um panorama patente inclusivamente nos meios académicos. Podemos constatá-lo nas “histórias” de Vitorino Pina Martins, o qual ordenou a inventariação de todos os livros da biblioteca da Academia de Ciências. Nessa empreitada, descobriram-se trinta e cinco incunábulos, cuja existência era desconhecida até à altura, fruto do desinteresse e esquecimento que a própria Academia lhes consagrava<sup>212</sup>.

---

<sup>212</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina (2007) – *Histórias de Livros para a História do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 225-226.

Neste seguimento, como contributo final desta dissertação, aportamos, portanto, a ideia de que o estudo do alfarrabismo poderá prover preciosos contributos para o conhecimento e enriquecimento da história do livro, bem como para a devida valorização do livro raro e antigo, para que, no futuro, o ensinamento de Guedes da Silva ao seu marçano Nuno Canavez seja uma realidade partilhada por todos: “Nunca pegues num livro indiferentemente”<sup>213</sup>.

---

<sup>213</sup> Entrevista n.º 1 a Nuno Canavez, 16.01.2009, p. 124.

O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA

**ANEXOS**

**Entrevistado:** Nuno Canavez

**Local da entrevista:** Livraria Académica, Porto

**Entrevistador:** Eva Gomes

**Projecto:** O Comércio Alfarrabista no Século XX: a Livraria Académica

**Transcritor(a):** Eva Gomes

**1.<sup>a</sup> Entrevista:** 16.01.2009

Eva Gomes (E. G.) – **Quais as suas origens? Conte-me a sua história de vida. Como é que um menino da província chegou até aqui?**

Nuno Canavez (N. C.) – Era eu e mais dois irmãos e ficámos órfãos de mãe (...), tinha eu 3 anos. Portanto, acontece que o meu pai, tal e qual como muita gente, procurou dar aos filhos um outro tipo de vida que não o da lavoura, difícil, árduo e que não conduzia a coisa nenhuma. E, portanto, eu tinha cá um irmão, que tinha vindo um ano antes, também com 14 anos; eu vim com 13, com o objectivo de trabalhar de dia e estudar à noite. E assim aconteceu. Em 1948, primeiros dias de Outubro de 1948, eu vim para o Porto. Eu vim para o Porto, o meu irmão que cá estava há um ano matriculou-me e, portanto, andava no Oliveira Martins à noite e trabalhava de dia. Foram os anos mais difíceis na realidade, porque se ganhava muito pouco. Quando cheguei ao Porto, a profissão mais compatível com a minha idade e com a minha experiência era como empregado de uma mercearia ou drogaria, porque o meu pai tinha um pequeno estabelecimento na aldeia que vendia um pouquinho de tudo e estávamos já treinados naquilo.

Ao cabo de uns dias no Porto, respondi a um anúncio no *Notícias*, que pedia para aqui um marçano. Era assim que era designado o indivíduo que podia estar à frente do balcão, mas normalmente levava também a encomenda ao cliente, levava a encomenda ao patrão, lavava o estabelecimento (as montras, o chão...). Assim era classificado o marçano.

(...) Eu estava hospedado na rua Cimo de Vila (...). A dona da hospedaria, também da aldeia, acompanhou-me. Quando cheguei, estavam meia dúzia de garotos e quando o patrão me chamou, o Sr. Guedes da Silva, o fundador da casa, lá conversou comigo. Já não me recordo bem, mas disse: tu vais ficar! Imagine porque terei ficado? Na altura não pensei, mas decorrendo os anos, pensei: devo ter ficado porque vinha da aldeia, sem vícios, fácil de domar e de moldar. Também havia outra coisa característica: o genro do fundador era também da província, ali da região de Lamego. Portanto, fiquei eu. E agora digo: em boa hora! Porque, na realidade, isto é um comércio muito bonito. Tudo o que possa lidar com a cultura, está acima de tudo. E, depois, além da mercadoria, havia a selecção da clientela, que era análoga à mercadoria.

**E. G. – E aos 13 anos teve essa noção?**

N. C. – Aos 13 anos não, mas passado um ano ou dois, tive. Apercebi-me que, embora não fosse aquilo que estava na minha mente, foi muito melhor porque (...) isto é um local que se a pessoa estiver atenta, mesmo sem grandes preocupações de aprendizagem, mas se estiver atenta, está permanentemente a aprender, porque se conversa de um livro, se conversa de uma época, se conversa de um autor e, portanto, tive sorte. Ainda tive mais sorte: porque naquela altura os patrões pagavam mal, mas era o normal e eu não fugi à regra: recebia 150 escudos por mês. Mas eu disse: “Sr. Guedes da Silva, matriculei-me na Escola Comercial à noite e, às vezes, as aulas começam mais cedo, às 19h” – ora se saísse às 19h30 não jantava e, às vezes, não jantava mesmo; jantava às 11h ou meia-noite – e ele diz-me assim: “Olha rapaz, quando chegar a tua hora de ir para a escola, tu vais, porque eu posso estar distraído, não me lembrar (...)”. Portanto, honra lhe seja feita, não era vulgar (...), talvez porque trabalhava com os livros tinha noção. Os outros indivíduos diziam assim: “Agora quer ser doutor, agora quer estudar?! Este ‘murconzote’ [riso] vem lá da aldeia e quer estudar... e tal”. Por isso, ele foi impecável. E também sempre que podia ensinar alguma coisa, ensinava, e fazia-o com muito gosto. Portanto, quando se evoca, por

qualquer motivo, a loja, a Livraria, a primeira pessoa que falo é no Sr. Guedes da Silva, foi o fundador, e a quem devo, de facto, muita coisa.

Em relação ainda às origens, foi o primeiro dia que andei de comboio, o primeiro dia que calcei sapatos e o primeiro dia que vesti um fato, um fato completo, riscado, que era o mais em voga. Sabe que, como ficámos sem mãe, o pai representava tudo para nós. (...) Ele era deficiente físico, tinha tido poliomielite. Acompanhou-me ao Porto, e na Régua, apeteceu-lhe beber qualquer coisa e saiu do comboio. Mas quando se dirigiu ao comboio, já o comboio estava em andamento. Como ele não podia correr, deixou ir o comboio. Eu vim sozinho da Régua até ao Porto... um indivíduo que nunca tinha andado de comboio! Mas o meu pai lia muito e assinava o jornal, e era uma pessoa culta – para a aldeia era uma pessoa culta – e chegou à estação e disse: “O meu filho vai sozinho na carruagem; espero que transmitam ao revisor para, quando ele chegar ao Porto, lhe indicar um sítio onde eu o possa localizar, quando chegar noutro comboio”. E assim aconteceu! (...) O revisor veio ter comigo logo na estação a seguir, (...) duas horas depois ele ia aparecer noutro comboio e “eu vou-te deixar num local para tu o veres”. Ainda hoje quando falo nisto me arrepio porque, na realidade, quando eu vi que ele perdera o comboio, eu fiquei... ainda hoje, quando falo, sinto cá dentro qualquer coisa de estranho [emoção].

Bem, pronto, entrei na escola e comecei a trabalhar durante uns anos até que veio a vida militar. Eu já tinha dez anos de treino... porque o patrão era impecável nesse capítulo; dizia sempre: “nunca pegues num livro indiferentemente. Quando pegares num livro, a primeira coisa que se sente é o volume, o calor do livro, o grafismo, a espessura, o tamanho, o aspecto, porque mais tarde posso vir-te a perguntar por um livro que te passou pela mão. E se tiveres isto gravado, facilmente fixas e vais-me dizer onde o livro está”. E isso foi, de facto, uma ajuda enorme, preciosa, porque, ao longo da minha vida, eu passo por aqui e não passo indiferente, passo sempre com olhos como se estivesse a passar pela primeira vez. E, assim, eu fixo, até porque dos computadores não percebo nada, até tenho uma certa aversão. (...)



Dez anos depois fui para a vida militar e quando regressei fundei uma livraria porque tinha um cliente que era rico e tinha uma biblioteca grande e, como os filhos não se interessavam, fundámos uma Livraria na rua da Cedofeita.

**E. G. – Despediu-se, portanto?**

N. C – Despedi-me aqui da Casa.

Estive quatro anos lá. Eu digo que foi o meu estágio porque era sozinho a trabalhar e nunca ninguém tinha feito catálogos no Porto. Portanto, fui o primeiro, de alfarrabistas de livros usados, a fazer catálogos. E eu verifiquei que os catálogos eram muito importantes para a divulgação do livro e do stock.

**E. G. – Como se chamava a Livraria?**

N. C. – *Lusa*, na rua de Cedofeita, lá num cantinho.

**E. G. – Já não existe agora?**

N. C. – Já não existe, existiu uns anos depois de eu sair.

Mas, depois, apercebi-me que a elaboração desses catálogos, feitos artesanalmente e muito rudimentares, era, de facto, um veículo importante para a venda. E eu disse assim: “Se me apanhasse na outra Casa, ao stock que tem, então é que eu brilhava!” Bem, decorridos 4 anos, sou abordado pelo fundador a ver se eu estava na disposição de voltar. Eu disse: “Depende das condições económicas”. E o patrão, o mesmo patrão, que tinha o genro, o continuador, muito doente (...), disse: “Tu propões as condições e eu aceito-as. Eu, à partida, aceito as condições”. Pronto, eu disse: “Quero receber 1500 escudos por mês, e quero 10% nas vendas”. Como eu já tinha a experiência da outra Casa, a vender o que não tinha nada de que se possa comparar com isto... Ele disse: “Sim, senhor, estou perfeitamente de acordo”.

Entrei, voltei novamente, conheci isto tudo. Disse-lhe que o ideal seria comprar um duplicador, que já havia duplicadores eléctricos, nada comparado com o que eu trabalhava, que era tudo manual. Sim, senhor, comprámos um duplicador. E comecei a fazer catálogos com frequência. Nesse ano, com o que ganhava, e com o que recebia de comissões, eu fiz perto de 5 mil escudos por mês. E quando passei a sócio, passado uma dúzia de anos, eu estava a auferir um vencimento – continuando com os 1500 escudos – à volta de 40 mil escudos. Era muito dinheiro para a época. Depois, ele achou por bem que eu devia ser sócio, e fiquei com a terça parte, até mais do que a terça parte.

**E.G. – Em que ano ficou sócio?**

N. C. – Em 1962. (...) E depois o Sr. Guedes da Silva morreu, com oitenta e tal anos, e ficou a viúva. A viúva disse-me: “Nuno, eu não percebo nada disto”. E não percebia, de facto. E eu, que sentia uma obrigação moral e não podia ter outro comportamento que não fosse esse, disse: “Dona Cacilda, vamos imaginar que o seu marido não morreu, que está aqui sempre presente, e quando eu aumentar o vencimento para mim (porque depois passámos o vencimento para 7.500 escudos por mês, quer eu quer o Sr. Guedes da Silva e, mesmo assim, era um bom ordenado para a época), aumento a mesma coisa para si. Enquanto ela viveu, assim foi. E passado meia dúzia de anos, ela achou por bem deixar-me em testamento a parte disponível dela. (...) Foi assim, tive sorte, muita sorte, procurei fazer algo no sentido de compensar aquilo que o Sr. Guedes da Silva fez por mim. E acabei o curso geral de comércio à noite na Escola Comercial Oliveira Martins.

**E. G. – Como começou o Sr. Guedes da Silva com o comércio dos livros? Haveria tradição familiar?**

N. C. – Não. Ele era também empregado de uma livraria, da Livraria Tavares Martins, na Rua dos Clérigos, ao fundo, ao lado esquerdo. E ele foi para lá em miúdo, como eu (...) e aos vinte anos, julgo eu, então estabeleceu-se com livros usados e novos também.

**E. G. – O que vendia inicialmente?**

N. C. – Inicialmente, vendia, portanto, o livro usado, sobre todos os assuntos e, fundamentalmente, o livro escolar. Tinha muito livro escolar porque chamava muita gente e houve um período em que o livro escolar durava, pelo menos, cinco anos e, portanto, transitava de irmão para irmão e poupava-se dinheiro. Só o deixámos de ter quando, na realidade, isso acabou. E deixámos de ter o livro escolar. Não se podia comprar, porque podia não se vender e era o normal, não se vender. Portanto, fomos deixando aquilo que era sempre vendável, como o dicionário, e o resto desistimos e começámos a dedicar-nos mais ao livro raro. Temos um pouco de tudo, mas de há quarenta anos a esta parte, o livro raro é o que nos interessa mais.

**E. G. – O estabelecimento inaugurou-se na Rua das Oliveiras? E transferiu-se depois para o local actual, correcto?**

N. C. – Julgo que foi um ano depois, e ainda lá existe a casa.

**E. G. – E por que razão se transferiu?**

N. C. – Devido ao espaço. (...) Isto era uma casa de passe, uma casa de mau porte, e ele tomou conta da casa e vivia por cima, mais a família: a filha e a primeira esposa. E, como era de mau porte, vinham de noite bater à porta [simulação de batidas na porta]. Ele então descia [risos], acendia as luzes, abria a porta de par em par e os tipos viam livros. Pediam desculpa e iam-se embora. (...)

**E. G. – Portanto, deixou o primeiro espaço, na Rua das Oliveiras, porque era pequeno?**

N. C. – Sim, porque era pequeno. E, além de ser pequeno, não tinha as mesmas condições, pois aqui podiam viver por cima e lá não. Aqui era a casa toda. Como não abundava o dinheiro, juntou o útil ao agradável.

**E. G. – Como acha que os clientes e o público em geral vêem a profissão de um alfarrabista?**

N. C. – Durante muitos anos, quando o fundador se estabeleceu, era uma profissão mal vista. Era uma coisa usada. E ele, que era, de facto, uma pessoa muito bem formada, o Sr. Guedes da Silva, dizia que, na realidade, era vulgar ele pedir, imaginemos, dez escudos por um livro, e diziam logo: “Oh, queres cinco?” E mais de uma vez, teve de chamar a atenção porque o tratavam por ‘tu’. Falou até do caso de um Pires de Lima, e ele teve de dizer: “Sr. Doutor, eu não posso nem devo corresponder a esse tratamento, por isso, gostaria também que me tratasse de outra forma”. Ele tinha, de facto, uma dignidade fora de série e as pessoas (catedráticos, professores, advogados...) tratavam-no... porque ele era, de facto, exemplar. Vinha o pai, vinha o filho e, às vezes, chegava a vir o neto. (...) Ele, de facto, dignificou imenso o livro usado. E o que era mal visto até certo ponto, por ser uma coisa suja, ele dignificou: ele era incapaz de pôr à venda um livro que estivesse estragado. Ele compunha-o, colava-o, consertava os livros muito bem. Era capaz de perder uma manhã ou uma tarde com um livro que não compensava, mas dizia-me assim: “Oh rapaz, mas vai ali para fora já com outro aspecto”. Portanto, ele tinha pelo livro muita estima e conseguiu, de facto, que aquela imagem negativa desaparecesse; era, de facto, muito considerado, até pelos bibliófilos, coleccionadores que vinham, muitas vezes pedir o parecer dele. Depois havia vários tipos de clientes, e ele respondia conforme os clientes. Mas aquela imagem negativa quando ele se estabeleceu, foi desaparecendo. Quando cheguei aqui, já não sentia isso.

**E. G. – E hoje em dia também não sente?**

N. C. – Nada, nada! Ainda me lembro, principalmente, e sem desprimor, as senhoras. Viam, às vezes, uma assinatura: “Ai, isto é usado? Ah, não!”. E ele não se desmanchava e dizia: “Minha senhora, lamento muito essa reacção. Com certeza, a coisa mais suja com que a senhora lida, trata de outra maneira, que é o dinheiro”. Ele tinha uma argumentação tremenda e depois acabava por convencer as pessoas.

**E. G. – O que o faz gostar da sua profissão?**

N. C. – Gosto desta profissão porque a cultura está envolvida. E eu acho que a cultura é a coisa mais importante de um povo. Nós não dizemos “a pátria de um Pinto da Costa”, dizemos “a pátria de Garrett, de Camões, de Aquilino, de Junqueiro”, e é isso que me leva a gostar muito disto. Não podia viver sem os livros. Estou de tal maneira familiarizado (embora, às vezes, uma pessoa se canse, pois estou há sessenta anos nisto), isto faz parte da minha vida há muito tempo e quando posso ser útil a alguém fico contente. (...) E depois, em relação à bibliografia de que sou munido, e uma pessoa se quiser aprender não pode ficar indiferente: estes dias, tenho compulsado este dicionário [aponta para um dicionário] e outras coisas por causa de publicações de folhetos que saíam anónimos no período das lutas liberais: as pessoas escondiam-se por causa de represálias e temos de procurar saber, porque pode estar por trás um nome que mais tarde foi muito importante: um Garrett, por exemplo, cujo livro saiu anónimo. Portanto, nós temos de nos munir de bibliografia, principalmente, na literatura portuguesa, que nos possa permitir identificar uma edição, um autor, saber porque uma edição é melhor ou não, e assim sucessivamente. E, às vezes, no frontispício diz que foi impressa lá fora e não foi, foi impressa cá, mas para fugir a represálias e a proibições fez-se assim. Vou dar-lhe o exemplo das *Poesias Eróticas* de Bocage, que saíram como sendo publicadas em Bruxelas, e não em Lisboa, como o foi na realidade. Mas como era um livro contundente para os costumes morais da

época, isso fazia-se com regularidade. Isto é um mundo impressionante, que não acaba, e só se gostando muito... (...)

**E. G. – Existe alguma obra pela qual tenha um carinho especial, que lhe custe desfazer-se dela? Alguma obra que não venda?**

N. C. – A primeira obra que a Casa comprou não se vende. É uma revista de ensinamentos, por sinal, até francesa, do comportamento na sociedade. É uma espécie de enciclopédia da época, desde o comportamento à mesa, à literatura e viagens. Essa não se vende; foi comprada por treze tostões. Depois, tenho muita coisa que não vendo porque me custa vender. Por exemplo, livros com encadernações excepcionais, eu procuro não vender. É verdade que também não se pode guardar tudo. Uma vez, comprei uma biblioteca, de princípio do século até aos anos 30, em que predominava o livro francês, tiragens especiais assinadas pelo autor, lindíssimas, graficamente muito bonitas. Apareceu-me um livreiro suíço que me ofereceu muito mais do que eu imaginava – fiquei com quatro ou cinco para recordação. Vende-se porque não se pode guardar tudo, mas algumas coisas vão-se conservando porque tem pormenores que é preciso mostrar. Por exemplo, no século XVI imprimiu-se maravilhosamente bem (...). E no século XVIII voltou a imprimir-se muitíssimo bem. A gente folheia um livro e dá impressão que o papel canta. É um papel de linho muito bom. Por isso, tenho muita coisa que não vendo porque gosto, são meus companheiros e dizer “Olha que coisa bonita!”, isso também tem o seu preço. Chega alguém, olha para as vitrines e diz “Que coisa bonita!”. Pronto, isso faz parte também da Casa. Não é mostrar uma “farrapada”, isso não! (...) Aquele impacto, ficou logo! É muito vulgar passarem até estrangeiros e dizerem “Olha que Casa bonita!” e, às vezes, entram só para ver. É por isso que nunca deixei que a Livraria perdesse este aspecto que tem, como é o caso do 1.º andar.

**E. G. – E se tivesse que escolher uma obra? A que mais gostou?**

N. C. – É difícil. Passaram-me tantas coisas pelas mãos e tão bonitas [riso], que é difícil. Já houve aqui um exemplar impecável da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto de 1614; tive a 1.<sup>a</sup> edição comentada de *Os Lusíadas*, de mil seiscentos e pouco também. São coisas que nos ficam, mas que não nos podemos dar ao luxo de estarmos eternamente a guardar. Tenho, por exemplo, agora aqui, e que também não aparece todos os dias [apresenta alguns exemplares]: isto é, nada mais nada menos que um incunábulo. É um livro de 1493, que já tem valor porque é anterior a 1500; é um missal da Cúria Romana, Veneza, 1493, com uma dedicatória do Visconde de Azevedo, que era uma família nobre que vivia ali perto de Barcelos, na Casa da Lama, monumental, que oferece a alguém. Tem o brasão da Casa de Azevedo, e depois cá temos: impresso em Veneza, no ano de 1493. As iniciais eram manuscritas (...), graficamente bonitas, (...) mas veja-se a delicadeza da edição. Agora vou mostrar outra coisa, que também não se vê todos os dias – é isto que eu vou procurando reter [levanta-se e apresenta um novo exemplar]. Isto é, nada mais nada menos, do que um foral: o foral dado a S. João da Pesqueira, de D. Manuel I, 1510, e este é dos primeiros dele. (...) Há três exemplares: um destinado à Torre do Tombo, outro destinado ao donatário da região, normalmente, e outro para a Câmara. Dos dois últimos, este não sei qual é. (...) Portanto, estamos na presença de uma preciosidade.

**E. G. – Como o adquiriu?**

N. C. – Sou chamado, muitas vezes, para avaliar bibliotecas. Esta biblioteca valia muitos milhares de contos. (...)

Este devia estar na Câmara. Normalmente, não o proponho porque é difícil. Eu comprei, há meia dúzia de anos, a obra do Abade de Baçal: onze volumes (agora são doze porque fizeram o índice). Os primeiros seis tinham sido do próprio Abade: eram os exemplares dele, em que trabalhava e anotava para quando se fizesse novas edições, fazia revisão, etc. Os restantes cinco, tinha-os oferecido ao médico dele, com dedicatórias muito bonitas, de página inteira. Eu estava no

balcão e diz-me assim um professor de Bragança: “Oh Nuno, isto ficava bem na Câmara de Bragança, ou no museu Abade de Baçal”. Eu disse assim: “Era onde deveria ficar, mas eu não proponho coisa nenhuma porque eles não têm verba”. E uma coisa que mexe comigo é quando, às vezes, vendo alguma coisa e tenho que enviar uma declaração a dizer que não devo nada ao Estado (isso é obrigatório, ainda há pouco tempo aconteceu), de maneira que disse que não propunha coisa nenhuma, mas era onde deveria estar. Diz ele: “Eu dou-me muito bem com o Presidente da Câmara...” – eu pedia 500 contos pela obra, o que naquelas condições era muito pouco – “... Posso falar com ele?”. Eu disse: “Pode. Eu reservo a obra aí uns quinze dias e depois logo se vê”. Dez dias depois disse-me assim: “Oh Nuno, sabe, venho triste. Não têm dinheiro, nem sabem quando vão ter”. Eram 500 contos, numa Câmara, há meia dúzia de anos... Depois, os jornais souberam do caso, porque eu relatei este caso, e estava alguém a ouvir [risos]. Bem, o que é certo é que não tinham dinheiro. É a realidade e choca porque se for um Quim Barreiros a tocar um acordeão, eles até são capazes de arranjar o dinheiro. A parte cultural em Trás-os-Montes é uma tragédia, tudo o que seja cultura, acha-se que é deitar o dinheiro fora. (...) Bem, coloquei a obra em catálogo e vendi por mais 100 contos a um senhor de Lisboa [risos]. Isto é vulgar.

Outro exemplo: houve um congresso sobre Trás-os-Montes há uns três anos e eu fui chamado para expor livros, se quisesse. Eu levei as Actas da Câmara Municipal de Miranda do Douro, que abarcava cinco ou seis anos. Original. Portanto, era de princípios de 1800, ou anterior até, que dava o relato daquilo que tinha acontecido no espaço de cinco ou seis anos. Pedia 200 contos por ele. Foi proposto ao Presidente da Câmara de Miranda: “Isso é muito dinheiro, nem pensar!”. Depois, vendi ao Professor Oliveira Marques por mais dinheiro e sem esforço nenhum [risos]. Isto é para se ver que as instituições, infelizmente, não funcionam. Em Trás-os-Montes, então, é um horror! (...)



**E. G. – Nunca lhe assaltaram o estabelecimento?**

N. C. – Não, nunca. O ladrão é inculto e ainda bem [risos]! Em relação às montras, bastava partir e, às vezes, tenho cinco, seis mil contos numa montra. Eu não ponho preço, e eles não sabem.

**E. G – Qual é o livro mais valioso que já teve ou tem agora?**

N. C. – É este foral e o incunábulo, em relação a antigos. Mas tenho também a *Presença*, que são quatro mil contos. Na ordem dos 500 contos, tenho várias coisas. Estes dias, vendi um livro de Camilo. Depois, tive pena de não ter tirado uma foto. Tem uma dedicatória ao Rodrigues Sampaio, que era uma coisa lindíssima, além de ternura, de um significado tremendo. E depois dizia: “No caso de este livro se voltar a publicar após a minha morte, gostaria que fossem alteradas as palavras que estão subscritas, caso as venham a entender”, dizia ele. E estava tudo anotado. Alguém soube e, da Casa de Camilo, vieram-me perguntar o preço: “Quero dois mil contos pelo livro. Quinze dias posso guardar”. Ao cabo de dez dias, veio a resposta: “Não temos dinheiro”. Portanto, eu agora já não lembro nada a ninguém... Há pouco tempo, vendi um exemplar da 2.<sup>a</sup> edição da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Montemor-o-Velho era a terra de Fernão Mendes Pinto e houve lá uma festa alusiva ao Fernão Mendes Pinto e souberam que eu tinha o exemplar. Vieram cá e depois de verem, telefonarem, reservarem, diz-me um indivíduo de lá: “Nós ficamos com o exemplar, mas tem que nos mandar uma declaração como não deve nada ao Estado”. Eu disse assim ao telefone: “Faça de conta que o senhor não falou comigo, que não se passou coisa nenhuma e que nunca viu o exemplar. Sabe, isso é uma imposição e eu sou demasiado velho para me sujeitar a imposições. (...) Então os senhores não têm meios para comunicar à entidade respectiva para saber se a minha Casa, a minha firma, deve ou não deve?” (...) Passado uma semana, vieram aqui e trouxeram-me o cheque. Mas é um negócio fascinante!

**E. G. – Então não tem comparação: vende muito mais para particulares do que para instituições?**

N. C. – Sim, sim, incomparavelmente, e antigamente vendia-se muito mais para o estrangeiro. Agora, há uma quebra bastante acentuada. Vendia-se centenas de livros para a *British Library*, para a biblioteca do Congresso, mesmo autores portugueses, que eles tinham de tudo, e a organização é de tal ordem, que nunca veio um livro devolvido. E sabem o que querem. É outra gente...

**E. G. – E quantos livros tem neste momento?**

N. C. – Eu calculo 100 mil livros.

**E. G. – E em relação a clientes? Que figuras mais importantes por aqui passaram?**

N. C. – Que eu me recorde, conhecidos por mim, passou Miguel Torga, José Régio, Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, esses porque faziam parte de uma tertúlia que havia aqui na *Renascença Portuguesa*, que era a *Águia*. E passaram por aí tantos outros... Depois, vinha aqui muitas vezes, que estava exilado em Cascais, o Rei Humberto (Humberto de Itália)... E é uma satisfação grande para nós. (...)

**E. G. – E o que nos conta sobre eles?**

N. C. – Miguel Torga, por exemplo, na primeira vez que veio aí, o genro do Sr. Guedes da Silva diz-me assim [sussurra]: “Olha, vem aí o Miguel Torga! Está na montra, está na montra...” Ele entrava em tudo, entrava ali, e dizia para o Sr. Silva: “Eu vou lá para dentro, lá para cima e tal...” Pronto, tal e qual como faz o Mário Soares. Eu estava aqui, nisto que ainda era tudo amplo, a arrumar, e lá disse “Boa tarde” e diz-me ele assim: “Tu gostas de ler?”, “Gosto, gosto, Sr.

Doutor e já li um livro do Sr. Doutor”; “Já leste um livro? Que livro é que tu leste?”, “Li o *Portugal*”. Diz-me ele assim: “E por que leste o *Portugal*?”, “Olhe, porque tem o retrato de um reino maravilhoso, o meu reino”. Ele lá me perguntou de onde eu era. Ele era muito difícil, mas sempre que vinha perguntava: “Onde está o meu conterrâneo?” e vinha-me sempre cumprimentar. Quando ele simpatizava, ou que lhe diziam alguma coisa da região, ele era diferente. Já o Régio, vinha com frequência, mas esse era muito mais acessível. Ah, e o Torga dizia assim: “Oh conterrâneo, tu nunca mais me arranjas as *Memórias* do Bulhão Pato?”, “Não tem aparecido Sr. Doutor, não tem aparecido!” e ele era agarrado ao dinheiro [ênfase], tanto, que era ele que mandava fazer as suas edições e tudo corria pela mão dele.

#### **E. G. – Mas era um bom cliente então?**

N. C. – Humm... vinha. Sabe, os melhores clientes são aqueles que menos lêem. Esses são os colecionadores, que não é o bibliófilo. E entretanto, disse-lhe: “Oh Sr. Doutor, cá temos o livro!” E diz-me ele assim: “Mas vê lá, não me enterres a unha [risos]. Estou contente, há muitos anos que andava à procura do livro”. E, portanto, assim pormenores, coisas curiosas.

Olhe, por exemplo, o Mário Soares, tem uma memória de elefante aquele homem, uma memória prodigiosa. E vinha a esta sala, ou a outras, e eu dizia para o experimentar, se ele se lembra do que compra, se ele sabe o que compra. Pus-lhe à frente uma 1.<sup>a</sup> edição das *Farpas*, de Ramalho Ortigão e uma 1.<sup>a</sup> edição das *Memórias* de Raul Brandão, que ele gosta muito. E disse: “Oh Sr. Doutor, tenho aqui isto e tal...”. E ele diz-me: “Então você esqueceu-se que já me vendeu um exemplar há cinco anos, tinha assim uma encadernação azul, não se lembra, com uma espécie de caixa...”. (...) Eu sabia que lhe tinha vendido, era só para saber se ele se lembrava. (...) E eu disse assim: “De facto, tem uma memória prodigiosa”. Em quatro, cinco vezes que eu fiz esta coisa, ele deu conta do recado. Ah, uma vez ele tinha dissolvido a Assembleia da República, tinha recebido o Sarney, que era Presidente do Brasil, foi uma semana agitada e eu

mandei para lá um catálogo. Bem, eu pensei: “Ele não vai poder ver nada”. E a secretária disse-me assim: “Olhe, o Sr. Presidente quer isto, e isto...” Na vez imediata que ele esteve cá, disse-lhe assim: “Oh Sr. Presidente, como é que o Senhor, com aquela semana agitada...”. Respondeu: “Nós fazemos primeiro aquilo de que gostamos muito”. Eu mandava-lhe um catálogo para o Palácio e outro para casa, como pedia. (...) Por isso, disse ele: “Se me chega um catálogo e é de uma Casa que me agrada, vou ver logo se há alguma coisa”. Há coisas interessantes e outras que não me lembro...

Outro exemplo: havia um indivíduo muito bem vestido que chegava à beira das montras, com bom aspecto e tal, ainda no tempo do Sr. Guedes da Silva, e todas as semanas vinha ver as montras. Tirava uns apontamentos, mas via com pormenor, e nunca entrou na Livraria. Dizia o Sr. Guedes da Silva: “Apetecia-me ir lá fora perguntar ao senhor porque não entra... O que procura, afinal?” [riso] Era uma coisa curiosa... E a gente fica contente quando mostra, às vezes, coisas, pormenores de livros. Eu tive um exemplar da Florbela Espanca com uma dedicatória ao segundo marido, que era uma coisa de sonho e, às vezes, é isso que valoriza o exemplar. Saber que este livro esteve na mão dela, e que se concentrou em fazer a dedicatória, que mereceu uma atenção especial, isto já é motivo mais do que suficiente para a gente não pegar indiferentemente... tratar carinhosamente, com admiração e tudo o mais... já faz parte da nossa sensibilidade, mas há muita gente que pega num livro como quem pega em nozes ou figos.

Por exemplo, o João Araújo Correia vinha aí com regularidade, um escritor da Régua que escreve lindamente (ele pintava o Douro!) e então disse-me assim: “Oh Nuno, precisava deste livro”. Era um livro de Ricardo Jorge sobre Teófilo Braga. Ele esteve aí e perguntei: “O Sr. Doutor vai para a Régua?”; “Vou, vou para a Régua e tal...”. “Eu vou tratar disso” e mando-lhe o livro, ele paga-me o livro e três dias depois, a notícia que ele tinha morrido. É a vida... mas vinha aí, sentava-se e, como o Sr. Guedes da Silva, era uma pessoa que tinha uma postura, e tratava bem uma pessoa (quer fosse culto quer não fosse culto).

Uma vez – e esta é mais contundente – entraram dois indivíduos, ou melhor, um entra e outro fica à porta e a gente viu logo que era alguém com sensibilidade para os livros, pela maneira como tirava o livro. Nunca mais me esquece, que os livros estavam muito apertados, e ele fez assim para tirar o livro [exemplifica o gesto]: são pormenores daqueles que sabem! Começou a ver. O que estava lá fora, estava impaciente: “Tu não vens?”, “Espera um bocadinho”. E chamou a atenção duas ou três vezes e, à terceira vez, diz assim: “Oh pá, vens ou não vens, nunca mais largas essa merda?”. O Sr. Guedes da Silva, atrás do balcão dirige-se ao cliente: “Venho convidá-lo a sair e, simultaneamente, lamento muito que se acompanhe por um indivíduo que, lamentavelmente, confunde livros com merda”. A pessoa pediu muita desculpa, foi-se embora. Veja o que era o Sr. Guedes da Silva que, para dizer estas coisas, tinha de ser muito picado. Isto assisti eu [risos]. Quando diziam mal dos livros, ou tratavam um livro como ele julgava que não devia ser, então...

**E. G. – Ainda em relação aos clientes, tem mais clientes à procura de livros por motivos económicos?**

N. C. – Temos três tipos de clientes... ou quatro:

- o cliente que compra, única e exclusivamente, porque gosta de ler. Compra para usar, para ler. E como não tem muito dinheiro, compra a edição mais barata;
- depois, temos outro tipo de clientes que só compra livros relacionados com a sua profissão, para se valorizar e tal, porque o dinheiro também não será em demasia;
- depois, temos o coleccionador (...) só compra primeiras edições, exemplares com dedicatórias, tiragens especiais e livros que sejam susceptíveis de se valorizar. Gostam do livro como objecto, mas também gostam muito do dinheiro, portanto, se o livro se valorizar, ele compra. E era muito vulgar, agora felizmente nem tanto, dizerem-me assim: “Oh Nuno, você acha que este livro vai valorizar?”. Eu dava a minha opinião em função do aspecto do livro, tiragem, ilustrador, se o autor já era mais ou menos consagrado e eu dizia: “Vai valorizar-se”. Se eu

dissesse. “Não, não me parece!”, ele já não comprava. (...); - e depois há o bibliófilo, aquele que, de facto, tem pelo livro uma grande estima, procura saber tudo o que há sobre determinado autor, confronta edições (se esta é melhor do que aquela). É, de facto, para mim, o indivíduo que melhor estuda o livro, o autor, a época.

**E. G. – É com esse que prefere trabalhar?**

N. C. – É, é o bibliófilo.

**E. G. – E como acha que tem evoluído? Haverá mais coleccionadores agora?**

N. C. – Não, noto que, por exemplo, nos últimos dez anos, se tem degradado. Os professores eram uma peça importante na preparação dos alunos e iam incutindo autores. Por exemplo, aqui o Colégio Almeida Garrett, um colégio muito bom, tinham lá dois professores, de Português e de Literatura, que estavam... e eles vinham por causa deles: “Vocês vão coleccionar Garrett ou Eça...”. E, já agora, se viam que tinham possibilidades, diziam: “Mas comprem uma edição melhor, não comprem uma fraca”. E assim eles iam ganhando o gosto. Hoje há, quanto a mim, menos leitores. Na proporção de que há muita gente com acesso às universidades, incomparavelmente mais, mas essa frequência não corresponde à procura de livros e à leitura. Este tipo de livros, não. Há uns dois anos atrás, ao mostrar *Os Maias*, diz-me assim um rapaz: “O quê?! Esse calhamaço? Você não tem um resumo? Isso nem pensar!”. Está a ver: ler o indispensável para fazer o exame, não havia ali interesse em saber mais alguma coisa!

(...)

**E. G. – E em relação aos coleccionadores, os que buscam o lucro no livro, acha que existem mais agora?**

N. C. – Não, também há menos. Mas ainda continuam a haver bastantes. Mas há menos do que antigamente.

**E. G. – Será que tem a ver com o facto de o negócio já não ser tão rentável, ou continua a ser?**

N. C. – Não, continua a ser rentável. No livro, se a pessoa souber escolher, a valorização é grande. Pode haver momentos de crise, mas é passageira, porque depois volta tudo à primeira forma. Aquilo que é bom, pode não se vender agora, mas daqui a um ano vende-se.

**E. G. – E acha que a comunicação social tem votado mais interesse agora, ou era mais procurado anteriormente?**

N. C. – Agora vêm mais vezes porque com certeza a Casa é mais procurada, mais conhecida, mais badalada e, portanto, vêm mais. (...) Eu não tenho razão de queixa, há uma quebra de vendas no livro corrente. Além de não haver dinheiro, que não há, há o desinteresse. Às vezes, faço uma montra, e está oito dias, e ninguém pede para ver um livro da montra. Dá impressão de um desinteresse. E, às vezes, entram aqui pessoas, que entram e saem, dão uma vista de olhos, mas não param. E eu digo assim: “O que é que esta pessoa quereria? Sem parar, sem ver, sem folhear”. Há menos dinheiro e, sobretudo, menos interesse. E, claro, também há maior dispersão de vendas: no supermercado, nas grandes superfícies. Portanto, nós temos de nos encaminhar para a especialidade, para os trazermos cá, porque o livro corrente aparece em muito sítio.

**E. G. – Ficamos por aqui. Muito obrigada pelo tempo que nos dispensou.**

**Entrevistado:** Nuno Canavez

**Local da entrevista:** Livraria Académica, Porto

**Entrevistador:** Eva Gomes

**Projecto:** O Comércio Alfarrabista no Século XX: a Livraria Académica

**Transcritor(a):** Eva Gomes

## **2.<sup>a</sup> Entrevista:** 27.06.2009

Eva Gomes (E. G.) – **Falemos do livro usado: tem registado quebras?**

Nuno Canavez (N. C.) – Tem menos procura. Mas o livro corrente tem menos procura do que o livro usado porque, quanto a mim, julgo que uma pessoa vai a uma grande superfície, à FNAC, o orçamento não é elástico, e compram um livrinho ou dois e pronto. E comprou naquele momento porque viu. Para aquele mês ficou resolvido e já não é preciso passar nem pelos livros usados porque o dinheiro já está gasto. Passam cá os habituais, há longa data. De quarenta anos para cima. São quase sempre os mesmos; não há grande mudança. Gente nova não há. Então para as raridades, muito menos. Antigamente, começavam aos 25, 30 anos, agora não.

E. G. – **E o livro raro vende-se mais agora ou nos anos 60, 70?**

N. C. – Houve um período que se vendeu mais, nos anos 70 e 80, porque ia muita coisa para o estrangeiro. Para dar-lhe um exemplo, fazíamos um catálogo com 300 títulos. No espaço de uma semana, dois terços tinham sido vendidos. Hoje, não se vende um terço no mesmo espaço de tempo ou mais. Portanto, há menos poder de compra e, claro, o livro raro também custa mais a aparecer. Uma pessoa vai conservando, vai guardando.

Digo muitas vezes que as senhoras são as minhas melhores amigas porque eram elas que vendiam os livros. O marido morria em primeiro lugar. A mulher, a



primeira coisa que vendia eram os livros. Ocupavam espaço, era chato, gastava o dinheiro naquilo, não prestava assistência, podia comprar um casaco de peles, uma jóia, e depois, ainda tinha de os limpar... Hoje, isso já não se verifica – vão reservando, vão guardando. Agora, vá lá que, por exemplo, em Abril, deve ir a maior biblioteca do Norte e talvez uma das maiores do país, particulares, a leilão, a do Dr. Laureano Barros, de Ponte da Barca: Laureano Moreira da Cunha Barros. Era um cliente dos mais antigos que eu conheci aqui, quando era garoto, e tinha uma colecção do século XIX, tudo em primeiras edições, século XX, tudo em primeiras edições [ênfase], até as 15 edições da *Peregrinação*, Cancioneiros Antigos, colecção de revistas literárias do século XIX e XX, tem tudo, uma coisa notável e vai agora, em Abril, a leilão.

Estou a pensar ir lá evidentemente, até para saber como está o mercado. Ele era uma pessoa muito interessante, era professor de matemática. Eu vendi-lhe a primeira edição dos *Sonetos* do Antero de Quental, um folhetozinho, há uns 20/30 anos. E disse: “Sr. Doutor, tenho aqui uma coisa, não sei se terá, é muito raro, são os *Sonetos*”. Diz: “Ó Nuno, não tenho. Quanto é que queres por isso?”; “Quero 30 contos”. Era muito dinheiro para a época. E tinha uma dedicatória simples: “Ao senhor fulano de tal, Antero”. Pois bem, vai a leilão. Nos meus clientes, há, pelo menos, uma meia dúzia deles interessados e vão a mais de dois mil contos. Portanto, o que será a disputa daquilo? Quem diz esse livro, tem muitas dezenas desse género. (...) Vem até um livreiro americano, de Nova Iorque, mas que tem casa aqui e já me telefonou: “Ó Nuno, o leilão quando é que começa?” (...)

É muito interessante, mas depende também da maneira como são feitos os catálogos. Eles queriam que eu fizesse o leilão porque eu era muito amigo dele. Indiquei o Manuel Ferreira. Eu faria dois ou três lotes de livros muito bons e não misturava porque o coleccionador tem tudo: um Torga que vale mil contos e um Torga que vale dez contos. Portanto, eu era capaz de fazer uma selecção, apresentar, num primeiro impacto, coisas muito boas e aí valia a pena. Mas, mesmo assim, vale a pena porque é para mim, nestes últimos cinquenta anos, a melhor biblioteca que vem a leilão (do século XIX e século XX). É fundamental

estar presente, até para ver a evolução das coisas e como está o mercado. Há muita gente aí à espera do leilão, gente com muito dinheiro.

**E. G. – Então é frequente: perto de um leilão nota um retrair das vendas?**

N. C. – Sim, sim. Imaginemos que uma pessoa tem dois ou três mil contos para gastar. Não gasta, vai guardando para comprar aquela peça, porque se consta.

**E. G. – Existem muitos leilões?**

N. C. – Antigamente, havia mais. Em Lisboa, há com frequência. Mas da qualidade deste, aparece poucas vezes. Aqui, ainda há pouco tempo, foi o leilão da biblioteca do Dr. Ribeiro dos Santos, que tinha um conjunto de livros interessante, mas não muito bem conservados, e também tem muita influência o estado de conservação de um livro raro: o defeito nota-se muito mais num livro raro. Vou dar-lhe um exemplo: uma primeira edição do *Crime do Padre Amaro*, se tiver capas de brochura (normalmente, o livro aparece encadernado porque, naquela altura, 90% dos livros encadernavam-se com capa dura e, normalmente, deitava-se a capa [de brochura] fora e guilhotinava-se a toda a volta para o livro ficar mais manuseável e hoje, o bibliófilo não quer, ou melhor, quer enquanto não arranja outro exemplar) e se o livro não tiver isto [aponta para um exemplar] vende-se por 200 ou 300 contos, se tiver as capinhas vai de 500 a 2000 contos. Veja a diferença!

Outro pormenor, o António Patrício, que eu não conheci, escreveu um livro chamado *O Oceano* e a Livraria Tavares Martins, onde o Sr. Guedes da Silva ainda trabalhava, era a que vendia e distribuía o livro. E ele passava por lá e perguntava: “Então, já se venderam alguns livros dos meus?”, “Já vendemos um e temos este aqui: esteve cá um cliente mas não o levou”, “Mas não levou porquê?”. Ele não levou porque tinha uma “cagadela” de mosca e o António Patrício respondeu: “Que importância tem uma cagadela de mosca num oceano?!” [risos]. Eu nunca mais me esqueci... (...)

**E. G. – Ao sábado organiza tertúlias, certo?**

N. C. – Sim, ao sábado junta-se sempre gente: dez, oito, doze. Um senhor vem de Bragança, quase sempre. Telefona-me, “Ó Nuno, estás aberto?”, “Sim, estou” e vem de autocarro. Há outro de Esposende, outro de Braga e vêm para conversar e, muitas vezes, até para contar aquilo que adquiriram.

**E. G. – Nas pessoas que se interessam pelo livro usado, há semelhanças de estatuto, profissão?**

N. C. – É uma gente muito especial, virada para a cultura, já não é qualquer indivíduo. Quase sempre ligada às Humanidades. O cliente que temos talvez em maior abundância é o médico, primeiro porque está ligado ao problema humano, à sensibilidade, ao sofrimento e, por outro lado, é o que tem mais dinheiro. E as grandes bibliotecas estão na mão de médicos; aliás, porque também muitos dos escritores foram médicos. E depois noutras áreas: também há professores (que também têm boas bibliotecas), ou mesmo até engenheiros, mas em menor escala. Quanto ao historiador, normalmente, acontece assim: quer o livro para estudar. Não está à espera da valorização do exemplar, se tiver uma segunda edição mais completa, vai para uma segunda edição porque lhe interessa mais. O historiador, ou qualquer indivíduo que estuda determinada temática, história da arte ou isso, procura os livros que lhe são indispensáveis e dentro dos livros que existam, os melhores.

**E. G. – Além das tertúlias, organiza exposições?**

N. C. – Sim, fazíamos noutros tempos muitas exposições e se tivesse espaço era capaz de fazer mais porque fazia exposições temáticas ou por autores. E depois chamava pessoas para fazer conferências sobre o tema. Ultimamente menos porque os anos vão pesando. (...)

**E. G. – Mas as exposições tinham reflexos económicos?**

N. C. – Tem, tem sempre. Aliás, como os leilões. Dizem assim: “Ah, mas eles compram nos leilões e depois você deixa de vender...”. Mas passam pelas livrarias e compram uma peça, outras duas ali e movimenta, o que é muito importante. Tudo o que possa movimentar e os leilões são muito importantes, porque vem gente de muitas partes do país e do estrangeiro, vêm encomendas. Eu tive um período, em que recebia os catálogos, mandava-os para o estrangeiro (para a *British Library* e tal) e dizia assim: “Vai realizar-se um leilão. Diga-me se alguns destes livros lhe interessam e, no caso de interessar, diga o preço porque lhe interessa comprar”. E aquilo para mim era um maná: às vezes, falavam de mil e eu comprava por trezentos, depois vendia-lhes por quinhentos, eles ficavam contentes porque poupavam quinhentos e eu ainda ganhava duzentos. Fiz isso muitas vezes, mas agora já não tenho aquele... pronto, vamos perdendo... e dava trabalho: eu escrevia a todas as embaixadas de países estrangeiros em Lisboa; eu cheguei a mandar mil catálogos para fora (para o Japão, etc.) e resultava, mas já me cansei porque vai dando para a sopinha [riso].

**E. G. – Mas chegou a organizar leilões?**

N. C. – Não, não. Leilões, não. Leilões ainda implicam mais trabalho. O leilão implica espaço, implica um leiloeiro, um pregoeiro, implica muita coisa e depois é a facturação. Não, isso já não.

**E. G. – E em relação ao site da Livraria?**

N. C. – Eu tenho um cunhado, que é especialista nisso. Trabalhava na *Telecom* e aprendeu lá muita coisa. E é ele que trata disso, que vai fazendo as alterações porque eu não tenho..., mas reconheço que dá resultado, claro.

**E. G. – E sentiu mais visibilidade ou não?**

N. C. – Nós fazemos os catálogos e entram na Internet como se diz agora. E mandamos os catálogos àqueles que não têm os tais emails. Vende-se muito mais através de catálogos do que aqui. Eles gostam de ter a coisa na mão, o catálogo físico. Logo que o catálogo está pronto, a funcionária mete-o aí e depois manda para a tipografia, que faz 500 catálogos e distribui-se pelo país e para fora. Pronto. E aí tem mais audiência, por catálogo. A pessoa, dá a impressão, ou por não terem e-mail, ou por serem velhos (que é capaz de ser o que acontece, porque são os mais velhos...) e estão habituados a ver o “catálogozinho”, tomam nota e tal, telefonam e outras vezes vêm ver os exemplares.

**E. G. – Qual é a importância dos catálogos?**

N. C. – Economicamente é fundamental porque, nos dias de hoje, é uma alavanca importante. Depois, serve também para tirar dúvidas aos clientes: os pormenores que tem, se tem ou não tem, se tem um retrato ou não tem, se tem uma gravura, se tem um pormenor que não saiu noutras edições, tudo isso é um elemento para o cliente que tem interesse. Até um colecionador que não lê vai ver: olha, este exemplar custa tanto, mas não tem as margens, tem capas de brochura, tem uma boa encadernação, e depois, é preciso criar a imagem. (...) Tem que se ser sério. Mesmo os defeitos têm que ser apontados, para o indivíduo não se sentir ludibriado. Eu aceito sempre a devolução, mas digo que estavam lá os defeitos e até, às vezes, exagerados, para quando o cliente receber o exemplar pensar: “Ah, afinal, o exemplar não tem tantos defeitos como diz aqui”. Porque depois, a pessoa, com o tempo, diz “manda vir”, já nem é preciso dizer nada. Se tivesse defeito, confia; se não vem registado, é porque está bom.

**E. G. – É o Sr. Nuno Canavez que selecciona os títulos dos catálogos?**

N. C. – Sim, sou eu e procuro agradar a gregos e a troianos.

**E. G. – Então, quando está a fazer essa selecção, quais são os critérios?**

N. C. – Sempre a literatura, a história, às vezes, em folhetos, coisas raras (até alvarás). Procuro um pouquinho de tudo, se tenho material, que é para eu poder ir a várias camadas sociais.

**E. G. – E também diversifica nos preços?**

N. C. – Sim, os preços variam. Procuro meter um livro mais vulgar, de vez em quando, exactamente para chamar a atenção. Às vezes, faz-se isto num livro relativamente raro que, imaginemos, anda para aí a dez contos, e a gente, às vezes, ganha se o meter a cinco ou a seis. Dizem: “Olha que coisa boa, vale a pena” e chama a atenção para os catálogos futuros. É o interesse, quer dizer, já não marginalizam, o catálogo quando vier, pode ser que tenha alguma coisa...

**E. G. – E os melhores livros vão sempre no catálogo?**

N. C. – Vão muitas vezes. E o melhor é o primeiro a vender-se. (...) Também temos a preocupação de não nos repetirmos. Por exemplo, às vezes, metemos livros muito bons – tenho aqui catálogos de 20 ou 30 mil contos. Os catálogos impressos estão na ordem dos 20 a 30 mil contos. Aí há uma preocupação de seleccionar, quer as edições quer os autores; dentro de um autor pôr os mais raros, mas depois, a seguir, não podemos repetir para não dizerem: “Afim, não vendeu, voltou a meter”. Não! É capaz, sim, de pôr depois uns seis meses e, às vezes, aquilo que não foi pedido nessa altura, seis meses depois ou um ano depois, tem quatro ou cinco pedidos: ou as pessoas não estavam interessadas, ou economicamente não podiam. É uma incógnita e, às vezes, aquilo que julgávamos vender fica e aquilo que julgávamos que ficava, vai.

**E. G. – E foi o Sr. Nuno Canavez que inaugurou esta era dos catálogos?**

N. C. – A nível de alfarrabistas do Porto, fui eu, na *Lusa*.

Em relação aos leilões, eu ia muito. Imaginemos que um livro valia dez contos e o leiloeiro não sabia e começava por 100 escudos. E aqueles que estavam a pôr dinheiro, sabiam que o livro valia dez contos, mas estavam a ver se alguém se distraía para comprarem por 100 aquilo que valia dez contos. E eu dizia assim: “Quanto é que está?”; “Está em 100 escudos”. Eu: “Ah, está em 100 escudos; então ponha cinco contos”. Eles ficavam assim, e eu acabava por comprar. E não se perdia tempo porque eles sabiam muito bem quanto valia. E até, muitas vezes, para defender o preço do que eu cá tinha! Por princípio, não podia deixar ir um livro por dez contos, se o tinha cá marcado por 20 contos ou 25. Se não diziam assim: “Vale a pena comprar no leilão. É muito mais barato do que tem o Nuno”. São várias coisas que jogam... [riso]

**E. G. – Recuando ao tempo do Estado Novo, como é que a Livraria viveu esses tempos de censura?**

N. C. – Sentia-se a censura, mas como esta livraria era uma livraria de livros em segunda mão, não sentia tanto como as livrarias de livros novos. Mas nós, o traquejo que tínhamos, fomos tendo ao longo dos anos, não era difícil saber se um livro era capaz de ser retirado do mercado. (...) Primeiro, porque nós sabíamos qual era normalmente o teor, a ideologia do autor, começava logo por aí. E depois, automaticamente, o autor procurava, até nas entrelinhas, claro, chamar a atenção para determinadas coisas, e dizer mal do governo. Mas, os censores, quanto a mim, os censores, naquilo que me foi dado a apreciar, que vinham (...) que, na realidade, proibiam, às vezes faziam-no, tenho a impressão, que sem critério nenhum, quer dizer, às vezes, o livro não era motivo para ser apreendido, não, mas claro, se falava na classe operária, se falava em qualquer coisa era o suficiente para o tirar. Portanto, (...) então o que é que acontecia? Acontecia que quando vinham os livros, nós deduzíamos que era susceptível de

ser apreendido e retirávamos alguns exemplares. Comprávamos e púnhamos um à venda de cada vez. Claro, os outros estavam debaixo... [risos].

**E. G. – Usava assim de umas estratégias...**

N. C. – É, exacto. Eu e todos. Portanto, depois vinham os clientes que nós sabíamos de antemão que eram susceptíveis de comprar e dizia-se, olhe, isto saiu agora e é capaz de ser apreendido (...) pronto, e até era meio caminho andado para vender. O cliente, também a pensar que de facto iria ser retirado, não queria perder a oportunidade, mesmo que ele não fosse. Mas era raro acontecer, quase sempre que retiravam. De maneira que vendia-se assim (...). Também eu fazia isto: não retirava tudo, deixava sempre um exemplar na montra, ou dois, não é. Imaginemos que comprava dez ou quinze, dois ficavam sempre visíveis, porque eles sabiam a quem tinham sido distribuídos os livros, a quem tinham sido vendidos. Portanto, vinham. Também os indivíduos que vinham não percebiam nada de livros, nada, mas mostrava-lhes as capas e tudo mais, e, portanto, vinham para apreender. E nós, com o traquejo, apercebíamos-nos com relativa facilidade, se o indivíduo vinha para comprar, ou se vinha ver se havia alguma coisa susceptível de deitar a mão para apreender: a maneira como se dirigia, a maneira como procurava os livros, dava a impressão que era um indivíduo que não estava familiarizado com os livros. Portanto, andava com a vista no ar, e tal, mas para ver se encontrava qualquer coisa, não era um indivíduo habituado ao livro. Portanto, não era difícil para nós apercebermo-nos... E, portanto, dois ou três, eles apreendiam.

**E. G. – Desses que deixava ali na montra?**

N. C. – Sim, evidentemente. (...) “Então já vendeu tudo? Não. São esses os que restam, esses que estão na montra”. Pronto, e eram esses que eles levantavam logo e levavam, ou então, às vezes, ficavam aí à guarda e mandavam buscar.



**E. G. – Mas tinha muitas visitas? Eram regulares?**

N. C. – Sim, sim, todos os meses, eles normalmente apareciam, e publicava-se menos do que hoje. Mas quase todos os meses, ou por um livro, ou por outro. Porque, também, vinham à procura de livros estrangeiros e, portanto, aqui não encontravam, raramente encontravam, porque havia livros de autores estrangeiros que eram, digamos... cuja ideologia não se coadunava com a que permanecia em Portugal e, portanto, eles deitavam-lhe a mão: a determinados autores, principalmente os autores que enveredavam pelo campo social. O que eles não queriam era que se falasse em sindicatos, nem coisas do género... para não deixar... a Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> já não é desse tempo, mas não podíamos parar cinco ou seis pessoas na rua, à noite por exemplo. (...) Era vulgar a gente ir para o *Imperial*, para ali... mas quatro ou cinco, se estivéssemos parados num passeio a conversar, a polícia não demorava muito a aparecer e a mandar dispersar. Porque imaginavam que a gente que... mas eles é que não queriam, à cautela, tinham ordens no sentido de dispersar. Às vezes, os governantes, sabe, não sei se... e o Salazar devia ser uma pessoa inteligente, mas eu constatei esta coisa curiosa: os livros, portanto, desses autores que defendiam o comunismo, ou coisas do género, vendiam-se imediatamente, de esquerda, como eles diziam, vendiam-se imediatamente. Deu-se o 25 de Abril, sabe que a classe que comprava antes os livros proibidos, foram os primeiros a rejeitar esse tipo de livros, porque, muitas vezes, compravam-se para saber o que se passava, com sentido da valorização do exemplar, e tal... e depois, como os comunistas tomaram determinadas atitudes, e aqueles que compravam não eram os pobres que compravam, eram o indivíduo, era a classe média, com receio que viessem alterar o seu percurso de vida, foram os primeiros a abandonar os autores de esquerda, e nunca mais os querem! Autores de esquerda, nunca mais. E depois também tiveram esta coisa, os comunistas... não é que eu... não tenho partido nenhum... mas os comunistas lançaram mão de publicações periódicas e acabaram, pronto, lançaram mão de um determinado número de artigos que começaram a deixar de se vender até que morreram. Que até ali eram imensamente procurados, como a *Seara Nova* e coisas do género, depois

morreram; o *Vértice*, outra revista também com ideias livres, com autores modernos, e tal. Desapareceram. (...)

**E. G. – Na altura do pós 25 de Abril, na primeira entrevista, disse-nos que foi um momento áureo do negócio, que vendeu muito nessa altura...**

N. C. – Ora bem, eu ainda comprei mais, ainda fui melhor pago.

**E. G. – Foi um bom momento para a compra. Pode explicar-nos porquê?**

N. C. – Porquê? Porque, de facto, essa gente de profissões liberais que estavam bem situadas na vida, tiveram receio que o comunismo se implantasse e, portanto, há que vender os bens, vender o que mais se pode, e muitos até que saíram daqui e transferiram verbas para os bancos lá para fora e tudo o mais. Era muito raro a pessoa que tivesse, digamos, as suas economiazinhas que as deixasse aqui nos bancos, não. Ali para Espanha (...) Suíça (...). Cheques chegavam, eu cheguei a fazer isso, cheques chegavam de Nova Iorque, da América... eu tinha quem mos comprasse, logo! Com vinte por cento de lucro ou isso... Ah, perdão! [Risos. Deslocou o gravador] Vinham aqui comprar-me os cheques. E depois, aconteceu que as pessoas tinham, de facto... não é o pobre que tem coisas boas, com raras excepções, é, normalmente, o rico ou remediado, como se queriam libertar das coisas, com receio que fossem, de facto, apanhados, e que fossem espoliados dos seus haveres, venderam. Venderam-se bibliotecas baratas, e muito boas, porque as pessoas queriam era ir-se embora. O salvar algum! Houve um período em que as pessoas capacitaram-se que o Partido Comunista ia tomar conta disto, no tempo do (...) e do COPCON, aquele... não me recordo, e pronto. Portanto, venderam por dez aquilo que era capaz de valer setenta ou oitenta.

**E. G. – Então nessa altura comprou bem, não vendeu bem?**

N. C. – Muito, muito [comprei]! Nessa altura eu dizia assim: Eu vou comprar. Aliás, a compra fascina-me. Vou comprar porque eu hei-de trabalhar para alguém, ou para mim, ou para o Estado, seja qual for o Estado que vier, eu hei-de trabalhar. Portanto, tenho de ter, vou ver se arranjo coisas boas, coisas vendáveis, coisas conceituadas, de autores já feitos, assuntos também de primeiro plano, de maneira que pronto, foi isso que eu fiz. Aplicar todas as economias (...). Depois, a seguir, quando as coisas começaram a acalmar, começou a vender-se. A vender-se muitíssimo bem. Quer dizer, aqueles indivíduos que tinham dinheiro aperceberam-se, de facto, que a coisa não era assim e voltaram... mesmo aqueles que já tinham vendido, voltaram a comprar. E os que não tinham vendido intensificaram as suas compras... e houve mais dinheiro, logo a seguir ao 25 de Abril houve muito mais dinheiro. Para lhe dar um exemplo, para já, agora, há quinze anos atrás, vendiam-se obras muito mais do que se vendem hoje. A mesma obra atingiu preços mais altos do que hoje.

**E. G. – E isso deve-se a quê? À crise?**

N. C. – Agora deve-se à crise. Crise, nesta maneira, quanto a mim, na minha óptica: o pobre não tem dinheiro, o remediado ficou pobre e o rico está na expectativa... A ver onde param as modas. Gasta o menos possível. Ele não sabe se isto vai para pior e, portanto, é preciso salvaguardar as suas economias. Portanto, é o último a investir. A não ser que saiba que é um investimento, digamos, de determinada grandeza e tem lucros garantidos, e lucros, digamos, avantajados. Portanto, agora isto está muito parado, muito muito parado, como nunca esteve. Eu não me lembro de isto estar tão parado...

**E. G. – Então, em suma, segundo percebo, a melhor fase para comprar foi após o 25 de Abril...**

N. C. – Exactamente.

**E. G. – As vendas, a fase em que melhor vendeu foi nos anos 80?**

N. C. – Isso, exactamente. Anos 80, havia muito mais volume de dinheiro, porque as pessoas transaccionavam, quer dizer, as pessoas... o dinheiro circulava, e como circulava, indirectamente o livro também foi arrastado nesse movimento: as primeiras edições, livros raros e tudo o mais, uns para assegurar o seu dinheiro, porque se chegou a uma altura, em que se dizia que o dinheiro não tinha grande valor, até (...) que dizia, “O dinheiro não vale nada!”. Mas só fala assim quem tem muito. Mas, portanto, era também uma maneira de capitalizar, comprando objectos.

**E. G. – E, por exemplo, nessas alturas de crise, como agora, vende menos, mas tem mais oferta de livros, para comprar bibliotecas?**

N. C. – Ora bem, pois é. Ora vamos lá ver. Muito mais oferta, mas de livro que não tem saída. Melhor: imaginemos que a pessoa não tinha grandes posses e foi comprando porque lhe batiam à porta o *Círculo de Leitores*, as *Seleções do Reader's Digest*, que massificaram, faziam tiragens enormíssimas, enormíssimas, e tal. E, normalmente, neste aperto que é grande, vêm vender. A mim não me chegava o largo para meter os livros todos, se os comprasse. Porque vêm vender, mas vêm vender uma coisa que toda a gente tem e que não tem procura, e como não tem procura, nós não compramos. Portanto, eles que julgavam que tinham ali o seu pé de meia... bem, muitos também compraram, nem compraram para ler, compraram para enfeitar; mesmo o que compraram para ler lá iam lendo. O que é certo é que agora, o que aparece é, de facto, o vulgar, aquilo que foi feito em grandes tiragens, porque o livro raro, a primeira edição, o autor conceituado continua a não aparecer, porque está nas mãos de gente que tem dinheiro e que não precisa de vender. A situação é esta, não vendem por causa disso mesmo.

**E. G. – E quando vai às compras pelo país nota padrões? Ou seja, em determinadas zonas existem bibliotecas típicas, com determinadas tipologias de obras?**

N. C. – Ora bem. Eu estou convicto que sim. Isso acontece. As grandes bibliotecas estão mais nos grandes centros, onde se concentram as pessoas formadas, pessoas com possibilidades, mais cultura e tudo o mais. Não quer dizer que nas províncias... já lhe vou dar um exemplo, a título de compra e de clientes: eu tenho incomparavelmente muito mais clientes no Minho do que em Trás-os-Montes, em Trás-os-Montes quase não tenho ninguém. Portanto, é muito mais fácil encontrar uma boa biblioteca no Minho do que em Trás-os-Montes. E quem diz no Minho, por exemplo, no Ribatejo, na Estremadura, encontra melhores bibliotecas, e mais, do que encontra na Beira Baixa, na Beira Alta, no Alentejo. Pode aparecer uma coisa ou outra, mas... [interrupção de um cliente]. Portanto, as províncias também, estou convicto, quanto mais encostadas ao litoral, melhor... o Minho talvez seja uma excepção, elas concentram-se, as bibliotecas melhores onde há mais gente e gente mais culta, porque as outras províncias estão despovoadas, completamente despovoadas. Ainda agora fiz um trajecto em Bragança, Mogadouro, Vinhais, Carrazeda de Ancyães, Vila Flor... andei por aldeias, que gosto muito de aldeias, não se vê ninguém, não se vê ninguém. Só velhos, parece que passou uma praga, um vírus que matou os novos; os novos antes de serem mortos, fugiram. Eu ainda um destes dias, não sei se já contei à Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, para lhe dar um exemplo, tem aquelas portas de vai-e-vem ali... e estava no balcão, e vi que um indivíduo ia entrar, e vi-o desequilibrado, ali, cai e não cai... e quanto entrou, vi que tinha muita idade, abri-lhe os olhos e disse: “O senhor ia caindo!”. E diz-me ele assim: “Esbarei”. “Esbarou? Então o senhor é de Trás-os-Montes? De Macedo, de Vila Flor, Mirandela, por ali, não é?”, “Andou muito perto”. Era de Alfândega da Fé. “Esbarou”, porque na minha terra ninguém diz “escorreguei”. Na aldeia é “esbarei”! Pronto, sinónimo de “escorregar”. Bem, abri-lhe outra vez os olhos, e tal, e disse-lhe assim, “Ouça lá, ó senhor...”, num tom um tanto ou quanto agressivo para ver a reacção dele, “... é de Alfândega ou é de algum buraco ali perto?”. Porque, normalmente, a tendência é dizer que é do centro, da sede do concelho, mas a maior parte das vezes as pessoas não são. É

o caso aqui do Porto, uma pessoa de fora... E ele não gostou da brincadeira e diz-me assim: “Olhe, eu não sou da Alfândega, mas não lhe vou dizer...”, mas arreliado, “...porque o senhor não conhece e eu estou a perder o meu tempo” [Risos]. Eu então saí do balcão, pus-lhe a mão no ombro e disse-lhe assim: “Olhe que eu estava a brincar consigo. Veja como eu o identifiquei quando o senhor disse ‘esbarrou’. Portanto, eu estou a brincar consigo, porque eu também sou de uma aldeia ali do concelho de Mirandela”. Pronto, ele apaziguou e tal, e disse-me isto assim: “Sou de Santa Justa”. “Então o senhor fica entre Oucízia e Vilarelhos...” – que era a terra do Camilo Mendonça – “...e passa-lhe um ribeiro pelo meio da aldeia”. Ele abriu os olhos: “Ah, o senhor conhece bem aquilo”. Eu conheço muito, de facto, as aldeias. Bem, diz-me ele assim: “Quando era garoto [ele tinha oitenta e oito anos], havia aproximadamente 400 pessoas na aldeia, hoje há trinta e sete e há doze anos que não nasce lá uma criança”. Este é o panorama geral, portanto, não podemos encontrar bibliotecas aí, nem pensar. Portanto, está tudo despovoado. E, é como lhe digo, onde é que há gente, há mais possibilidades de encontrar bibliotecas, e nos grandes centros, Porto, Lisboa, Coimbra, Braga e tal, mais bibliotecas ainda. Fora disso, no interior, lá no interior, são reduzidas.

**E. G. – Tem a ver com a própria riqueza da região...**

N. C. – Exactamente. E a cultura da pessoa (...). A pessoa, às vezes, faz sacrifícios, mas compra... e também das disponibilidades, que é muito importante, das disponibilidades que tem para comprar.

**E. G. – O tipo de livro que encontra lá é idêntico?**

N. C. – No livro antigo, era quase sempre o livro religioso. Onde é que eu encontrava esses livros, normalmente? Em bibliotecas que tinham sido de padres, ou então de direito antigo, que tinham sido de advogados. Quando o tema já é outro, o literário, o histórico, o artístico, já era pessoa com preparação, digamos,

mais... por exemplo... ou aqueles que se intitulavam de condes, ou viscondes, e tudo mais e tal... já tinham outras possibilidades e outra cultura e, portanto, tinham uma biblioteca que abarcava já vários temas, não é? Não se limitavam à religião, não, não... já iam à literatura, aos clássicos e passavam pela história, pela história das localidades, pelas monografias, abarcavam mais.

**E. G. – E quando percorre o país encontra casualmente estas bibliotecas, ou já sabe ao que vai?**

N. C. – Não, Não. Normalmente sou chamado para avaliar e, eventualmente, comprar. Mas, normalmente, sou sempre chamado. E depois como a Casa já tem algum nome... ainda ontem, fui ver um conjunto. (...) Mas, depois sabe que, na província, às vezes, porque não foi a própria pessoa, normalmente, não é a pessoa que compra que vende. São os herdeiros. E para eles, sinónimo de antigo é sinónimo de bom, o que nem sempre acontece. E quando, às vezes, imaginam que têm uma biblioteca boa, e tudo muito mais, e valiosa, eu só tenho duas alternativas: quando os vejo muito entusiasmados e quando o seu entusiasmo não corresponde à realidade, digo: “Não me interessa. Este não é o meu género de livros”. Para os não decepcionar, porque às vezes eu podia comprar. Mas, imagine que eu oferecia dez por uma coisa que eles imaginam que valia cem, pronto, e ficavam... então prefiro dizer: “Não me interessa”. Tem que se saber lidar com as pessoas. Mas, pronto, é isto. Mas onde predominavam os livros antigos era, sobretudo, no interior, normalmente, eram de carácter religioso porque eram de padres, ou Direito, normalmente em latim, e também livros religiosos, porque eram de advogados, ou gente que esteve ligada ao Direito...

**E. G. – E bibliotecas de médicos, ou não se encontram?**

N. C. – Encontram-se. Bibliotecas de médicos, nessas antigas nem tanto. O médico, há cem anos a esta parte, começou, de facto, a encontrar e a formar bibliotecas interessantes e até diversificadas, muito diversificadas, e mesmo até

algumas na província com primeiras edições, com tudo isso e tal, porque lá tinha possibilidades económicas...

**E. G. – Mas eram mais recentes...**

N. C. – Mas mais recentes... há cem anos a esta parte, ou menos até. Tinha mais dinheiro, tinha outra cultura, e tudo muito mais, portanto ia adquirindo. Normalmente, quando vêm pedidos de fora, da província, normalmente são médicos. Foi sempre a classe que neste país teve mais possibilidades de compra, quer no interior, quer no litoral.

**E. G. – E compra sempre em Portugal, ou vai ao estrangeiro?**

N. C. – Não. Compro a maior parte... Houve um período em que eu comprava muito no estrangeiro, ia à Inglaterra, ia à França, ia à Espanha, Itália, ou havia leilões, e eu recebia catálogos e também comprava.

**E. G. – Em que período?**

N. C. – Olhe, exactamente a seguir ao 25 de Abril, porque ia à procura... era relativamente vulgar encontrar num catálogo de um colega de Madrid, de Paris, livros portugueses que eles não sabiam qual a cotação, tal como nós se me aparecer. E, portanto, eu comprava. Pedia, e eles eram rigorosos na descrição das peças, porque o estrangeiro é muito rigoroso, os defeitos são apontados: a gente recebia o exemplar, muitas vezes, em melhor estado do que imaginava após a leitura da descrição, eles exageravam. E, portanto, como eles não estavam ao corrente do valor de uma primeira edição de um Torga, ou do Eça, pronto, nós adquiríamos essas peças várias vezes. (...) Mas a fonte é cá dentro. E a fonte são as mulheres, já disse à Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (...). Hoje nem tanto, mas há uns anos atrás, ui Jesus, era de facto... normalmente, era a primeira coisa a ir... ocupava espaço. E agora não, há uma coisa curiosa, Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, há dificuldade em



vender coisas grandes. O livro grande, o livro fora do formato normal dificilmente se vende, porque não há espaço: nem é cómodo para manusear, nem há espaço para o meter. Nota-se muito, muito, muito! Como uma revista, por exemplo, começa uma revista, até bem colaborada, com artigos interessantes... até aos primeiros trinta números, lindamente, e às vezes, valorizam-se brutalmente, mas se a revista vai aos cinquenta números e para cima, quer dizer, aqueles primeiros vinte números que eram raros de ter, começam a decair, a decair, porque começa a haver muito menos interesse na aquisição, porque não têm onde a meter. O espaço, hoje, é muito, muito importante.

**E. G. – Então os primeiros números de uma revista são mais valorizados?**

N. C. – Não, não. Mas acontece nas revistas o seguinte: o primeiro número, nem sempre, porque o primeiro número, normalmente, era uma tiragem até maior, para sondar o mercado. Mas depois, ao segundo ou ao terceiro número, eles verificavam que ficavam muitos no armazém, ficavam em stock, e então eles iam reduzindo [a tiragem]. E à medida que os seus assinantes iam morrendo, a redução ia-se acentuando. E, normalmente, nos últimos, a tiragem era muito menor do que nos primeiros. Valorizava. Às vezes, havia anomalias no primeiro volume, ou também o primeiro número teve uma procura muito grande por qualquer motivo. Uma corrida e esgotou-se. E, normalmente, o editor não voltava a editar, até para não desvalorizar o conjunto. Já leva em linha de conta a valorização da obra, portanto não reeditava, a não ser que a procura fosse tão grande, mas quando reeditava e punha, segunda edição, já não tinha o mesmo valor. Uma colecção de uma publicação com todos os números originais vale um preço, se pelo meio reeditaram dois ou três porque se esgotaram e houve procura, cai quase na vertical.

**E. G. – Muito obrigada pelo tempo que nos dispensou.**

**Entrevistado:** Nuno Canavez

**Local da entrevista:** Livraria Académica, Porto

**Entrevistador:** Eva Gomes

**Projecto:** O Comércio Alfarrabista no Século XX: a Livraria Académica

**Transcritor(a):** Eva Gomes

### **3.<sup>a</sup> Entrevista:** 11.09.2009

Eva Gomes (E. G.) – **Li numa entrevista que comprou uma biblioteca de 8000 livros. Quais foram as principais bibliotecas que já comprou?**

Nuno Canavez (N. C.) – Comprei bastantes, da ordem dos cinco mil volumes, oito mil volumes, isso comprei bastantes. Aqui no Porto e arredores, comprei muitas. Estou-me agora a recordar da do Sr. Américo Moreira da Silva; do professor Esteves Pinto; professor da Faculdade de Medicina; e de tantas outras, agora não me recorda. Eu comprei, ainda no tempo do Sr. Guedes da Silva, compraram-se muitas bibliotecas, a escritores, inclusivamente, famílias de escritores, famílias de estudiosos, de investigadores, muita coisa, muitas bibliotecas a ultrapassarem os cinco mil volumes.

E. G. – **Então, este valor de cinco mil, oito mil livros é um valor normal?**

N. C. – Hoje já é menos fácil. Não é que seja difícil encontrar, mas é que muitas vezes não nos compensa estar a comprar um conjunto grande... Mas, se eles são suficientemente bons, muitas vezes, obrigam-nos, levam-nos a que nós compremos o conjunto todo e o cliente não vende a não ser o conjunto e depois chama os livreiros; aquele que mais dá, mais amigo é do santo! De maneira que [risos], é assim... mas se os números em que tenho muito interesse é pequeno, não justifica comprar... porque o espaço também... Eu, às vezes, pergunto a mim mesmo, tenho aqui os armazéns assim como estão estes... estes são para um catálogo, mas eu digo assim, principalmente quando não durmo a noite toda: Ora

bem, eu estou numa idade que tenho de ter cuidado. Eu devia já me ter especializado há mais tempo em livros raros e muito raros, mas também não aparecem. Porque estar a comprar, acumular, acumular, eu terei sete, oito anos de vida útil, mais ou menos. E depois o que é que vou fazer? Depois a gente não vê continuidade (...) e a gente matuta. No entanto, no entanto..., se aparecer uma biblioteca para ver, eu esqueço isso tudo e vou vê-la com entusiasmo. É muito mais forte. [Toca o telefone]

**E. G. – O que vende mais. Literatura?**

N. C. – Literatura. Fundamentalmente literatura. Literatura é o que predomina, de longe. Literatura portuguesa, desde sempre. Depois tem outros géneros: uma coisa que se vende bem são monografias, livros sobre genealogia, sobre heráldica, livros de arte já se venderam melhor, crítica literária.

**E. G. – Desde sempre?**

N. C. – Desde sempre, desde que me lembro.

**E. G. – Entre livros caros ou livros mais baratos, calculo que sejam os livros mais caros que venda melhor, ou não?**

N. C. – Sim, quer dizer: não é difícil vender um livro raro, claro que não tem também tanto número de clientes, mas tem os suficientes para se vender imediatamente... Por cem contos, cento e cinquenta, duzentos contos... Mas, os outros também se vendem, o que é que, para realizar duzentos ou trezentos contos em arraia miúda é um trabalhão doido e o lucro é muito menor.

**E. G. – Então o livro raro não tem dificuldade em vender?**

N. C. – Não, não. Um bom livro, um livro raro, não há dificuldade nenhuma em vender, mesmo ainda hoje, mesmo em tempo de crise continua a vender-se.

**E. G. – E aqui na Académica, há grande margem para negociação, ou seja, quanto impõe um preço num livro há possibilidade de negociar esse preço ou é preço certo?**

N. C. – [Ausentou-se para avaliar uns livros ao balcão] Eu ponho o preço fixo do livro, mas aos clientes mais assíduos faço os tradicionais dez por cento. E também depende, às vezes, do tempo que se amarra a obra ao lote. Nós facilitamos, às vezes, mais porque tenho obras aí há vinte, trinta anos. Então, nessas obras somos capazes de facilitar, mais para ver se nos libertamos delas. (...)

**E. G. – Há discrepâncias em relação aos preços de uma livraria para outra?**

N. C. – Sim, muita! No livro usado, livro raro nota-se uma discrepância muito grande de livreiro para livreiro, porque não há... devia haver uma espécie de bolsa, mas não há. E, normalmente, quem marca mais caro, normalmente, são os livreiros mais novos. Dá a impressão que, cheios de fulgor, cheios de... marcam mais caro. O livreiro mais velho, que já tem muito traquejo, vai procurar a sua margem de lucro, sim senhor, mas é capaz de ser mais comedido. Mas há uma discrepância muito grande, há uma diferença de livreiro para livreiro. Depois, também acontece dizer assim o pretendente: “Afinal, a livraria tal tem mais barato do que você marca aqui”, ou vice-versa, não é? E eu digo assim, o estado de conservação do exemplar pode dar origem ao dobro do preço. Um exemplar que não esteja, de determinado livro raro, que não esteja como eu calculo que ele está, para poder vender com relativa facilidade, às vezes, prefiro não comprar. Porque há a ideia de que aquele livro é raro, e é, de facto, mas é vendável se ele estiver em boas condições para vender, e se tiver atributos... não sei se já disse à Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: assinatura de autor, se tiver uma assinatura de [proprietário] já

desvaloriza, se tiver um carimbo já desvaloriza, mas se tiver a dedicatória do autor, e depende da dedicatória...

**E. G. – Uma assinatura desvaloriza...?**

N. C. – Sim, uma assinatura, normalmente, de um cavalheiro qualquer, a não ser que o cavalheiro seja célebre (...) caso contrário, desvaloriza. Às vezes, eu não compreendo muito bem essa coisa, porque essa assinatura também serve para conhecer a trajectória do livro, qual foi o caminho que percorreu. Mas, o bibliófilo, ou melhor, não é bem bem o bibliófilo, é mais o coleccionador, aquele indivíduo que gosta de aplicar o seu dinheiro e saber que o seu dinheiro está bem aplicado. (...) O bibliófilo não é tão exigente e é capaz de condescender se o exemplar é raro. Ora, aquele que investe mais em livros, que é o coleccionador, que gosta de livros, mas só compra se for susceptível de se valorizar senão não compra, esse é mais exigente, e um pequeno defeito pode alterar por completo... Ainda hoje estava a ver um catálogo que me passou pela mão, onde vinha a descrição da primeira edição do *Só*: pedia setecentos contos e dizia “exemplar com carimbo de posse”, um carimbo de alguém... e “sem capas de brochura”. É muito mais fácil vender pelo dobro ou mais um exemplar perfeito com as capinhas de brochura, sem assinaturas, do que vender aquele, assim naquelas condições.

**E. G. – Então aquele *Só*, sem o carimbo e com as capas de brochura valeria quanto?**

N. C. – Valeria mil e quinhentos a dois mil [contos]. Agora vai, por exemplo, no leilão... eles não vão fazer agora a melhor parte, a melhor parte do leilão é a última, mas não vão fazer agora, vão começar em Janeiro por causa da gripe [A], eles têm medo agora da gripe. Era para Março. Era para Outubro. Vem um exemplar dos *Sonetos* de Antero de Quental (1.<sup>a</sup> edição), são vinte ou vinte e um sonetos, a primeira edição (...)

**E. G. – Ainda não foi à venda?**

N. C. – Ainda não, vai na última parte. Deve ir para dois mil contos, ou mais de dois mil... Portanto, é assim, sabe. (...) Outra coisa que não sei, que gostaria de dizer: normalmente, com raríssimas excepções, as entidades oficiais não se interessam pelas coisas. Com raras excepções! Em tudo há excepções. Mas, eu tenho aí... eu não sei se mostrei...

**E. G. – Mostrou, sim senhor.**

N. C. – Pois. O foral. Aquilo era uma coisa... também está aí, mas para a Câmara era uma coisa preciosa, preciosa! Uma peça, de facto, pronto! Mas não... É muito dinheiro, não dá votos e tudo muito mais. Mas numa noite há um fogo-de-artifício e gastam cinco mil contos no fogo-de-artifício. Juntam o povo, o povo vê e tudo muito mais, vai o Quim Barreiros, outros a cantar e tal. Com raríssimas excepções, também há excepções, mas a maioria esmagadora [dos autarcas] não se interessa pela parte cultural. (...)

**E. G. – E em relação à localização das livrarias: os preços dos livros variam tratando-se de uma livraria no Porto ou no interior?**

N. C. – Também varia em função dos autores. O Camilo, estamos a falar sempre de primeiras edições, o Camilo é mais valorizado no Porto do que em Lisboa. E porquê? Talvez porque ele era um homem, embora tendo nascido em Lisboa, veio de criança para uma aldeia de Vila Real. Toda a vida se processou no norte, aqui à volta do Porto. Os temas, por conseguinte, são também à volta de... portanto, mais valorizado aqui do que... Mas, há outros autores, por exemplo, o Pessoa, é capaz de dar mais em Lisboa. O Wenceslau de Moraes, que foi um homem que escreveu sobre o Japão e tudo muito mais e que é um autor cotado, atinge preços muito mais altos em Lisboa do que cá. Também aí, os preços oscilam conforme o local e conforme o autor.

**E. G. – E os autores vão sofrendo oscilações? Também existem modas?**

N. C. – Sim. E de que maneira! Eu tenho um exemplo... Eu recorda-me que, antigamente, andavam a vender livros nas ruas, em padiolas. Havia um tipo à frente, outro atrás, pegavam, metiam aqui umas asas e tal... e levavam um tabuleiro com livros e expunham onde é que achavam que era mais conveniente. Eu recordo-me de ver na Avenida dos Aliados, na Praça da Liberdade, e tal. E recordo-me de ver, por exemplo, o Teixeira de Pascoaes, Raúl Brandão, a saldo, saldo! Que ninguém queria! Quem diz esses, outros autores que ninguém queria. Mas, decorridos anos... isto, digamos em cinquenta, cinquenta e tal... Mas depois, a coisa alterou-se por completo: o Pascoaes hoje é muito procurado, o Raúl Brandão a mesma coisa. Um autor de hoje que ninguém quer é o Fernando Namora, não se vende, o Ferreira de Castro muito mal, e vendeu-se muito bem noutros tempos. Os autores oscilam conforme as épocas.

**E. G. – E encontra alguma explicação para isso?**

N. C. – Eu não sei. Eu julgo que quando o autor tem um texto que, de facto, se impõe, pode quebrar, mas ele volta outra vez a surgir e volta à flor da água, como se costuma dizer. Se o indivíduo não tem aquele mérito que é fundamental e imprescindível, a obra vai-se afundando. É menos procurado.

**E. G. – E também não estará dependente de episódios, ou seja, se é um ano comemorativo... não nota mais procura?**

N. C. – Sim, sim, também, mas isso é episódico. Se, por exemplo, há um autor que está adormecido, mas vai-se comemorar o centenário e ao comemorar o centenário se faz com uma certa dignidade... isso volta a chamar ao de cima o autor e é capaz de ser favorável. Depende das circunstâncias. De facto, um centenário, ou a recordação de um autor... por exemplo, temos agora um caso que está a correr: o Jorge de Sena durante muitos anos era pouco procurado, depois começou a ser procurado. E, como sabe, morreu em Santa Bárbara na

Califórnia, e esteve lá trinta e um anos sepultado. Agora já se encontra, julgo que em Lisboa, os restos mortais para serem sepultados no Alto de S. João, vai ser por estes dias... e então, há um mês a esta parte há uma procura grande de livros de Jorge de Sena. Vê que, de facto, há motivos que dão origem a que a pessoa, principalmente o indivíduo medianamente culto, se vá interessar por...

**E. G. – Então ia-lhe perguntar que factores contribuem para o interesse/desinteresse de determinado autor, mas ao fim e ao cabo são estes episódios...**

N. C. – Sim, sim, são estes episódios. Ou então um crítico literário também de nome vai buscar um autor que está adormecido, e que o descreve e diz “não se justifica nem se compreende porque é que este homem com este valor está assim...”. Então a partir daí começa... Eu contei-lhe um caso que nunca mais me esqueci: fui a um jantar comemorativo do Aquilino Ribeiro nos Fenianos, do Porto. Depois, as instituições noutros tempos tinham muito mais actividade do que têm hoje (...). Bem, fui lá. Estava o salão cheio e tal... e estava presente um autor que era o João de Araújo Correia e, às duas por três, disse-se: “Está entre nós um autor maravilhoso que descreve a região do Douro como ninguém”. Não se vendia o João de Araújo Correia. Também contribui a divulgação. A editora não divulgava convenientemente, portanto, as pessoas não adivinhavam, mas a partir daí nem queira saber... os jornais transmitiram aquilo tudo, começou a vender-se, a vender-se, a vender-se, e é, de facto, um grande autor. E pronto, as primeiras edições a esgotarem-se, a subirem dez vezes mais, por causa daquele indivíduo que tinha prestígio, que já era conceituado ter dito aquilo naquele sítio. Portanto, estes pormenores podem mudar a situação.



**E. G. – E em relação aos títulos: lembra-se de títulos que tenham tido uma procura extrema de um momento para o outro, ou decaíram?**

N. C. – Não, só quando são aqueles títulos que provocam polémica. Por exemplo, já que estamos no Aquilino Ribeiro (...) foi apreendido, polémica da grossa, porque ele insurgia-se contra o Estado por deitar mão aos baldios: até ali, os agricultores, os pastores, os guardadores de gado deitavam para a terra de ninguém o seu gado, apascentavam nesses locais. O Estado Novo proibiu, chamando os baldios... Isto deu origem a que o Aquilino Ribeiro escrevesse *Quando os Lobos Uivam*. Pronto, esse livro teve grande sucesso porque atacava o Governo. Tudo o que fosse atacar o Governo na época era garantido. Outro exemplo... que morreu... era um livro de um Telmo Ferraz: *O Lodo e as Estrelas*. Era um padre e para a época os padres retraíam-se porque viviam também à sombra do Estado Novo, mas, às vezes, surgia um ou outro, do género do bispo do Porto [D. António Ferreira Gomes] que... e então ele escreveu um livro, por sinal muito bem feito, *O Lodo e as Estrelas*, que descreve com toda a carga de dramatismo que envolvia a situação a vida dos indivíduos que iam fazer as barragens, a vida miserável... E ele faz, até numa linguagem poética, a descrição disso. Claro, foi apreendido imediatamente. Mas também deu polémica, e ainda deu mais até certo ponto porque era um padre. A situação do indivíduo bem pode contribuir para assanhar as coisas [risos].

**E. G. – Li na bibliografia que consultei, que diminuiu a procura de Camilo e Eça em prol de Pessoa. Concorde?**

N. C. – Diminuiu? Sim, sim! E eu compreendo, até certo ponto. O Camilo... eu admito que a juventude não se interesse muito por Camilo, porque relata casos que já não dizem nada. A não ser que esse jovem, mais tarde, se vá especializar naquela área e então ele tem necessidade de ler o Camilo e, de facto, ver a profundidade como ele descrevia a época. Ora, se, no caso de Júlio Dinis, que nós líamos na Instrução Primária e nos primeiros anos do Liceu, pois já aquele mundo desapareceu, portanto, eu acho que a juventude não tem motivos para se

agarrar aquilo, pois se ninguém evoca, muito menos. O Eça continua a ser um indivíduo marcante: é preciso lê-lo com atenção, e tudo muito mais, porque o Eça mantém-se bastante actual, ao contrário do Camilo. Mas também desceu a procura.

**E. G. – E, hoje em dia, quem é mais procurado?**

N. C. – Pessoa, sim, o Pessoa. Os Modernos como Pessoa, Mário de Sá Carneiro, que pouco escreveu, o Torga! O Torga já esteve mais, agora está ali a patinar um pouco. Mas, estes Modernos, que nos relatam as coisas dos nossos dias, das quais nós ainda nos lembramos estão mais em voga. E o Pessoa foi grande, de facto, grande. Muito grande. A gente começa a ler o livro *Desassossego*, e fica mesmo desassossegado! [risos] Eu tenho lá sempre à cabeceira da cama! Eu até estou a ler... estou a ler um livro interessante, um livro do Wenceslau de Moraes... mas ontem levei para casa um livro de um autor, que é um diálogo entre o Umberto Eco e um crítico, a propósito, exactamente, da duração do livro: se o livro se vai manter com estas novas tecnologias... interessante. Estou nas primeiras páginas, mas parece-me ser interessante. (...) E, às vezes, por exemplo, que o indivíduo está em queda... Fernando Namora está em queda, mas temos os seus cultores, os seus coleccionadores e tal. E há três ou quatro livros que são muito raros. Esses livros continuam a ser procurados e a atingir preços altos, porque o coleccionador quer completar a obra, quer ter. É capaz de nunca ir ler, mas quer completar. Esse factor de querer completar continua a manter a procura e o preço alto.

**E. G. – E Teixeira de Pascoaes? Muito procurado?**

N. C. – E agora continua procurado! Os poetas, quando atingem uma determinada... são procurados.

**E. G. – E Torga?**

N. C. – O Torga... quer dizer... não é tão procurado como foi noutro tempo. Quando ele, nas suas entrelinhas, quer nos seus poemas quer na sua prosa, estava sempre a atacar o Governo, ele era mais procurado, e era um indivíduo íntegro, de acesso difícil mas íntegro, porque veja que ele esteve ligado ao Partido Socialista, depois do 25 de Abril. Mas lá verificou que o Partido Socialista não era aquilo que ele imaginava, disse-o! Num dos seus livros disse-o. E abandonou. Afastou-se. Portanto, era um indivíduo sério, íntegro. E continua a vender-se, mas já teve período de muito mais procura.

**E. G. – Encontra diferenças nas faixas etárias dos seus clientes? Ou seja, os seus clientes mais novos procuram autores e títulos diferentes dos clientes mais velhos?**

N. C. – Sim, procuram, normalmente os autores mais modernos. Os mais velhos mantêm-se naquele fim do século XIX, princípio do século XX, andam por ali e tal. Vão até ao Pessoa mas, normalmente, já não vão além do Pessoa, e ao passo que a geração nova vai. Acompanha o movimento, em pequena escala, mas acompanha o movimento, e portanto... Lobo Antunes e essas coisas modernas...

**E. G. – O que é raro encontrar num livro? O que faz valorizar esse mesmo livro?**

N. C. – O que dá origem à valorização? Quanto a mim, em primeiro lugar, o que contribuiu para a valorização é o texto, quando o texto tem mérito e lhe é reconhecido, mais cedo ou mais tarde, ele vai ser chamado bem ao de cima. A tiragem também é influente. A elevação do autor, se o autor se guindou acima e se é muito procurado. Portanto, anda sempre à volta da lei da oferta e da procura. Portanto, é o texto, depois a tiragem, o estado de conservação... mil e uma coisas que podem contribuir para que o livro vá por aí acima.

E. G. – **Mas depois há a considerar características como a dedicatória...**

N. C. – Sim, já são extras.

E. G. – **Então que extras enumera?**

N. C. – Por exemplo, para o coleccionador e bibliófilo, principalmente o coleccionador, em primeiras edições de livros raros, é fundamental que o exemplar se mantenha limpo e em bom estado de conservação (...): com capa de brochura, a lombada e tudo isso... (...) Os coleccionadores modernos já não encadernam os livros, mantêm-nos em brochura, às vezes, põem-lhe papel de cebola, papel vegetal a envolvê-los e tal, mas já não encadernam. Mas, eu continuo a dizer que a encadernação, quando é bem executada, e quando preserva as tais capas e aquilo que pertence ao livro, só o valoriza, e evita que ele se vá danificando, se vá deteriorando. Porque muitos livros dos séculos XVI, XVII, XVIII, se não fosse a encadernação não tinham chegado até nós. Mas, para a valorização, para o coleccionador moderno e bibliófilo, é fundamental que o exemplar mantenha, integral, todas as suas margens, que não seja aparado, porque antigamente, também, há setenta, oitenta anos, cem anos, os livros eram guilhotinados. Antes, até se fazia uma tiragem, normalmente, encadernada e outra brochada. A encadernada, isto [mostrou], deitavam fora e guilhotinavam a toda a volta, porque diziam que se tornava depois mais fácil a leitura, ficava mais aparadinho... Por outro lado, também diziam que o encadernador quanto mais tirasse, melhor era para ele porque depois vendia as aparas, vendia o papel velho... De maneira que o livro deve manter as suas características iniciais. Se estiver bem encadernado, quanto a mim só valoriza, mas mantendo as características iniciais. Porque um livro destes, por exemplo, *O Crime do Padre Amaro*, primeira edição, sem as capas vende-se por trezentos contos, quatrocentos contos. Se tiver as capas, se tiver as margens, vai para mil ou mil e quinhentos contos. É que quando nós temos um exemplar perfeito e apresentamos ao coleccionador, o coleccionador pode-se torcer todo, mas não tem pretexto para dizer que tem aqui um defeitozinho. Não tem. A gente sabe que

ele não pode apresentar defeito ao exemplar. E, portanto, é aquilo. Tem dinheiro para o comprar ou não tem dinheiro para o comprar.

**E. G. – E dedicatórias, aumentam o valor?**

N. C. – Muito. Ora bem, a dedicatória aumenta nestas circunstâncias: se o autor já é cotado; se o livro em que está implantada a dedicatória é um livro raro, teve uma tiragem pequena, e depende do tipo de dedicatória. Se for, “Ao amigo, com um abraço”, não. Mas se a dedicatória envolve mais coisas, então valoriza, muito, muito. Se sai daquela dedicatória comum... o Saramago senta-se aí numa mesa e “tum, tum, tum”. Às vezes, é preferível que só assinem do que ponham a dedicatória. Aquilo é grande tiragem, é sempre igual. Ao passo que se a dedicatória é mais pessoal, uma pessoa por quem ele tem muita estima, muita consideração, ele vai preocupar-se em pôr uma dedicatória diferente, fugir à dedicatória corrente e levar ali o afecto e tudo mais e isso valoriza muito mais.

**E. G. – E além da dedicatória, há mais algum elemento que o livro possa conter e que o valorize?**

N. C. – Não. A não ser que tenha algum acrescento de algum indivíduo também célebre, e que se a dedicatória for também feita a um indivíduo conceituado. Eu não sei se contei este caso: uma vez tinha aí umas revistas chamadas *Jardins des Arts*, uma revista francesa. E essa revista acompanhava os leilões dos livros e registava a venda do livro. *A Madame Bovary*, do Gustave Flaubert, num leilão por, na nossa conta eram cinco mil contos, e eu tinha um exemplar da primeira edição da obra. E escrevi ao livreiro: “tenho aqui (...) um exemplar (...)”. Bem, mas eu tinha reparado que na descrição que eles tinham feito, o exemplar era de tiragem especial. Os franceses têm por hábito e, às vezes, só consideram primeira edição, o que quanto a mim erradamente, a tiragem especial, normalmente assinados pelo autor e numerados. E os restantes mil, ou dois mil, ou três mil é corrente. Embora saiam todos ao mesmo tempo, considerados todos

primeira edição. O exemplar que era da tal tiragem especial, mas tinha outra coisa: tinha uma dedicatória do Flaubert a outro grande vulto, ao Victor Hugo, e isso é que deu origem a... Eu tinha aí o exemplar da primeira edição vulgar, corrente, em brochura, mas eles disseram-me que um exemplar assim podemos lho comprar por vinte e cinco ou trinta contos na época, veja a diferença. [risos] É por isso que se diz “Ah! Primeira edição...”, é muito importante as circunstâncias do exemplar, o que é que o exemplar tem, porque um pode valer cinco, outro pode valer quinhentos.

**E. G. – E a própria história do exemplar, não tem influência? Li que numa biblioteca francesa, o principal livro que possuía era um pequeno livro que, aparentemente, não seria conceituado, mas que esteve na mão de um indivíduo que esteve na fogueira (e ainda tem os salpicos das queimaduras...).**

N. C. – Sim, pode. Desde que seja atestado que isso de facto corresponde à verdade, ou até anotado por um indivíduo que passou por... pode valorizar o exemplar. É como as calças do Michael Jackson, ou coisa do género, por pertencer a... porque há clientela para tudo. (...)

**E. G. – É possível dar-nos uma noção dos valores, ou seja, uma primeira edição, num livro bem conservado de, por exemplo, Miguel Torga, ou de Eça, ou de Pessoa...?**

N. C. – O Torga, a primeira edição pode ir desde quinhentos contos aos dez contos. Veja a oscilação. Depende da obra, da raridade. No Eça, pode ir dos dez contos na mesma, que ainda há primeiras edições do Eça a dez, quinze contos, vinte contos até mil contos. E assim sucessivamente, quer dizer, há uma oscilação muito grande nos autores. Ainda há primeiras edições do Camilo que vão a vinte contos, mas também há outras que vão a quinhentos contos: uma primeira edição do *Amor de Perdição*, um bom exemplar, vende-se por

quinhentos contos. E um outro livro, ou porque teve uma tiragem maior, ou porque o interesse não foi tão grande, portanto, não se vendendo, não teve a mesma procura...

**E. G. – O que pensa da restauração dos livros? Positiva ou negativa? Valoriza ou desvaloriza?**

N. C. – O restauro tem de ser feito por uma pessoa profissional. Valoriza. Se for feita por um profissional. Tem é de ter, de facto, capacidade para restaurar e saber o que é que está a fazer. Isso valoriza o exemplar. Recupera até certo ponto, mas não além disso. Às vezes, é preferível deixá-lo estar quieto, do que estar a fazer restauros que são atamancados.

**E. G. – Costuma fazer restauros?**

N. C. – Mando restaurar. (...) Mais os mapas. Ainda há pouco tempo mandei restaurar uma série de mapas, estampas, cartas da Bélgica e da Holanda, 1581. E ficaram muito bem porque a pessoa tem curso, especializou-se nisso, esteve em Londres, e tudo o mais, e faz a coisa com muita perfeição: usando um papel da época, onde é possível pôr papel... tem que ter muito cuidado para absorver... e a gente não se apercebe que está restaurado. Inclusivamente, se tem de tirar alguma coisa, tem que dar trabalho de cola à folha para ficar com a mesma textura, porque se não, é fragilizada a folha e susceptível de se partir... Tem que ser um indivíduo que saiba da poda!

**E. G. – Já vendeu a “Presença”?**

N. C. – Não. Está ali. A crise é grande! [Risos]

**E. G. – Pergunto porque ela foi comprada em 1989...**

N. C. – Não. Esta não. Esta já foi comprada há pouco tempo. Entretanto, a de 89 já a vendi (...) vendi-a para o Uruguai, para Montevideo. Para o Octávio C. de Assunção, esse exemplar. (...) Ele morreu, era um coleccionador que era de Fão e que fez fortuna grande, grande, grande com refrigerantes. Em Montevideo era um senhor. Para fazer aquisições, vinha uma secretária. Era um senhor que tinha o que havia de melhor em livros, em móveis portugueses, em jóias, tinha tudo. Seleccionava muito. (...)

**E. G. – E comprou-a há quanto tempo?**

N. C. – Comprei há três ou isso. Talvez ainda não haja três anos. E, no entanto, vendi mais duas, uma para um livreiro americano por dois mil e oitocentos contos, mas não estava como está esta. Esta está impecável.

**E. G. – E ainda não a terá vendido porquê?**

N. C. – Não há dinheiro. (...) Há dez anos atrás, este exemplar já tinha ido. E até há meia dúzia de anos já tinha ido. É o que eu digo, o rico começa a encolher-se, a ver onde páram as modas, começa a retrain-se.

**E. G. – Em relação aos leilões, fiquei com a impressão na nossa última entrevista, de que existem diferentes formas de organizar um leilão, até de organizar os próprios catálogos de um leilão. Há diferentes estratégias?**

N. C. – Sim, mas estratégia não há muita. A não ser que o indivíduo vá a uma biblioteca e seleccione os livros e portanto... [interrupção para ir analisar livros que um cliente trouxera ao balcão – “Agora é o que acontece, oitenta por cento das pessoas é para vender, para vender porcaria”.] Não, não [há grande estratégia para os leilões]. Quer dizer, o organizador do leilão... normalmente, o vendedor da biblioteca quer vender tudo e, claro, segue a ordem alfabética, o leiloeiro pode e deve, quanto a



mim, retirar, convencer o dono a retirar determinado número de coisas que não compensam porque o catálogo custa muito dinheiro, o trabalho, a impressão, tudo aquilo... Portanto, o que é que se utiliza? Ou se retiram aqueles livros que se sabe de antemão que não vão dar grande dinheiro, que são vulgares, ou se utiliza o sistema de fazer lotes.

**E. G. – No caso da biblioteca Laureano Barros?**

N. C. – Nem tanto, que nesse não há lotes. No Laureano Barros tem sido livro a livro e tal... e ainda não chegámos à parte, de facto, que vai fazer faísca, que é a parte final... mas é esse o critério. Quanto melhor forem os livros num leilão, quanto maior o número de livros bons, mais valoriza, vão valorizar os menos bons, ao passo que se os livros, a maioria for fraca desvaloriza os bons. A pessoa cansa-se. Um leilão é uma coisa estratégica: a pessoa tem de ser... estar ali aquele tempo, manter o possível o cliente atento, que não se distraia, e claro, ter, de facto, peças interessantes.

**E. G. – Pode ser vendido peça a peça ou em lotes?**

N. C. – Sim, pode. (...) Imagine que tem o Guerra Junqueiro, tem duas ou três primeiras edições e tem sete ou oito edições correntes. Eles destacam aqueles três e os outros, os sete, põe-nos no lote. Claro, dizem os títulos e as edições, pronto. E assim, ao mesmo tempo, eles vendem dez volumes.

**E. G. – Passando agora para os catálogos, uma curiosidade: distribui-os no mesmo dia a todos os clientes ou selecciona: envia primeiro os catálogos para os clientes mais habituais?**

N. C. – Ora bem... [riso] Olhe, agora já não tenho grande consideração. Inicialmente, eu fazia o seguinte: mandava primeiro oito dias para cá, para Portugal, porque eu mando trezentos catálogos para fora, para o estrangeiro (...)

e quinhentos para cá, à volta de oitocentos catálogos. Por que é que eu mandava mais cedo para cá? Porque tinha interesse que o livro ficasse cá, podia voltar a comprar mais tarde, como aconteceu muitas vezes. Ao passo que se for para o estrangeiro, dificilmente voltaria. Não só valorizava o stock nacional, digamos, o património cultural, e eu tinha ali possibilidades de voltar a comprar. Era uma semana que eu mandava, distribuía cá e depois mandava para o estrangeiro. Agora... há coisas curiosas, agora metemos na internet logo que sai feito, o que não concordo muito, porque ficam logo em desvantagem as pessoas que não têm computador. Nós temos pessoas que nos dão lá os e-mails ou lá o que é isso, e pronto, o catálogo entrou ali. Cinco minutos depois, ou dez minutos depois estão a pedir do Brasil, ou da Alemanha, e tal... Ao passo que os que recebem o catálogo, só passado quatro ou cinco dias. Mas, não se está à espera, porque o povo precisa de dinheiro, ou porque precisa de espaço, e tal e pronto. E vai logo. A funcionária que está doente agora, acabava de o fazer, ou corrigia, e ela: "Sr. Nuno, já está na internet". Mas, vende-se melhor através do catálogo, a pessoa apanhar o catálogo, ter o catálogo na mão, ainda hoje se vende mais do que pela internet.

**E. G. – Vende-se mais por catálogo, mas um cliente acaba por ter vantagem se receber pela internet...**

N. C. – Sim, isso, para nós, também nos tem prejudicado, digamos assim, porque se a gente é eficiente e acompanha as novas tecnologias, vai para a frente e tem mais clientela, mas como não acompanhamos, o cliente, muitas vezes, vinha aqui para comprar um livro, pesquisa na internet e manda-o vir de Lisboa, ou do Algarve, ou do Brasil, e nós deixamos de vender.

**E. G. – Mas aquela opção de enviar primeiro para Portugal e depois para o estrangeiro, hoje em dia mantém-se?**

N. C. – Não, não, não. Vão todos ao mesmo tempo. Os impressos vão todos ao mesmo tempo. Claro que aqui recebem mais cedo.

**E. G. – E já não faz distinção em relação aos clientes?**

N. C. – Não, não, não. Acontece muitas vezes, Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, clientes pedirem uma, duas, três, quatro, cinco vezes e o livro já ter sido vendido. E, às vezes, foi o telefonema anterior que tirou o livro, e as pessoas, sabe que, muitas vezes, não acreditam. Mas é assim: tem de se seguir rigorosamente a ordem por que chegaram os pedidos. Mas as pessoas ficam, depois, decepcionadas, “Então peço sempre, nunca encontro, nunca apanho”, mas isso é susceptível de acontecer.

**E. G. – E quanto costuma demorar entre o envio do catálogo e o telefonema, a primeira venda?**

N. C. – Antes, era assim: mandávamos o catálogo, a localidade também tinha influência, eu tinha, mesmo dentro do Porto, havia, na distribuição, diferença de um dia, às vezes, dois dias, conforme a zona. Às vezes, tinha indivíduos que, punha hoje no correio e amanhã estavam a pedir livros porque receberam às nove da manhã o catálogo e punham-se a ver... outros só recebem à tarde ou no dia seguinte. Isto acontecia aqui, e então se for para a província, ainda pior. E então, hoje em dia, distribuiu-se muito mal, dá a impressão que este tipo de correspondência é marginalizada e, portanto, entregam quando calha. Portanto, continua a haver... E depois, aqueles que têm computador, pois é rápido, enquanto que os outros ficam ali, aquilo adormecido... Ah, eu vendia, para ver como está o negócio, um catálogo, punha-o no correio, ao cabo de dez dias, eu tinha vendido dois terços do catálogo! São trezentos títulos. Até 1990, noventa e pico. Rapidamente, numa semana. Agora é exactamente o contrário: eu vendo

um terço e ficam dois terços. É assim, mas pronto. A gente não pode obrigar o cliente a comprar, é o inconveniente deste negócio. [Risos]

**E. G. – Pergunto-lhe, então, se as alturas em que a Livraria é mais procurada coincidem com o envio dos catálogos? E, porventura, por alturas de leilões?**

N. C. – Sim, sim, sim. Leilões porque o leilão chama gente. Por exemplo, eu tive aqui clientes que não viriam se não tivesse havido o leilão do Laureano de Barros. Como vêm de várias partes, aproveitam e dão a volta pelos livreiros. Portanto, os leilões movimentam o negócio, na medida em que trazem mais gente a circular. Ao contrário do que muita gente diz: “O leilão prejudica. O que vende o leilão não vendemos nós.” Não é correcto.

**E. G. – E os catálogos, não cheguei a perceber se são oitocentos que envia?**

N. C. – Eu envio oitocentos. Trezentos para o estrangeiro, actualmente, e quinhentos para cá. Mas vou passar a enviar menos porque muitos já recebem... [online].

**E. G. – Nessas listagens dos clientes, por acaso não tem as profissões deles?**

N. C. – Não, não, não, não. Não temos. Às vezes, de muitos sabemos, pelo contacto...

**E. G. – Li que, relativamente à revista *Águia*, existiam no Porto e em Lisboa livrarias depositárias e que faziam a sua distribuição. A Académica era uma delas?**

N. C. – Não, não.

**E. G. – Quando foi admitido aqui na Livraria, já existiam mais funcionários ou foi o primeiro?**

N. C. – Existia uma senhora, funcionária.

**E. G. – E como tem evoluído o número de funcionários da Livraria?**

N. C. – Olhe, isto teve sempre pouca gente. Ultimamente, era eu e mais duas funcionárias. Uma das funcionárias estabeleceu-se, a mais nova. A outra está doente. Está o meu rapaz comigo, só vem de tarde e, portanto, agora, estou um bocado... muito mais preso. Os emails e o diabo a quatro! Também não sei ir lá! Atrasado. Tudo atrasado. E eu vou dizer que estive de férias. Também não precisamos de tanta gente porque como as vendas diminuíram consideravelmente... por um lado precisamos, porque temos muitos livros que era preciso arrumar convenientemente, e até alguns deitar fora, mas eu tenho pena de deitar fora. Mas, por outro lado, como diminuiu, estamos assim.

**E. G. – É hábito deitar livros fora?**

N. C. – É. Não é muito vulgar porque tenho pena mas, às vezes, deito fora. Imagine, Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>, eu ter a ocupar... principalmente livros incompletos, são cinco volumes, só tenho três, que estão a ocupar um espaço que é precioso para outras coisas melhores, e está ali um ano, dois anos, três anos, quatro, cinco anos à espera que apareça o resto, porque, às vezes, completam-se, mas não é muito vulgar. Mas, não compensa. E, por outro lado, às vezes, eu tenho pena de mandar pela barra fora uma coisa que, passado oito dias vêm procurar, e é um folheto que não vale nada, ou pouco vale, mas lá chegou a hora dele, e a pessoa anda à procura e não encontra. Não é o valor intrínseco, mas é a satisfação que a pessoa sente em encontrar o folheto ou o livro que quer. Ainda ontem me perguntaram por dois livros de um autor, que é o António Pinheiro Torres que, às vezes, ainda andavam por aí; com certeza também foi na voragem.

**E. G. – Mas por que não doar? Deita mesmo fora?!**

N. C. – Deito fora mesmo. Dar, dou muitos para bibliotecas e tal. Mas quando são coisas incompletas, ou revistas, por exemplo, tenho muitas revistas que de um número tenho vinte exemplares, eu não vendo um, quanto mais vinte, então agarro em nove deito-os fora para arranjar espaço porque há livros em que eu não mexo há vinte anos, dez anos nas prateleiras.

**E. G. – Não haveria bibliotecas que aceitariam...?**

N. C. – Não, não. Não aceitam nada. E depois, pisam-nos, se for preciso. E quando pedem... agora não é tão vulgar, desde que apareceram as televisões. Antigamente, pediam-me com muita frequência, para a província e tal. E eu lá mandava cem livros para aqui, cinquenta para além, lá mandava com regularidade. Agora ninguém pede, é raro pedir. Muito raro. Vão à internet, vêem tudo. (...) Ainda estes dias mandei para a Santa Casa de Misericórdia de Mirandela que souberam que eu vendia livros e sabiam que eu tenho dado, lá mandei, para aí uns duzentos volumes, edições correntes...

**E. G. – Uma última pergunta: diz-se que a revista *Águia* foi pensada aqui, na Académica. É verdade?**

N. C. – Sim, sim. Passavam por aqui.... mas já não é do meu tempo. Ouvia o Sr. Guedes da Silva e ainda assisti à passagem de um ou outro elemento por aqui. O Sr. Guedes da Silva é que dizia que eles vinham da *Renascença* e passavam por aqui, paravam, trocavam impressões... juntavam-se aqui e depois continuavam. Um deles que eu vi aí foi o Jaime Cortesão, e outros, pronto. O Pascoaes, que ainda foi director. O Teixeira Rêgo. Lembro-me de meia dúzia deles. Mas o Sr. Guedes da Silva conhecia-os todos bem. Como sabe, eu era catraio. Portanto, nem me davam aceitação nenhuma. [Até ao final da entrevista, Nuno Canavez identifica personalidades numa fotografia antiga de uma feira do livro].

**E. G. – Ficamos por aqui. Muito obrigada pela disponibilidade e simpatia.**

O COMÉRCIO ALFARRABISTA NO SÉCULO XX: A LIVRARIA ACADÉMICA

# BIBLIOGRAFIA

## Bibliografia impressa

ADAM, C. (1984) – *Restauration des Manuscrits et des Livres Anciens*, Puteaux, Erec.

BALDACCHINI, Lorenzo (1995) – *Il Libro Antico*, Roma, La Nuova Italia Scientifica.

CAILLOIS, Roger (2001) – *Cases d'un Echivier*, in Daniel Desormeaux, «La Figure du Bibliomane», St. Genouph, Libraire Nizet.

CHECA, José Luis (1999) – *El Libro Antigo*, Madrid, Acento.

CONNOLY, Cyril (2000) – *La Caída de Jonathan Edax y Otras Piezas Breves*, Barcelona, Grijalbo-Mondadori.

CUADRADO, Amparo García (2002) – *Patologías del Libro Antigo. Conservación*, in «Tasación, Valoración y Comercio del Libro antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

DESHAIES, Bruno (1997) – *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*, Lisboa, Instituto Piaget.

*Diário das Sessões da Assembleia Nacional*, n.º 183, 15-12-1952, p. 375 (intervenção de Lopes de Almeida).

DIAS, João José Alves (1994) – *Iniciação à Bibliofilia*, Lisboa, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas.

DÍAZ, José Simón (2000) – *El Libro Español Antigo: Análisis de su Estructura*, Madrid, Ollero & Ramos.

DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza (2006) – *La Pasión por los Libros: un Acercamiento a la Bibliofilia*, Madrid, Espasa.

*El Oficio de Librero*, Madrid, Editora Nacional, 1978.



ESCOLAR, Hipólito (1993) – *Historia Universal del Libro*, Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

GARCIA, Manuel José Pedraza (2005) – *Análisis, Identificación y Descripción de los Elementos Materiales del Libro Antiguo. Tipología del Libro Antiguo*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

GARCIA, Manuel José Pedraza (2005) – *Instrumentos y Herramientas para la Identificación, la Tasación y el Comercio de Libros Antiguos: Descripción y Uso*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

GIL, Manuel Figueiredo dos Santos (1909) – *Commercio de Livros*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

GOMES, Pinharanda (1984) – *A “Renascença Portuguesa”: Teixeira Rêgo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

GÓMEZ, Fermín de los (2003) – *Los Preliminares en la Identificación del Libro Antiguo*, in «Comercio y Tasación del Libro Antiguo: Análisis, Identificación y Descripción (Textos y Materiales)», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

JOVER, José Ignacio Montobbio (2001) – *Elogi de la Bibliofília*, in «Bibliofília a Catalunya», Barcelona, Fundació Jaime I.

LAGUARDA, Carlos Clavería – *La Encuadernación: Análisis, Identificación y Valoración*, in «Comercio y Tasación del Libro Antiguo: Análisis, Identificación y Descripción (Textos y Materiales)», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2003.

LEÓN, Juan Francisco Pons (2002) – *Coleccionismo y Bibliografía*, in «Tasación, Valoración y Comercio del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

LEÓN, Juan Francisco Pons (2003) – *La Descripción del Libro Antiguo en la Librería: Objetivos y Metodología*, in «Comercio e Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

LEÓN, Ruan F. Pons (2005) – *La Librería Anticuaria: esse Mundillo Desconocido*, in «Valoración y Tasación del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

LEÓN, Ruan F. Pons (2004) – *Valor y Precio del Libro en la Librería*, in «Precio y Valor del Libro Antiguo: Textos y Materiales», Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

LOUREIRO, José Pinto (1954) – *Livreiros e Livrarias de Coimbra do Século XVI ao Século XX*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal.

MADRIAGA, Javier Solana (1985) – *Introdution*, in «Tesoros de España», s.l., The New York Public Library.

MARTINS, José Vitorino de Pina (2007) – *Histórias de Livros para a História do Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MCMURTRIE, Douglas C. (1997) – *O Livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MELERO, José Luis (2003) – *Leer Pra Contarlo: Memórias de un Bibliófilo Aragonês*, Zaragoza, Biblioteca Aragonesa de Cultura.

MESA, Luis Bordón (1996) – *Memorias y Anécdotas de un Librero Anticuário*, in «Mundo del Libro Antiguo», Madrid, Editorial Complutense.

PALAU, Antonio (1935) – *Memorias de un Librero Catalán*, Barcelona, Libreria Catalonia.

PEDRAZA, Manuel José; CLEMENTE, Yolanda; REYES, Fermín de los (2003) – *El Libro Antiguo*, Madrid, Editorial Síntesis.

PLANAS, Miquel i (1922) – *La Novela de un Bibliófilo*, Madrid, Librería de los Bibliófilos Españoles.

PORTER, José (1973) – *Los Libros*, Barcelona, ed. Autor.

RAMOS, Rui (2001) – *A Traição dos Intelectuais*, in José Mattoso (dir.), «História de Portugal», vol. 6, Lisboa, Editorial Estampa.

ROBERTS, Matt T.; ETHERINGTON, Don (1982) – *Bookbinding and the Conservation of Books*, Washington, Library of Congress.

RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio (1962) – *Los Pliegos Poéticos de la Colección del Marqués de Morbecq*, Madrid, Estudios Bibliográficos, p. 24.

ROVIRA, Francesc X. Puig (2001) – *Arquitectes i Editors dels Llibres de Bibliòfil*, in «Bibliofília a Catalunya», Barcelona, Fundació Jaime I.

SANTOS, Alfredo Ribeiro (1990) – *A Renascença Portuguesa: Um Movimento Cultural Portuense*, Porto, Fund. Engenheiro António de Almeida.

SEABRA, José Augusto (1980) – *O Porto e a “Renascença Portuguesa”*, in «O Porto e a Renascença Portuguesa», catálogo da exposição biblio-iconográfica sobre a Renascença Portuguesa, Porto, Fund. Engenheiro António de Almeida.

SOUSA, José Martinez de (1993) – *Diccionario de Bibliologia*, Madrid, Ed. Pirámide.

TUZZI, Hans (2000) – *Collezionare Libri Antichi, Rari, di Pregio*, Milão, Sylvestre Bonnard.

TUZZI, Hans (2006) – *Libro Antico, Libro Moderno: per una Storia Comparata*, Milão, Edizioni Silvestre Bonnard.

VÉLEZ, Pilar (2001) – *Libres Rares del Segle XX: del Llibre de Bibliòfil al Llibre D'Artista*, in «Bibliofília a Catalunya», Barcelona, Fundació Jaime I.

YÁNOVER, Héctor (1994) – *Memorias de un Librero: Escritos por Él Mismo*, Madrid, Anaya & Mario Muchnik.

ZAPELLA, Giuseppina (2001) – *Il Libro Antico a Stampa*, Milão, Editrice Bibliografica.

## PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

*Académica, o Amor pelos Livros*, in «O Tripeiro», n.º 2, 7.ª série, Ano XXVI, Fevereiro 2007, pp. 42-43.

*Alfarrabistas, uma Profissão com Poucos Cultores*, in «Porto Magazine», n.º 1, Ano I, Maio de 1991, p. 72.

*Antiguidades no Meridien do Porto*, in «Jornal de Notícias», 22.03.1995.

*A Tradição Ainda É o que Era*, in «Visão», 9 Dezembro 1996, pp. 49-51.

BARBOSA, Arnalda; ESTEVES, Paula – *A Tertúlia da «Académica»*, in «O Comércio do Porto», n.º 195, 13 Dezembro 1998, p. 2.

*Bibliofilia y Bibliófilos*, in «Pliegos de Bibliofilia», n.º 6, 2.º trimestre 1999, Madrid, pp. 49-55.

CADAFAZ, Manuel – *O Livreiro Luís Alvez e a Apreensão de Livros: uma Exposição de «Autos» em Campo de Ourique*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 6, Ano III (1999), Lisboa, Edições Távola Redonda, pp. 139-164.

*Comemorações Henriquinas Principiam Hoje no Porto*, in «Jornal de Notícias», 04.03.1994.

CORDEIRO, José Manuel Lopes – *Os 90 Anos da Livraria Académica*, in «Público», 15.12.2002, p. 52.

DÍAZ-MAROTO, Francisco Mendoza – *Bibliofilia y Facsímile*, in revista «Pliegos de Bibliofilia», 4.º trimestre de 1999, Madrid, pp. 43-52.

*Estoril Alberga Raridades Literárias*, in «Diário Popular», 30.09.1989, p. 5.

*Exposição Camoniana Abre Hoje ao Público*, in «Jornal de Notícias», 07.06.1995.

*Exposição de Jornais Recorda Marcos Históricos da Cidade*, in «Primeiro de Janeiro», 17.11.1987, p. 14.

*Feira do Livro Antigo pela Primeira Vez em Portugal*, in «O Século ilustrado», 1.10.1989.

*Feira do Livro Antigo Realiza-se na Invicta*, in «O Primeiro de Janeiro», 23 de Outubro 1991, p. 34.

FÉRIA, Lourdes – *Nuno Canavez, Livreiro de Mérito*, in «Revista Tempo Livre», n.º 155, Dezembro 2004, pp. 42-44.

GALLEGO, Elena; CÓRDOBA, Irene – *Las Subastas de Libros: Apuntes Para no Iniciados*, in revista «Pliegos de Bibliofilia», n.º 17, 1.º trimestre 2002, Madrid, pp. 11-16.

GARCIA, Pinto – *5 de Outubro: a Realidade Desconhecida*, in «Flama», n.º 1389, 11 Outubro 1974, pp. 48-53.

GARCIA, Pinto – *O Porto de que Ninguém se Lembra*, in «Flama», n.º 1355, 22 Fevereiro 1974, pp. 43-44.

GUIMARÃES, J. F. – *Camilo na Académica*, in «Primeiro de Janeiro», 18.04.1990.

*J. M. Almarjão, um Livreiro-Antiquário Lisboeta ao Serviço dos Investigadores Há Cerca de Meio Século*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 1, Ano I (1997), Lisboa, Edições Távola Redonda, pp. 175-178

*Ler ou Não Ler, Eis a Questão*, in «Maria Rita», n.º 7, ano I, 4.06.1932, pp. 8-9.

*Livraria Académica Comemora 80 Anos*, in «Público», n.º 1003, 02.12.1992, p. 6.

LOUREIRO, Olímpia – *O Livreiro Horácio Moreira: Memórias de Ontem, Sentidos de Hoje*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 5, Ano III (1999), Lisboa, Edições Távola Redonda, pp.159-163.

MADUREIRA, Raquel – *O Alfarrabista que Vende Livros a Mário Soares*, in «Meia Hora», 29.10.2007, p. 7.

MARTINS, José Vitorino de Pina – *Eugenio Asensio: o Humanista, o Investigador, o Bibliófilo*, in «Revista Portuguesa de História do Livro», n.º 2, Ano I (1997), Lisboa, Edições Távola Redonda, pp. 25-46.

MELO, Filipa – *O Pó dos Livros*, in «Visão», n.º 17, 15 a 21 Julho 1993, pp. 84-87.

MUÑOZ, José Maria Carrascal – *La Bibliofilia*, in «Cuadernos de Bibliofilia», n.º 1, Julho 1979, Valencia, Albatros, pp. 51-60.

*Nuno Canavez: “O Bibliófilo”*, in «Jornal de Letras, Artes e Ideias», n.º 662, ano XV, 28.02.1996, p. 9.

*O Espólio de Gaspar Simões*, in *Expresso*, 11.04.1987

PACHECO, Fernando Assis – *Nuno Canavez, Livreiro Antiquário*, in «O Jornal Ilustrado», n.º 732, 3 a 9 de Março de 1989, p. 14.

QUEIRÓS, Luís Miguel – *Livraria Académica Faz 95 Anos*, in «Público», n.º 6198, Ano XVIII, 19 de Março de 2007, pp. 22-23.

*Revisitar o Douro e Trás-os-Montes numa Exposição de Livros e Memórias*, in «Jornal Notícias», 29.04.1986.

RHEIMS, Maurice – *El Libro Como Objeto de Valor*, in «Cuadernos del Bibliofilia», n.º 4, Abril de 1980, Valência, Albatros, p. 27.

RIOS, Alice – *Capas Ilustram Festa na Livraria Académica*, in «Jornal de Notícias», 27.11.2002.

SAMUEL, Paulo – *Alfarrabistas do Porto*, in «Tripeiro», n.º 1, 7.ª série, ano XII, Janeiro 1993, pp. 19-22.

SANTOS, Jorge – *Lojas Antigas: Livraria Académica*, in «Comércio Portuense», n.º 14, III série, Setembro/Outubro de 1998, pp. 8-10.

SILVA, Germano – *O Último Alfarrabista*, in «Expresso», n.º 1568, 16.11.2002, pp. 66-69.

SILVA, Germano – *Tertúlia Cultural*, in «Visão», n.º 614, 9-15 de Dezembro de 2004, p. 7.

TEIXEIRA, Luís C. – *As Traças Também Têm que Viver Coitadas*, in «Eito Fora», n.º 14, Ano III, Set. 2000, pp. 18-21.

*Trás-os-Montes e Alto Douro é Tema de Exposição de Livros*, in «O Primeiro de Janeiro», 27.04.1986.

TRIGO, Pedro – *Ser Alfarrabista é Encantador*, in «Das Artes Das Letras», 19 de Março de 2007, p. 21.

*Uma Livraria do Porto Coetânea da “Renascença Portuguesa”: a Livraria Académica*, in «Cultura e Arte», n.º 21, IV série, 13.12.1987, p. 84.

VELUDO, Fernando – *Os Livros do Infante*, in «Público», 07.03.1994, p. 44.

VINDEL, Francisco – *Los Bibliófilos y sus Bibliotecas desde la Introducción de la Imprenta en España Hasta Nuestros Días*, in Luciano Castañón, «Notas sobre Bibliofilia», Cuadernos de Bibliofilia, n.º 8, Abril 1981-82, Valencia, Albatros, pp. 43-52.

## WEBGRAFIA

- <http://www.alfarabi.com.br/sebo.html> (consultado a 13.06.2010).

- [http://ecom.fov.unimb.si/proceedings.nsf/0/79c9b259518e1e74c1257180002feceb/\\$FILE/04\\_Lloyd.pdf](http://ecom.fov.unimb.si/proceedings.nsf/0/79c9b259518e1e74c1257180002feceb/$FILE/04_Lloyd.pdf) (consultado a 01.04.10).

- <http://www.moreiradacosta.com/> (consultado em 06.04.10).

- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Frei\\_Gil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Frei_Gil) (consultado a 06.04.2010).

- <http://www.mun-setubal.pt/Actividade+Municipal/Cultura/Pessoas/Personalidades/Bocage.htm> (consultado a 06.04.2010).

- <http://bibliomanias.no.sapo.pt/alfatext.htm> (consultado a 13.12.2010).